

ILUSTRAÇÃO



OBRAS DE JULIO DANTAS

PROSA

| | |
|---|--------|
| ABELHAS DOIRADAS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. | 8\$00 |
| — (1.ª edição), 1 vol. br. | 15\$00 |
| AMOR (O) EM PORTUGAL NO SÉCULO XVIII — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br. | 12\$00 |
| AO OUVIDO DE M. ^{me} X. — (5.ª edição) — O que eu lhe disse das mulheres — O que lhe disse da arte — O que eu lhe disse da guerra — O que lhe disse do passado, 1 vol. Enc. 14\$00; br. | 9\$00 |
| ARTE DE AMAR — (2.ª ed.), 1 vol. Enc. 13\$00; br. | 8\$00 |
| CARTAS DE LONDRES — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br. | 10\$00 |
| COMO ELAS AMAM — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. | 8\$00 |
| CONTOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. | 8\$00 |
| DIALOGOS — (2.ª edição), Enc. 13\$00; br. | 8\$00 |
| DUQUE (O) DE LAFÕES E A PRIMEIRA SESSÃO DA ACADEMIA, 1 vol. br. | 1\$50 |
| ELES E ELAS — (4.ª ed.), 1 vol. Enc. 13\$00; br. | 8\$00 |
| ESPADAS E ROSAS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. | 8\$00 |
| ETERNO FEMININO — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br. | 12\$00 |
| EVA — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br. | 10\$00 |
| FIGURAS DE ONTEM E DE HOJE — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. | 8\$00 |
| GALOS (OS) DE APOLO — (2.ª edição), 1 volume Enc. 13\$00; br. | 8\$00 |
| MULHERES — (6.ª edição), 1 vol. Enc. 14\$00; br. | 9\$00 |
| HEROISMO (O), A ELEGANCIA E O AMOR — (Conferências), 1 vol. Enc. 11\$00; br. | 6\$00 |
| OUTROS TEMPOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. | 8\$00 |
| PÁTRIA PORTUGUESA — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br. | 10\$00 |
| UNIDADE DA LÍNGUA PORTUGUESA — (Conferência), 1 fol. | 1\$50 |
| ALTA RODA — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br. | 10\$00 |

POESIA

| | |
|---|-------|
| NADA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br. | 6\$00 |
| SONETOS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 9\$00; br. | 4\$00 |

TEATRO

| | |
|---|-------|
| AUTO D'EL-REI SELEUCO — (2.ª edição), 1 vol. br. | 3\$00 |
| CARLOTA JOAQUINA — (3.ª edição), 1 vol. br. | 3\$00 |
| CASTRO (A) — (2.ª edição), br. | 3\$00 |
| CRUCIFICADOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. | 8\$00 |
| D. BELTRÃO DE FIGUEIROA — (5.ª edição), 1 vol. br. | 3\$00 |
| D. JOÃO TENORIO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. | 8\$00 |
| D. RAMON DE CAPICHUELA — (3.ª edição), 1 vol. br. | 2\$00 |
| MATER DOLOROSA — (6.ª edição), 1 vol. br. | 3\$00 |
| 1023 — (3.ª edição), 1 vol. br. | 2\$00 |
| O QUE MORREU DE AMOR — (5.ª edição), 1 vol. br. | 4\$00 |
| PAÇO DE VEIROS — (3.ª edição), 1 vol. br. | 4\$00 |
| PRIMEIRO BEIJO — (5.ª edição), 1 vol. br. | 2\$00 |
| REI LEAR — 2.ª edição, 1 vol. Enc. 14\$00; br. | 9\$00 |
| ROSAS DE TODO O ANO — (10.ª edição), 1 vol. br. | 2\$00 |
| SANTA INQUISIÇÃO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br. | 6\$00 |
| SEVERA (A) — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. | 8\$00 |
| REPOSTEIRO VERDE — (3.ª edição), 1 vol. br. | 5\$00 |
| SOROR MARIANA — (4.ª edição), 1 vol. br. | 3\$00 |
| UM SERÃO NAS LARANJEIRAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. | 8\$00 |
| VIRIATO TRÁGICO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. | 8\$00 |

Pedidos à

S. E. PORTUGAL-BRASIL
Rua da Condessa, 80 — LISBOA

OU À LIVRARIA BERTRAND
Rua Garrett, 73 e 75 — LISBOA

A obra mais luxuosa e artística
dos últimos tempos em Portugal
Saíu o tomo 36 completando o 3.º e último volume
da monumental

HISTORIA DA LITERATURA PORTUGUESA ILUSTRADA

publicada sob a direcção
de

Albino Forjaz de Sampaio
da Academia das Ciências de Lisboa

Os três volumes publicados da HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA, ILUSTRADA, compreendem desde as suas origens aos fins do século XVIII. Impressa em **magnífico papel couché** os seus três volumes são um album e guia da literatura portuguesa contendo além de estudos firmados pelas maiores autoridades no assunto, gravuras a côres e no texto de documentos, retratos de reis, sábios, poetas, e escritores, vistas, gravuras, quadros, autógrafos, portadas de edições raras ou manuscritos preciosos, monumentos de arquitectura, estátuas, cerâmica, ourivesaria, tapeçaria, mobiliário, bandeiras, armas, selos e moedas, lápides, usos e costumes, bibliotecas, músicas, iluminuras, letras ornadas, fac-similes de assinaturas, plantas de cidades, encadernações, códices antigos, vinhetas, marcas tipográficas, etc. O volume 1.º com 11 gravuras a côres fóra do texto e 1005 no texto; o 2.º com 11 gravuras a côres e 576 gravuras no texto e o 3.º com 12 gravuras fóra do texto e 576 dentro o que constitui um núcleo de **1.168 páginas com 34 gravuras fóra do texto e 2.175 gravuras no texto.**

A HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA ILUSTRADA, é escripta pelas **mais eminentes figuras da especialidade**, nomes escolhidos entre os membros da Academia das Ciências de Lisboa, professores das Universidades, directores de Museus e Bibliotecas, nomes que são imperecíveis nas letras portuguesas. Assim sobre vários assuntos firmam artigos A. Botelho da Costa Veiga, Afonso de Dornelas, Afonso Lopes Vieira, Agostinho de Campos, Agostinho Fortes, Albino Forjaz de Sampaio, Alfredo da Cunha, Alfredo Pimenta, António Baião, Augusto da Silva Carvalho, Conde de Sam Payo, Delfim Guimarães, Fidelino de Figueiredo, Fortunato de Almeida, Gustavo de Matos Sequeira, Henrique Lopes de Mendonça, Hernâni Cidade, João Lúcio de Azevedo, Joaquim de Carvalho, Jordão de Freitas, José de Figueiredo, José Joaquim Nunes, José Leite de Vasconcelos, José de Magalhães, José Maria Rodrigues, José Pereira Tavares, Júlio Dantas, Laranjo Coelho, Luís Xavier da Costa, Manuel de Oliveira Ramos, Manuel da Silva Gaio, Manuel de Sousa Pinto, Marques Braga, Mosés Bensabat Amzalak, Nogueira de Brito, Queiroz Veloso, Reinaldo dos Santos, Ricardo Jorge e Sebastião da Costa Santos.

Cada tomo de 32 páginas 10\$00

**AINDA SE ACEITAM ASSINATURAS
DURANTE ALGUMAS SEMANAS**

Cada volume, encadernado em percalina 160\$00

" " " " carneira 190\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Só
FLIT
me
convem...



Mata rapidamente os mosquitos que perturbam o meu sono

Nas casas onde FLIT fôr pulverizado, os mosquitos não perturbarão o socego. Os vapores do poderoso FLIT matam, rapidamente, todos os incómodos insectos sendo, todavia, inofensivo para o homem e para os animais domésticos. FLIT não mancha e é vendido, **unicamente**, nas latas amarelas **seladas**, com o soldado e a barra preta. FLIT nunca é vendido de outra forma.



Representantes Exclusivos para Portugal, Ilhas e Colónias
ESTABELECIMENTOS JERONIMO MARTINS & FILHO
13, Rua Garrett, 23 - LISBOA

ILUSTRAÇÃO

Propriedade da Livraria Bertrand (S. A. R. L.)

Editor: José Júlio da Fonseca

Composto e impresso na Imprensa da PORTUGAL-BRASIL - Rua da Alegria, 100 - Lisboa

PREÇOS DE ASSINATURA

| | MESES | | |
|--------------------------------------|--------|--------|---------|
| | 3 | 6 | 12 |
| Portugal continental e insular | 30\$00 | 60\$00 | 120\$00 |
| (Registada) | 32\$40 | 64\$80 | 129\$60 |
| Ultramar Português | — | 64\$50 | 129\$00 |
| (Registada) | — | 69\$00 | 138\$00 |
| Espanha e suas colónias | — | 63\$00 | 126\$00 |
| (Registada) | — | 67\$50 | 135\$00 |
| Brasil | — | 66\$00 | 132\$00 |
| (Registada) | — | 75\$00 | 150\$00 |
| Outros países | — | 75\$00 | 150\$00 |
| (Registada) | — | 84\$00 | 168\$00 |

Administração - Rua Anchieta, 31, 1.º - Lisboa

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA



Porquê?

— Se sofre é porque quer. Por isso não se queixe. Razão de queixa tinham os nossos avós que não conheciam a Cafiaspirina. Era o triste jús da sua época. Hoje, graças á Cafiaspirina, completamente inofensiva para o organismo, a dôr desapareceu. So sófrem os que a não usam!



Cafiaspirina

O PRODUTO DE CONFIANÇA

Acaba de sair a 3.ª edição

ANTEU

POEMA DRAMÁTICO

— POR —

JOÃO DE BARROS

1 volume brochado 8\$00

À venda em todas as livrarias

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 - LISBOA

ÊXITO FORMIDÁVEL

Um livro que interessa a todos

Arte de enriquecer

Tradução de AGOSTINHO FORTES

Um livro que pode dar um modo de vida ou preparar a fortuna

2.ª edição, 276 págs., br. 10\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 - LISBOA

UM LIVRO NOTÁVEL que pelo seu valor incontestavel está fazendo grande sensação

Arte de prolongar a mocidade e a vida

PELO **Dr. A. LORAND**

Médico em Carlsbad—Sócio correspondente das Academias de Medicina de Madrid e Sevilha

Tradução do Dr. JOSÉ BACELAR, MÉDICO

Obra publicada na Alemanha, Inglaterra, Hungria, Checoslovaquia, Espanha, Dinamarca, Holanda, Estados Unidos, Italia, Suecia, França

INDICE:

CAPITULO I—Relação das glandulas vasculares sanguineas com a velhice

I. A velhice precoce é devida a alterações das glandulas vasculares sanguineas: glandula tiroidéa, glandulas genitais.—II. Influencia das glandulas sanguineas sobre o sistema nervoso.—III. Factores que concorrem para alimentar os tecidos e compor o nosso aspecto exterior.—IV. Relação das glandulas vasculares sanguineas com a hereditariedade e a longevidade.

CAPITULO II—A velhice

I. Causas da velhice.—II. Generalidades sobre a maneira de afastar e de tratar a velhice.

CAPITULO III—Desintoxicação do organismo

I. Generalidades sobre a destruição e a eliminação das substancias toxicas.—II. A actividade tiroidéa sustentada por uma hygiene bem compreendida.—III. Hygiene do figado.—IV. Modos de evitar as influencias que prejudicam as capsulas supra-renais. Causas e tratamento de arterioesclorose.—V. Causas e tratamento da prisão de ventre chronica.—VI. Hygiene do intestino.—VII. Causas e profilaxia da apendicite.—VIII. Causas das doenças dos rins e maneira de evitá-las.—IX. Eliminação das substancias toxicas pela pele.

CAPITULO IV—Hygiene da pele e dos rins

I. Algumas notas sobre a hygiene da pele.—II. Maneira racional de vestir.—III. Os banhos.—IV. Meios de provocar o suor.—V. Algumas considerações sobre os pés frios.

CAPITULO V—Ar, luz e movimento

I. Desportos e exercicios fisicos.—II. Acção terapeutica da luz solar.—III. A vida ao ar livre.—A ginastica respiratoria.—IV. Perigo da permanencia nas casas fechadas.—V. O aquecimento higienico e aquele que não é higienico.

CAPITULO VI—Hygiene alimentar

I. Algumas considerações sobre a hygiene alimentar.—II. Alimentação carnea. Suas vantagens e seus perigos.—III. Hidratos de carbono

e gorduras. Utilidade dos legumes e das frutas.—IV. O abuso da carne é prejudicial.—V. Vantagens duma alimentação lactea abundante.—VI. Vantagens e inconvenientes dum regimen vegetariano exclusivo.—VII. Excitantes do apetite. Vantagens duma boa mastigação.—VIII. Vantagens e inconvenientes do alcool.—IX. Causas do alcoolismo. Maneira de fugir a elle.

CAPITULO VII—O sono

I. O sono e as suas funções anti-toxicas.—II. Hygiene do sono.—III. Tratamento racional da sonolencia e da insonia.

CAPITULO VIII—A vida sexual

I. Influencia das glandulas sexuais sobre a vitalidade e a longevidade.—II. Hygiene sexu l. Perigos da superactividade ou da abstinencia sexual completa.—III. Vantagens do matrimonio.

CAPITULO IX—Hygiene do espirito

I. A velhice é muitas vezes consequencia das agitações da alma.—II. Algumas reflexões sobre a maneira de evitar e de tratar a má disposição, os desgostos e a angustia.—III. Vantagens higienicas do espirito religioso.—IV. A doença não é mais de que a expressão das tentativas de cura da natureza.—V. Conselhos higienicos áqueles que se dedicam a um trabalho intelectual intenso.

CAPITULO X—Tratamento da velhice

I. Tratamento medico da velhice.—II. Profilaxia e tratamento da velhice por meio da organoterapia.—III. Tratamento da velhice pelos raios ultra-violetas, do sol natural ou do sol artificial.—IV. Emprego do sangue como alimento ferruginoso e como alimento organoterapico.

CAPITULO XI

Como guardar um aspecto juvenil.

CAPITULO XII

Os doze mandamentos da longevidade.

O MAIS COMPLETO EXITO — O MAIS PALPITANTE ASSUNTO

1 volume de 244 páginas Esc. 10\$00

Pelo correio á cobrança Esc. 11\$00

Pedidos á **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Dicionários do Povo

Colecção de dicionários na ortografia oficial, portáteis, económicos, completos, indispensáveis em todas as famílias, escolas, bibliotecas, escritórios comerciais e repartições públicas. Dicionários publicados:

- N.º 1 — **Português** — 860 págs.
 N.º 2 — **Francês-português** — 800 págs.
 N.º 3 — **Português-francês** — 818 págs.
 N.º 4 — **Inglês-português** — 920 págs.
 N.º 5 — **Português-inglês** — 664 págs.
 N.º 6 — **Latim-português** — 552 págs. (Letras A-O).
 N.º 7 — **Idem** — 576 págs. (Letras P-Z).
 N.ºs 2 e 3 juntos — **Francês-português e Português-francês.**
 N.ºs 4 e 5 juntos — **Inglês-português e Português-inglês.**
 N.ºs 6 e 7 juntos — **Latim-português.**

Cada dicionário enc. em percalina. **15\$00**

Os dois dicionários juntos, enc. **28\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
 R. Garrett, 73, 75 — LISBOA

O que ha no vosso Horoscopo

DEIXAI-ME VO-LO DIZER GRATUITAMENTE

Não desejaria saber sem que nada lhe custe, o que indicam as estrelas relativamente ao seu futuro; em que será feliz; em que terá bons exitos; o que lhe trará a prosperidade; o que se refere aos seus negócios; a casamento; a amigos; a inimigos; a viagens; a doenças; a periodos de sorte e de azar; a catástrofes a evitar; a oportunidades a aproveitar; a novas emprezas e a muitas outras cousas de indiscutível interesse para si? eis aqui uma ocasião para obter uma Leitura Astral da sua vida, ABSOLUTAMENTE GRATUITA.



Professor ROXROY
 O eminente Astrólogo

GRATUITAMENTE

A vossa leitura astral que não constitue nada menos do que duas páginas dactilografadas ser-vos-há enviada imediatamente, pelo grande Astrólogo, as predições do qual despertaram o interesse nos dois continentes. Deixai que vos revelem, gratuitamente, factos espantosos que podem mudar o curso da vossa vida e trazer-vos o successo, a felicidade e a prosperidade.

Basta que escreva o seu nome e direcção completos e legíveis, dando ao mesmo tempo a sua data de nascimento e dizendo se é Senhor ou Senhora (casada ou solteira?). Não precisa mandar dinheiro, mas se quizer pode incluir 1\$25, para cobrir as despesas de porte e de expediente. Não guarde para amanhã. Escreva já. Endereço: ROXROY STUDIOS, Dept. 6602-B, Emmastraat 42, A Haya, Holanda. Sêlo para a Holanda: Esc. 1\$50.

Nota. O Prof. Roxroy é tido em grande estima pelos seus numerosos clientes. Ele é o mais antigo e conhecido de todos os Astrólogos do continente, pois há mais de 20 anos que vive e trabalha no mesmo lugar. A confiança que se lhe pode dispensar é garantida pelo simples facto de todos os trabalhos, pelos quais ele pede uma remuneração, serem feitos sob condição de satisfação completa ou reembolso do dinheiro pago.

A' venda a 9.ª edição

DE

Doida de Amor

NOVELA

por **ANTERO DE FIGUEIREDO**

«Conhece-se através deste livro o psicólogo subtil, penetrante, escrupuloso, exacto, capaz de percorrer quilómetros sobre uma folha de rosa, de explicar em vinte volumes de análise a sombra furtiva de um capricho de mulher».
 — **Julio Dantas.**

1 vol. de 276 pags., brochado
10\$00

Encadernado **14\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Novidade literária

JULIO DANTAS

ALTA RODA

3.ª EDIÇÃO

As ideias de Lady Bradfield — A luva — Segunda mocidade — Crianças — Suas Magestades — Velocidade — O baile da Embaixada — O direito dos filhos — As rosas de Soeur Jeanne — A boneca e os quatro maridos — Os pais dos nossos netos — O «Prelúdio» de Rachmaninoff — Sua Excelência a ministra — O campanha de alarme — Paz amarela — Diálogo radiofónico — Escola de maridos — As palmadas de Santo Onofre.

1 vol. de 260 pags., enc. **15\$00**
 broch. **10\$00**

Pedidos à
S. E. PORTUGAL-BRASIL
 Rua da Condessa, 80
 LISBOA

Estoril-Termas

ESTABELECIMENTO HIDRO-MINERAL
E FISIOTERAPICO DO ESTORIL

■ ■ ■

Banhos de agua fermal,
Banhos de agua do mar
quentes, **BANHOS CAR-
BO-GASOSOS**, Duches,
Irrigações, Pulveri-
sações, etc. — — —

**FISIOTERAPIA, Luz,
Calor, Electricidade
médica, Raios Ultra-
violetas, DIATERMIA
e Maçagens.** — — —

MAÇAGISTAS ESPECIALISADOS



Consulta médica: 9 às 12

Telefone E 72

PROVOQUE O SEU APETITE!

modificando um pouco
os seus almoços

O almoço não será a mera sa-
tisfação de encher o estoma-
go, havendo á mão um pacote
de **KELLOGG'S**.

Estes deliciosos flocos doira-
dos de milho torrado, são tão
agradáveis, que basta vel-os
para incitar o apetite. Sirva-os
com leite frio ou nata. Assuca-
rados se preferir. Podem co-
mer-se com frutas frescas que
os tornará uma refeição ape-
te-cível e nutritiva.

HELLOGG'S Corn Flakes en-
tram em vossa casa prontos a
ser servidos, não havendo ne-
cessidade de cozinhá-los.

E' um alimento cereal, que to-
da a familia apreciará. Reque-
site em todos os bons estabe-
lecimentos o pacote

VERDE E VERMELHO



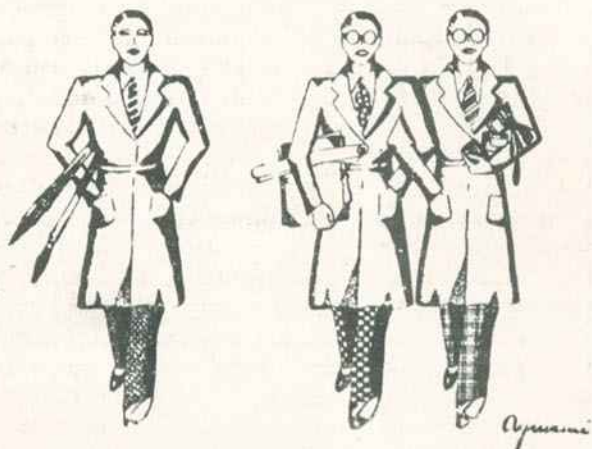
Kellogg's

CORN FLAKES

AGENTES E DEPOSITARIOS EM PORTUGAL:
FIGUEIRA & ALMEIDA — Rua da Madalena, 88-Lisboa

GRAVADORES

IMPRESSORES



TELEFONE
21368

BERTRAND

IRMÃOS, L^{DA}

TRAVESSA DA CONDESSA DO RIO, 27 - LISBOA

ÚLTIMA NOVIDADE LITERÁRIA

O livro duma das mais distintas
— escritoras portuguesas —

CLARINHA

CARTAS À PRIMA

1 vol. de 228 páginas, brochado 10\$00
encadernado 14\$00



Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75

L I S B O A

DECORREU nesta quinzena um facto pouco banal, a que os cronistas não deram ainda o relevo merecido por falta de cuidado em o estudarem e apreciarem. Ficaria bem dar-lhe título de histórico, se tal adjectivação andasse menos desvirtuada pelos corrutores da língua que em discursão de mau gosto o aplicaram a acontecimentos de baixo quilate, mais dignos de esquecer que memorar.

Ainda assim, para os que sabem ligar às palavras o sentido probo, de justa medida, sem as sobreposições adventícias da gíria vagabunda, empreguemos o designativo, a fim de indicar a transcendência do que sucedeu em Londres, respeitante a Portugal.

O caso singular, inédito passou-se na Conferência reunida à beira do Tamisa, de propósito para achar um remédio às mazelas económicas da humanidade. Estão ali reunidos os sete sábios, das sete partidas do mundo, a disputar sobre o que vai ser das populações, depois de relatarmos o que se tem sofrido em toda a superfície do orbe. Nesse conclave de mil cabeças, significativo como poucos, ergueu voz um representante nosso para dizer o que em tempo nenhum poderíamos ter dito e também o que nenhum dos circunstantes poderia dizer. A fala mostrou que entre os destroços por todos referidos e a impossibilidade confessa de levantar o que caiu, uma fracção mínima de género humano, ocupante de estreita orla do globo, se acha a prumo. Somos nós, o pequeno país do ocidente europeu que se encontra nessa posição, mantida pelo seu próprio esforço, sem ajuda de extranhos. Na originalidade dêsse posto único que ocupamos entre as nações queixosas, consiste o facto que se instala como marco miliário na rota dêste povo. Talvez lhe neguem importância aqueles que ouviram o relato feito à Assembleia de Londres. Podem mesmo olhá-lo sem interesse, porque não lhes convem aprender e aplicar a lição nêle contida.

Nós é que não podemos, nem devemos ignorar que pela primeira vez apparemos diante do universo de frente erecta, seguros do que somos e repre-

CRÓNICA DA QUINZENA

sentamos, e em termos de servir de exemplo a outros.

Nunca aconteceu um português emitir voz na Babel, consciente de que lhe era lícito dizer: "Aqui tendes o que fizemos; se quereis rehabilitar-vos, fazei como nós".

A apresentação desta atitude, justificada com prova experimental, constitue o successo transcendente que das crónicas tem de tirar-se para escrever na história, como dos mais notáveis de uma época.

Coube ao dr. Caeiro da Mata a honra de proclamá-lo em face dos grandes da terra, na linguagem digna que convinha á nossa posição. Coube-nos a nós a fortuna de ser um homem como êle, inteligente e culto, o encarregado de escolher a palavra precisa, de bom gosto que devíamos apresentar.

E assim ganhamos duas vezes; uma com o facto em si, outra com a maneira de revelá-lo á multidão, difícil de impressionar, e atender ao que lhe contam.

Saberemos agora aproveitar o efeito do que acabamos de fazer para nos valorisarmos perante os que usavam ignorar-nos, desconceituar-nos, ou negar-nos o direito á existência?

Provado que nos conduzimos com inteligência e dignamente, não deve ser mais possível sermos tratados como tolerados entre os povos livres, a quem se nega competência para se governarem independentes de tutela.

Não era a nossa força diminuta, nem as proporções territoriais que nos expunham a maus juizos dos que cubicavam esbulhar-nos. Outras de estatura igual á nossa andaram sempre fóra de discussão, mercê do respeito devido ao seu porte, cultura, meios de existência e modo de administrá-los.

O que acaba de acontecer, para ter préstimo completo, ha-de servir para categorisar-nos e adquirir aquele mesmo lugar, de consideração pela nossa vontade

e de livre disposição de todo o nosso destino. Falta verificar se saberemos fazer-nos valer.

Tirado da Conferência de Londres o resultado descrito, não confiemos noutra. Aquilo termina como se esperava, em acto de turismo, interessante para os hoteleiros da City, nulo para as nações aflitas com o problema do desemprego, da quebra da moeda, da anarquia moral e financeira. A excursão termina em fins de Junho porque seria escandaloso estendê-la por mais de três semanas. Já não foi pouco. E para escândalo universal basta o congresso do Desarmamento.

Parece que fecham ambos quasi simultaneamente.

Tratarão agora, os que se habituaram á fraternidade, de descobrir novo título a dar ao grupo de convivas, bem como o lugar em que hão-de sentar-se de garfo na mão e guardanapo nos joelhos. Não tardará muito a aparecer o cartaz do giro que começará em fins do verão, a não ser que, de impacientes, lhes ocorra irem promover o congresso das ciências sociáveis em qualquer praia do Atlântico ou Mediterrâneo.

Habituarão-se os viajantes àquella vida e já não há forças que os levem a desistir.

Coisa mais parecida com uma companhia de teatro subvencionado, não pode imaginar-se. Actores sempre os mesmos, por promoção vitalícia; mudam as peças, quando não pode deixar de ser, depois de esgotada a paciência do público. Fiam-se em que um Estado não pode dispensar o Teatro Nacional, como os da Comédia Internacional se convencem de que, sem a sua arte, deixaria de existir a humanidade.

E aqui está como, depois de tanto clamar o descrédito dos parlamentos, pelo vício da palrota estéril em que se afundaram, se resvala num de envergadura maior, com todos os defeitos dos primeiros, ampliados ao infinito, particularmente no preço que custa e na esterilidade da sua acção. Ir-se-á por êste caminho até á ditadura, como sucede nos países que se fartaram de cavaco inútil?

Staline afirma que não há outro remédio.

Samuel Maia.

UMA NOVIDADE LITERARIA

A escritora "Clarinha",
publicou uma nova obra:
"CARTAS À PRIMA",

O que se hade dizer do espírito e da maneira de escrever da autora do livro «Cinco horas»? Fernandes Costa — o poeta, a quem as letras portuguesas tanto devem — disse numa carta, que à guisa de prefácio, abre a nova obra de «Clarinha» — pseudônimo que encobre o nome duma illustre senhora da nossa melhor sociedade — estas palavras:

«Clarinha» toma um alto posto na hierarquia dos nossos talentos femininos, porque soube impô-lo a si mesma, em laboriosa obscuridade anterior.

«Clarinha» revela-se-me um pulso experimentado e firme a manejar a pena, simultaneamente espirituosa e leve de uma Sevigné, reflexiva e séria de uma Maintenon.»

A nova obra de «Clarinha» intitula-se «Cartas à prima». São mais de duzentas páginas onde há graça, ironia e observação. É uma obra de leitura agradável, que prende não só pelo sabor literário como, por vezes, pelo fio sentimental que se espalha pelas suas páginas. Todas as «Cartas à prima» nos dizem de factos duma época política agitada. Até nisso têm interesse. Tudo é trazido à ribalta, com fino espírito e observação. Brindamos os nossos leitores, arrancando ao volume — esmeradíssima edição da Livraria Bertrand — uma carta, ao acaso:

Minha Prima:

Domingo passado, subi a St.^a Catarina uma piedosa romaria, em enternecida manifestação à grande escritora Maria Amália Vaz de Carvalho. Sofocava-se na pequena sala, tão minha conhecida. A palmeira que o conde de Sabugosa immortalizou, arrastada para o vão duma janela, abria sobre as cabeças os leques verdes dos seus braços. As flores invadiam tudo — por cima das mesas, nas comodas, sobre as estantes, as rosas, os cravos, os enebriantes lilazes, aos braços, desfazião-se em perfumes.

Branca Colaço lia nesse momento a tocante carta de Teixeira Lopes, que acompanhava a maravilhosa rosa de bronze, modelada pelas suas mãos, e irmã em graça às rosas que a cercavam. O cofre da mensagem estava aberto sobre a mesa. A pena, onde a Fama abre as asas de ouro, corre de mão em mão.

A custo rompi por entre as senhoras, literatos e amigos, que enchiam o pequeno salão.

Ao fundo, no seu cantinho do costume, na *chaise-longue*, vestida, como sempre, de branco, e branca como o seu vestido, a minha doce Amiga escuta a leitura.

A emoção que procura dominar, empalidece mais o marfim do seu rosto. Leva de vez em quando, à boca, o lenço de rendas, num gesto nervoso, que é tão seu! Junto a ela, a cabeça loira e revolta encostada à sua, num gesto de protecção e carinho, seu neto António aperta-lhe amorosamente a cinta. O seu ar é reflecto e grave. Vê-se que «entende» o que se passa.

Minha prima, houve em Portugal uma mulher — senhora entre as senhoras — que durante largos anos escreveu, não como tantas mulheres escrevem, por capricho ou passatempo. A sua pena, ao serviço dum talento radioso, duma vontade varonil, escreveu coisas belas, profundas, e por vezes risonhas, mesmo quando a sua alma torturada, impaciente ou aflita, pedia descanso e paz.

Domingo, em St.^a Catarina, na sala já então quasi deserta, na penumbra do entardecer, junto à *chaise-longue*, onde Maria Amália Vaz de Carvalho repousava sobre as almofadas, fatigada das emoções dum dia glorioso, curvava-se para ela, enlutada e delgadinha, uma senhora pálida, de sorriso triste, que falava com enternecedora modéstia, dos versos que lhe era dado ler, na noite seguinte, em D. Maria.

— Vou dizê-los tão mal!

E eu, sentada sob a palmeira, nesse dia enfeitada de cor de rosa, pensei que aquela amadora era extraordinária, e que se não chega à sua idade conservando essa flôr de modéstia,

E, subitamente, a sua voz trouxe-me à lembrança uma noite em D. Maria — ha quantos anos! A primeira vez, talvez, que lá fui.

Atravessava a peça, forte e formosa, uma actriz de negros cabelos e olhos admiráveis; voz apaixonada e quente: — Virginia! — Passou por ela a vida, rajada violenta de angústias, e agora, delgadinha e pálida, cabelos alvejantes, é ela que repete singelamente: — Vou ler mal, com certeza! —

Doçura sem igual das almas grandes, que a glória não deslumbra... Glórias tão diferentes, de tão diversos meios, que se dão a mão, na



penumbra que cai mansamente da tarde de março...

E agora, prima Joaninha, peço-lhe que me perdõe, se a fiz sofrer. Não acredite um só momento, que João Carlos danse o tango, ao som dos gritos selvagens dos zingaros espanhóis, nem que passe o dia a «fazer as unhas» em vez de lhe escrever. Sabe como as suas unhas são bem talhadas e brilhantes. O jôgo aterra-o, a política aborrece-o, e odeia touradas. Bem sabe que ele nunca passou por aquela fase, quasi inevitável, que coincide com os vinte anos e o amor violento por uma corista. Acredite, que nunca o vi no Chiado, e não creia também que o Chiado seja um lugar de perdição, como lh'o assegurou a mana do abade.

Bem que eu pense não valer a pena pegar na dita (oh! horrível *calambour!*), para lho descrever, quero socorrê-la a esse respeito. O Chiado é, conforme o estado de espírito de cada um — uma subida, uma descida. Há no Chiado portas célebres, que são o *rendez-vous* dos nossos elegantes.

Encostar-se às portas do lado esquerdo (para quem sôbe) equivale a usar gravata de nó feito. Logo ao começo, numa chapelaria, há uma pacata associação de rapazes, já um pouco *blasés*. Vêm em primeira mão — estilo figurado — as

elegantes que subiram a rua Nova do Carmo, e que por essas alturas afrouxaram o passo, fatigadas. Ali fala-se delas, com relativo respeito.

Repetem-se os *potins*, encarados pelo seu lado bom. Agrupamento de pessoas abastadas, que não sofrem do figado, nem da crise mundial.

Passa-se com relativo descanço essa porta. A seguir é o florista onde os ramos, dispostos com graça discreta, alegram os olhos cansados. E logo depois uma pastelaria, onde o grupo de elegantes vai até ao passeio.

Alguns, pálidos descendentes duma raça mais forte, que picou touros e se bateu nas ruas da Mouraria. Estes discutem touradas, discutem barulhos, discutem mulheres. Alguns há que viram cinquenta vezes a fio a mesma «revista», aprendem de cór as cantigas de sucesso, e até nos momentos mais graves da sua vida, lhes acode aos lábios, insensivelmente, a mesma música — «saricoté, ô lá ri lá ri lô lê!» «Vítimas da idéa fixa e da «revista».

Porque a «revista», minha prima, é quasi a única literaturia teatral do momento. Em tôdas elas entra a «Deusa dos Amôres», o «Diabo», e o «Velho Portugal!».

Em Paris, a França é simbolizada por uma mulher, forte e bela, cabelos esparsos e barrete à banda, e no entanto a França já existia antes de nós. O ancião de barbas brancas, que comunica as nossas desgraças, à boca de cena, acompanhado por uma música plangente, deixa-nos uma impressão de melancolia, que a «Deusa dos Amôres» não consegue apagar.

As coristas herdaram das suas avós o mesmo modo de entrar em cena, a mesma incompreensão dos papeis.

Em tôdas as revistas, há um que procura saber o que se passa na terra — curiosidade pueril e vã! Os fados sucedem-se. Do palco, entram nas salas, invadem os clubs, transpõem as fronteiras, e na fria Flandres ou sob o sol da Africa, acompanham a nostalgia da Pátria.

Quando alguma corista se distingue, por ser mais fresca, ou mais bonita, logo desaparece, raptada por um Otelo da rua dos Retrozeiros. As que chegam até aos chás do Chiado, têm a sua carreira garantida.

As cinco horas, na Marques, as mesas estão cheias. Todos tomam chá e comem bôlos autênticos sob o olhar severo daquela senhora que assiste, sentada num alto trono, a tôdas as conversas, com a impassibilidade duma esfinge!...

Não creio que aí se encontre João Carlos. Educado em Inglaterra, nascido no Porto, terra de trabalho, não conhece as tardes alfacinhas.

As actrices portuguesas (com imensas excepções) falam com aquela voz que nós tomávamos em pequenas, quando brincávamos «às visitas». Musset devia dizer versos assim, nas *soirées* íntimas de *George Sand*, enquanto ela meditava a «Indiana» e *Balzac* seguia o fio da sua esplendorosa «Comédia Humana».

E paramos no chá! São justamente cinco horas, prima do meu coração. Agora, em Beirós, Blandina posou a bandeja sobre a mesa defronte do fogão, onde ainda ardem os troncos de oliveiras «Cezarina» ladra, enfurecida, contra a porta envidraçada. Vêm-se através dela as olaias floridas, enquanto, longe, alvejam as neves de Marcelim.

Descanse, prima Joaninha, continue tranqüila a bordar flores estranhas sobre o linho puro, e domingo ouça a missa na Capela do Monte — mais perto do Céu — pela sua prima.

Com o título «Antes da Carta aberta a «Clarinha» — carta que é assinada, como dizemos acima, pelo general Fernandes Costa, — a autora das «Cartas à prima» diz que «nunca se occupou de politica, nem ela a interessou. Por vezes foi obrigada, pelo seu dever de cronista a referir-se ao que se passava. Nada mais. No entanto, o volume agora publicado, historia, embora sob aspecto literário, os acontecimentos politicos à volta da ditadura de Sidónio Pais.

O II CIRCUITO DE PORTUGAL EM AUTOMÓVEL



O corredor Augusto Campos Madureira, segundo classificado do Grupo A e um dos três primeiros da classificação geral. A seu lado, vê-se o automobilista José Mendes de Sousa, seu companheiro de viagem

COMEÇOU no dia 20 e terminou no dia 25 a «II Prova de Resistência e Turismo», em automóvel, organizada pelo «Volante» com a colaboração do jornal «O Século» e patrocínio do Automóvel Club de Portugal e da Sociedade de Propaganda da Costa do Sol. Os concorrentes percorreram 1.800 quilómetros. Foram postos a prova a regularidade e o bom funcionamento dos carros, assim como a habilidade, a persis-

tência e a resistência dos nossos volantes foram postos em concorrência.

Um grande feito desportivo merece especial menção: o de madame La Caze de Noronha. Conseguiu classificar-se brilhantemente.

A assistência, no Estoril, dispensou-lhe uma calorosa manifestação de simpatia.

Os resultados apurados — embora ainda sujeitos a emendas — foram os seguintes:

Grupo A — 1.º Júlio da Costa Trigo, com 66,01 pontos; 2.º Augusto Campos Madureira, com 65,99; e 3.º, D. Maria La Caze de Noronha com 65,02.

Grupo B — 1.º, Armando Stocker, com 66,54; 2.º, Lopes da Silva, com 65,48; 3.º, D. Albertina Martins de Brito, com 62,71; 4.º, Manuel Soares Mendes, com 62,08; 5.º, João Seromenho, com 61,79; e 6.º, Manuel Nunes dos Santos, com 59,24.

Grupo C — 1.º, João Gellweiler, com 67,41; 2.º, António Marques da Fonseca, com 64,71;



Madame La Caze de Noronha, terceira classificada do grupo A, ao chegar ao Estoril. Foi recebida pela assistência com uma grande ovação, tendo sido felicitada pelas grandes qualidades de resistência que mostrou durante todo o percurso

3.º José do Passo, com 16,31; 4.º, Leopoldo Roque da Fonseca, com 55,59; e 5.º, Jorge Seromenho, com 55,52.

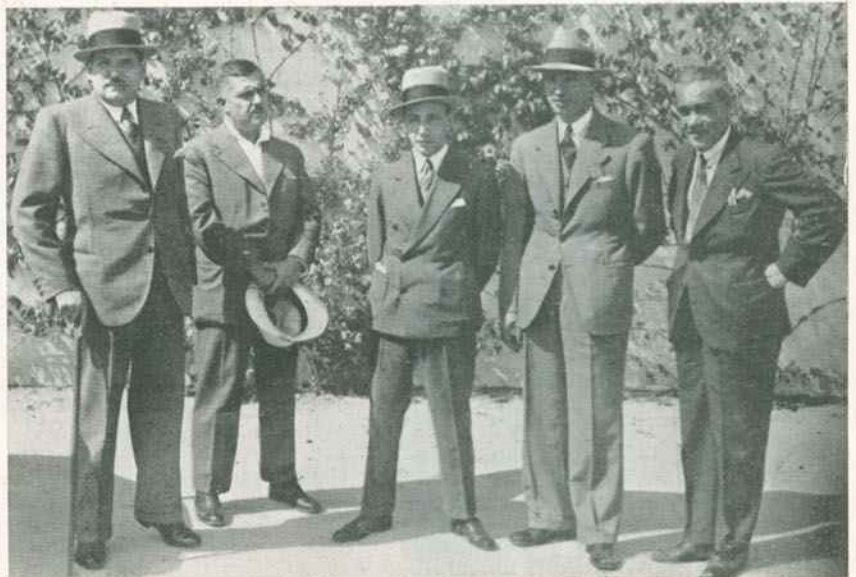
*

No Estoril, após a chegada de todos os concorrentes, realizaram-se as provas complementares do Circuito, que constavam de 60 metros «au ralenti»; 60 metros de aceleração; dez metros para travagem e 25 metros de marcha atrás.

Estas provas foram presenciadas por uma enorme multidão e os automobilistas muito aplaudidos.



João Gellweiler — grande volante — e o seu ajudante Dionísio Gatino. Foi este o vencedor do Grupo C, estando à frente da classificação geral



Alguns dos membros do jury que presidiu às provas complementares que se efectuaram no último domingo no Estoril, e que tão apreciadas foram pela numerosa assistência

ENTRE as romarias afamadas do Minho, encantador e pitoresco, avulta, pela sua importância e pela enormíssima concorrência de devotos, a do milagroso S. Torquato. Realiza-se em princípios deste mês, na freguesia que tem o santo Bispo como orago e a dois vãos de pomba da nobre cidade de Guimarães.

A vida deste santo — florescia no século VII, em Toledo — que a maioria dosromeiros desconhece, é digna de ser divulgada pela admirável lição que dela se estrai.

Descendente dos nobres romanos Torquatos, dos quais herda a coragem serena ante o perigo, a energia, de convicções em que germina a robustez da fé, sabe viver e morrer com a humilde grandeza que entenece e entusiasma.

Em plena mocidade arcepreste da Sé de Toledo, a todos edifica por suas virtudes, por sua assiduidade no trabalho exaustivo a que é obrigado, para bem cumprir as suas funções. Eleito bispo de Padrão, devota-se ao cuidado intensivo de velar pela dignidade do clero e sua pureza de costumes, e principalmente ao socorro espiritual, ao amparo material dos pobresinhos, dos doentes, de todos os que penam e sofrem. Dispondo de peregrinos dons de eloquência, cristianíssimo em suas falas, é por elas, dóces e brandinhas, que chama os insubmissos à obediência e à ordem os indisciplinados.

Aclamado bispo do Porto, a sua missão evangélica redobra de fervor. Chega a repartir, com os que a miséria afflige, o indispensável ao seu próprio sustento.

Orador fluente e culto, em concílio importante, torna-se o assombro de bispos, abades, vigários, seculares intelectuais e do rei godo Egeca, assistente a essa reunião.

O presidente desta, Faustino, arcebispo de Braga, electrizado pelos dotes eminentes do bispo do Porto, espontaneamente lhe entrega a sua Cadeira de Primaz das Espanhas. E o Sinodo resolve que Torquato governe simultaneamente as duas dioceses — Porto e Braga, pela certeza, de que o povo portuense se não resignaria a perder o seu protector, e compensa Faustino collocando-o no bispado de Sevilha.

Esplende dia a dia, hora a hora, a bondade excelsa do Primaz.

Entram os arabes em Espanha. Talam campos, trucidam homens, violentam mulheres, destroçam exércitos, arrazam cidades, vilas e aldeias. A vila de Guimarães é assolada pelos soldados de Muça e de Tarik. Ambos levam consigo a devastação e a morte. Tarik, mais humano e misericordioso para os cristãos vencidos, não é tanto de temer como o bárbaro, o cruel Muça. Mas é este o primeiro a dirigir-se a Braga — agora o alvo de suas fúrias exterminadoras e sanguinárias.

Os povos suplicam ao prelado que



A romaria de S. Torquato

fuja para os montes e se esconda. O santo nega-se. Pastor consciente não abandona as suas ovelhas. Cumprê-lhe defendê-las, sacrificando a vida. A' frente de vinte e sete companheiros dedicados, S. Torquato avança até próximo de Guimarães onde encontra o exército invasor. Clama a Muça piedade e clemência para os vencidos, respeito à religião de Cristo.

Muça irado responde com um golpe mortal de climaterra, enquanto os alfanques dos seus soldados assassina os companheiros do martyr de sua fé. Consumado o feito, o cadáver do santo é abandonado pelos arabes, sob camadas espessas de mato e um montão de pedregulhos.

Passam tempos. Certo monge beneditino, em estado de graça, quando á meia-noite vai tocar matinas, vê ao longe coruscâncias de estrélas, linguas de fogo doirado e deslumbrante, a saírem da terra, a relampejarem.

O povo sabe do caso. Corre com enxadas e alviões a pesquisar o lugar. Encontra o corpo intacto do Santo vestido de samarra côr de tejlão, com o seu báculo — cajado tosco de madeira — ao lado. Levantam-no e logo nesse sítio irrompe, aos borbotões, manancial prodigioso de água cristalina, cantante e fresca, milagrosa para a cura de doenças e que dá vista aos cegos, movimento aos paralíticos.

Constroem-se túmulo e capela, onde se recolhe o santo. Aí se conserva até ser trasladado para o mosteiro, sob a sua invocação. Em breve, o seu nome serve

também de úmbela à respectiva freguesia.

Os milagres atribuídos à intercessão de S. Torquato sucedem-se. A fama dêles ecôa por toda a península. O tempo vai desfian-do a sua trama de lustros e de séculos. Reina em Portugal D. Manuel, o Venturoso, que a instâncias da colegiada vimaranense tenta fazer recolher o corpo do santo a Guimarães.

O povo de S. Torquato opõe-se e declara: "Morreremos todos, mas o Santo não nos será tirado."

Escalam sentinelas dia e noite. Levanta-se rico e seguríssimo túmulo, cercado de grades fortes. Em 1636 o túmulo é aberto. Verifica-se: o corpo continua intacto apenas com as lesões dos ferimentos que lhe deram a morte.

Mais tarde, em homenagem a S. Torquato, ergue-se a igreja actual, para onde é transportado em 1825. O túmulo fica na ca-

pela-mór, recolhido sob um baldaquino artisticamente lavrado.

Ali se venera o seu corpo incorrupto, reverenciado pelos povos do Norte de Portugal que nos dias da romaria o visitam levando-lhe com as suas rezas de agradecimentos, flores, promessas e votos.

Lá dentro, junto à urna de S. Torquato, lenços brancos bordados com corações frechados e simbólicos, saem de mansinho das algibeiras coloridas das moças, dos bolsos dos jaquetões dos moços, e sorrateiramente percorrem as bordas do túmulo suntuoso, em misteriosa prece.

Nas mãos trémulas de velhinhos, no impulso da mesma crença, lenços que enxugam as lágrimas ardentes abrazadoras da vida e o suor bendito dos rostos, vergados para a terra na conquista áspera do pão, descrevem trajectória idêntica. Uns e outros, depois de beijarem os lenços com unção, os metem religiosamente no seio. A todos, velhos ou moços, ricos ou pobres, ilumina o mesmo sorriso claro de radioaa esperança, ao descerem os degraus que ascendem junto do Santo.

Cá fóra, no vasto largo fronteiro, o sol queima. As camionetas engrinaldadas de flores, pletóricas de risos, despejam carregamentos alacres de romeiros.

Cordões policromos formigam nos caminhos e estradas. Músicas e foguetes. Limonada fresca! Rosquilhos e doces! Barracas de prendas! Medalhinhas e registos, rapaziada! E a rapaziada compra e guarda junto do coração.

Não vá dár-se o caso de lá ao longe, entre a sinfonia dos verdes que vestem de galas permanentes o Minho lindo e amoroso se erga, a voz capitosa de suavíssimo timbre, a acusar em ritmo zombeteiro:

*Tu fostes ao S. Torcaito
nem um anel me trouxestes.
Nem os moiros da moirama
fizeram o que tu fizestes!*

NO CORAÇÃO DA VELHA ROMA

A igreja de Santo António dos Portugueses
foi construída nos fins do século XVII

Na Idade-Média quasi tôdas as nações católicas edificaram, em Roma, uma igreja nacional, que surgia, geralmente, junto de um hospício ou hospital fundado com a piedosa e patriótica intenção, por iniciativa dos respectivos governos ou de simples particulares, para "receber e agasalhar" os peregrinos dessas nações e que de longada, muitas vezes a pé, empreendiam a viagem à Cidade Eterna para ajoelhar perante o Pontífice.

A Igreja de Santo António dos Portugueses em Roma tem, igualmente, estas remotas e devotas origens.

De facto, segundo certo documento datado de 1367, o mais antigo de que há notícia, no próprio lugar que ainda hoje ocupa, surgiu um modesto hospício ou hospital destinado a "receber e a agasalhar" os peregrinos portugueses mais necessitados de assistência.

Sem queremos demorar a atenção dos leitores sobre este pormenor, referiremos que tal hospício atravessou, no andar dos tempos, várias vicissitudes, até que, em 1417, uma ilustre dama lisboeta, encontrando-se em Roma e conhecedora da precária situação de numerosos peregrinos seus patrícios, condoída, o dotou generosamente, dedicando-lhe muitos cuidados.

Quem visita Roma, a cidade mater do Catolicismo, ou a *Urbs Divina*, como a denominou o distinto diplomata e escritor Justino de Montalvão, no seu sugestivo livrinho *A Itália Coroada de Rosas*, nunca deixa de ir à *Via dei Portoghesi*, onde se ergue a linda Igreja de Santo



A frontaria da velha Igreja de S. António dos Portugueses em Roma, situada na *Via dei Portoghesi*

António dos Portugueses, reconstruída nos fins do século XVII, em estilo *baroco*, que Martino Longhi, o moço, delineou e Cristoforo Schor, em parte, executou sob a superior direcção de Paolo Falconieri, architecto de nomeada.

Esta soberba Igreja, situada mesmo no coração da velha Roma papal, em frente do Convento dos Agostinhos e a dois passos do *Palazzo della Scimia* de lendárias tradições, adoptou a forma da cruz latina, tem uma só nave elegantíssima e sete preciosos altares, sendo toda revestida, internamente, com custosos mármore multicolores. As paredes são em estuque branco, guarnecidas com caprichosos ornatos em estuque dourado.

No entanto, apesar de se erguer no coração da velha Roma papal, a Igreja de Santo António dos Portugueses nunca foi o que deverá considerar-se uma igreja popular. A sua frequência foi sempre, e ainda é, restrita e selecta, talvez por estar ligada intimamente à Embaixada de Portugal junto da Santa Sé, onde tôdas as pomposas e aristocráticas festividades religiosas de carácter nacional se vieram sempre realizando.

A primeira invocação da Igreja foi a Santo Antão Eremita e não a Santo António de Lisboa, o que por muitos ainda é ignorado.

Esta nossa afirmação assenta no texto de uma Bula de Júlio II, data de 23 de outubro de 1508, arquivada na Torre do

Tombo e transcripta nos *Anais do Corpo Diplomático Português*. A Bula, a princípio, trata da edificação no denominado *Campo de Marte*, em Roma, de um hospital sob a invocação de Santo António Abade.

Transcrevemos:

"*Sanae bonae memoriae Georgius Episcopus Portuensis... in Regione Campi Marci et infra limites parochialis ecclesiae sancti Trionphonis de urbe construxerit et edificaverit unum hospitale pauperum, cum certa ecclesia illi contiguanronice appropriata et applicata SUB INVOCATIONE SANCTI ANTONII ABBATIS, etc.*"

A seguir, a mesma Bula menciona que o *prefetus Georgius Episcopus* (que vem a ser o famoso cardeal de Alpedrinha, D. Jorge da Costa) se propoz erigir *proangenda devotione* a igreja *sub dicta invocatione sancti Antonii Abbatis*. E repete, ao conceder a permissão pedida, que a confraria ficava *SUB INVOCATIONE SANCTI ANTONII ABBATIS*.

Por último, como que para dessipar todos os equívocos possíveis sobre o assunto, a Bula, ao designar os dias em que serão concedidas *graças espirituais* áqueles que visitarem a referida igreja, declara que êsses dias serão os de S. António Abade, de S. Vicente, mártir, de S. António de Padua, confessor, e de St.ª Catarina do Monte Sinai: "*Confratres dictae Confraternitatis et alli cujuscumque nationis, qui prefati Georgii Episcopi*



A nave central da igreja vista da porta principal de entrada



Quadro representando um milagre feito por S. António de Lisboa

familiares continui commensales fuerint, qui ecclesiam dicti hospitalis in Sancti Antonii Abbatis, Sancti Vincencii Martiris, Sancti Antonii de Padua Confessoris et Sanctae Catherinae Montfissinay virginis et martiris festiualium diebus devote visitaverint, etc.».

É esta pequena alusão a S. António de Lisboa a única que se lê na aludida Bula.

A Igreja de Santo António em Roma gosa, desde as mais afastadas épocas, do direito ou privilégio de celebrar os funerais dos membros da embaixada de Portugal junto da Santa Sé, falecidos em Roma, ou para esta cidade conduzidos para aí serem sepultados definitiva ou provisoriamente. Este direito ou privilégio foi confirmado pelo Cardeal Vigário em seu ofício datado de 10 de fevereiro de 1896, registado no *Livro da correspondência da Embaixada com a Comissão Administrativa do Instituto Português de Santo António*, relativo aos anos de 1894-1900.

Algumas das cerimónias religiosas celebradas na Igreja revestiram excepcional brilhantismo, como, por exemplo, o *solene tedeum* em acção de graças pelas melhoras de D. Pedro IV, ao qual assistiu, em pessoa, o papa Clemente XI; a *visita conciliatória* de Clemente XIV, celebrando as pazes entre a Santa Sé e D. José I; a *consagração da Igreja* promovida, com desusado fausto e esplendor, pelo nosso antigo embaixador G. P. Migueis de Carvalho e Brito, em 1842; e, por fim, a festa comemorativa da visita oficial que o papa Pio IX fez à Igreja em 1870, recordada por uma grande tela pintada a óleo e que recobre, quasi completamente, o teto do chamado *salão nobre* contíguo à Igreja.

Por causa do pagamento dêste grande quadro debateu-se nos tribunais de Roma um renhido pleito, porque o autor do quadro exigiu pelo seu trabalho uma



O altar-mor da Igreja

avultadíssima soma, não respeitando o ajuste combinado.

Ligado ao assunto, há que citar — o *trionfo delle fragolare*.

Em que consistia este *trionfo*?

Por ocasião da festa de Santo António, em 13 de Junho, todos quantos na *Cidade Eterna* se ocupavam da venda de morangos organizavam um característico cortejo que saía do *Campo de Fiori*, levando á cabeça cestos com cabazitos de morangos e encimados pela estatueta do Santo, encaminhando-se para a Igreja de Santo António dos Portugueses, ao mesmo tempo que cantavam trovas apropriadas ao dia.

Na *Praça Campo de Fiori* — como os tempos mudam! — é onde hoje se acha colocada a estátua de Giordano Bruno.

Na admirável colecção de estampas conservada no Museu de S. Martinho de Nápoles, vê-se a "representação" do *trionfo*. Trata-se de uma armação ligeira, em vime, carregada de frutos ou outros comestíveis, artisticamente dispostos em piramide, agulha ou minarete, com os cimos sobrepujados por imagens e registos de santos. O *trionfo* equivale — notou algures, o sr. dr. Virgílio Correia — ao *cargo* dos nossos cirios extreminhos.

O notável bispo do Porto, D. António Martins de Chaves, que em 1439 subiu á dignidade cardinalícia e no século xv gosou em Roma de verdadeira nomeada, tomou a iniciativa de melhorar as condições precárias do modesto hospício ou hospital para os peregrinos pobres seus compatriotas, mandando levantar junto dêle, em homenagem a Santo António de Lisboa, vulgarmente denominado em Itália, Santo António de Pádua, uma pequena igreja.

Sabe-se que no mesmo logar já existia outra igreja dedicada a Santo António Abade, mas ainda se não conseguiu apurar se a primitiva foi inteiramente demolida.

Sabe-se também que esta sofreu depois, sucessivamente, várias modificações e embelezamentos até que ficou quasi como ainda agora se encontra.

As principais ampliações foram empreendidas e, em parte concluídas por D. Jorge da Costa (o cardeal de Alpedrinha) e por D. João V.

Para nós, portugueses, seria de interesse histórico o podermos precisar, com segurança, a data em que a Igreja passou a ter, como *Santo Titular*, Santo António de Lisboa. A verdade, porém, é que apenas nos é lícito fixá-la desde que, no altar-maior, foi colocado o quadro de Marcello Venusti, em que se vê o nosso Santo António sustentando nos braços, na posição clássica, o Menino Jesus.

Entre os seus maiores bemfeitores, conta-se Martinho Azpicuelta Navarro, professor da Universidade de Salamanca, que ensinou em Coimbra e que — é interessante registar este pormenor — preferiu, para ser sepultado, a nossa igreja á de S. *Giacomo degli Spagnuoli*, que lhe está bem próxima...

O busto do notável professor, de cara rapada, rosto encarquilhado e com o



Altar de Santo António Abade

barrete catedrático, descobre-se na primeira capela á esquerda, onde a imagem de Santo António de Lisboa é exposta á adoração dos fieis, em tamanho natural, com o seu pé direito descalço e cercado de corações votivos em prata rendilhada.

Nos seus sete preciosos altares notam-se quadros de Giacinto Calandrucci, de Palermo, de Zoboli, de Modena, de Nicolai Lorenense, de Marcello Venusti, Celio e de Ciccio Graziani, etc., pintores que embora, naquele tempo, não atingissem a celebridade, dexaram telas de assinalado valor e hoje bastante apreciadas.

O altar-maior, resguardado por a soberba balaustrada, ostenta mármore e bronzes entalhados. Aí se admira *A Virgem, com o Bambino, e Santo António de Lisboa*, pintura a óleo de Calandrucci, por muitos considerado um dos melhores do insigne artista.

A Virgem, sentada sôbre as nuvens, mostra a Santo António o Menino Jesus, e o Santo, numa atitude serafica, beija-lhe e afaga-lhe a mão pequenina.

Foi a benemérita protectora da Igreja, Catarina Raimondi Cimini, casada com Giovanni Battista Cimini, ambos tumulados na denominada *Capela Cimini*, obra do architecto Cesare Corvara o Crovara, que trabalhou em Roma entre os anos de 1650 e 1708, quem encomendou aquela valiosa tela.

Com o volver de muitos anos, a humidade do lugar e o calor excessivo das numerosas velas acesas sôbre o altar, os quadros do altar-maior sofreram bastante. Na 1.^a Capela nota-se um monumento fúnebre dedicado a Alexandre Manuel P., Conde de Sousa Holstein, *baixo-relêvo* do insigne escultor António Canova, o tão discutido autor da célebre Paolina Bonaparte, da Galeria Borghese, obra-prima de fama universal.

No altar, situado no braço direito da cruz, avulta um quadro a óleo em que aparece a Rainha Santa Isabel a fazer as

pazes entre o marido e o filho, desavindos, quadro executado pelo notável pintor romano Luigi Agricola, segundo um *bozzetto* de Giuseppe Cades, aí pelo ano de 1750.

Ao centro, a Rainha Santa, vestida de branco; à direita, D. Diniz, com couraça de guerra e coroa real; à esquerda, o filho D. Afonso, em atitude presurosa de pedir perdão. Tropas, bandeiras, um pagem e dois anjos, com o tradicional ramo de oliveira, completam o quadro.

A curiosíssima tábua de Marcello Venusti, representando Santo António Abade, S. Sebastião e o martir S. Vicente, por uma feliz e oportuna resolução do sr. dr. Trindade Coelho, actual ministro de Portugal junto da Santa Sé, foi agora completamente restaurada e restituída à sua primitiva beleza e integridade artística. O trabalho delicadíssimo saiu perfeito, como resulta das duas interessantíssimas gravuras que do importante quadro aqui reproduzimos e em que se vê: à esquerda, S. Sebastião quasi inteiramente nú, ligado à coluna, tendo espetada no peito uma seta e outra espetada no ventre, com uma cinta branca; ao centro, Santo António Abade, calvo, longa barba branca, lançando a bênção e tendo na mão o *pastoral*; à direita, S. Vicente, com dalmática branca bordada, sustenta numa das mãos a palma do martírio e na outra a pequena barca à vela. Aos pés do Santo, veem-se dois ganços. A restauração do quadro deve-se ao ilustre professor Cecrei, restaurador da Intendência de Belas Artes de Roma e Lacio.

No centro da volta da nave chama as atenções um *fresco* moderno, em que se reproduz a aparição do Crucifixo a D. Afonso Henriques, em Aljubarrota.

O órgão da Igreja está encerrado numa riquíssima caixa de boa madeira, mas, como instrumento musical, já pouco ou nada vale. A cantoria, pelos seus caprichosos ornamentos, mostra ter sido construída no século XVIII e haver sido posteriormente ampliada.

O pavimento, que se achava cheio de inscrições tumbarais, foi modificado em 1790, sendo tais inscrições exaradas num



O quadro, representando «Santo Antonio Abade, S. Sebastião e o diácono S. Vicente», que, graças ao nosso ministro junto da Santa Sé, sr. dr. Trindade Coelho, foi completamente restaurado. A esquerda, vê-se o quadro antes da restauração

quadro cronológico em mármore branco, que se ostenta à entrada da Igreja, do lado direito. O novo pavimento é feito de bons mármore brancos e pretos, merecendo menção.

Entre os nomes que figuram nesse quadro necrológico apenas citarei: Enrique Catino, conselheiro do rei de Portugal e orador junto de Alexandre VI (1502); Pedro Eduardo, português da geração dos Borgia (1503); Alvaro Gamito (1525); Estevão Bravo (1526); Paulo Vaz de Cernache (1575); Martinho Azpicuelta Navarro (1586); Manuel de Meneses, conde de Cantanhede, orador do rei (1619); Jacobus Grau (1625), António Dias (1635); António Lopes Nabo (1637); Francisco de Almada Mendonça (1783), conhecidos tanto das inscrições do quadro como das pedras tumulares que se incrustam ainda pelas paredes do templo.

Na Igreja de Santo António dos Portugueses está sepultada a infanta Ana de

Bragança, lendo-se na pedra tumular a seguinte epigrafe:

HEIC IN PACE CHRISTI QUIESCIT
ANNA DE BRAGANÇA
JOANNIS VI LUSITANIAE REGIS
ET CARLOTAE JOACHIMAE FILIA
UXOR NONNII DE MENDOÇA
DUCIS DE LOULÉ
NOTA X KAL. JUL. MDCCCLVIII

Não foi nosso intuito, ao escrever este despretencioso artigo, dar uma notícia completa acerca da Igreja de Santo António dos Portugueses, mas, tão somente, concorrer para que, entre nós, não se continue a ignorar a existência de tão interessante monumento erguido, há séculos, no coração da velha Roma papal de tantas recordações e ligada intimamente à nossa história do século XV ao século XIX.

Aicrag.



MESMO quando a gente não quer saber do passado, pelas desilusões e pelos desgostos que por ele foi espalhando o nosso destino, há sempre coisas que no-lo trazem á memória.

O passamento de Manuel Benjamim, o maestro inspiradíssimo que a morte ceifou há dias na ceára florescente dos valores da nossa terra, trouxe-me para a frente dos olhos da alma uma quadra já bem distante, a quadra da minha meninice, em que não sabia ainda o que a vida tinha de amargo sabor.

Eu vivia então no Pôrto com meus pais e era uma pequerrucha atrevida, já com projectos de futuro enchendo de sonho a minha cabecita desinquieta.

Andava sempre a rondar pelas portas dos teatros, com a cumplicidade da criada que me ia buscar ao colégio, e quando achava a entrada que dava para o palco aberta e sem porteiro a vigia-la esgueirava-me lá para dentro, para contemplar os actores, cuja vista me deixava espantada de admiração em qualquer parte onde os topava, como a aparição de uma santa perturba os olhos piedosos dos pastinhos a quem se mostra.

Tudo quanto tocava de perto ao teatro me interessava, por isso foi para mim um acontecimento importante fazer o conhecimento de Manuel Benjamim, quando ele não pensava, nem eu, que havia de empunhar a batuta qualquer dia para dirigir a música de uma peça cantada pela garota que eu era nêsse tempo.

Morava na vizinhança de uma família Paula e Melo, muito considerada e estimada na cidade invicta. Do meu quintal eu falava com a menina da casa, uma rapariga já casadoira, interessantíssima, e muito requestada, não lhe faltando nunca um namôro.

Apesar da nossa diferença de idades, ela tomava-me por confidente e assim se estreitaram as nossas relações de amizade.

Dentro em pouco, eu frequentava a casa dela com o consentimento de minha mãe, mas ás escondidas de meu pai, que não queria relações com os vizinhos, e tão severo á esse respeito que nem da janela podíamos trocar palavra com ninguém. E, entre parêntesis, devo dizer que pela vida adiante tenho seguido os preceitos paternos e dêi-me muito bem com êles. Pois a família Paula e Melo fazia parte da Sociedade Luz e Caridade ou conhecia alguns membros dela, não me lembro já bem, o que para o caso não interessa esclarecer.

Essa agremiação era composta da melhor gente do Pôrto, amadores da declamação e do canto, mas distintíssimos e hábeis como poucos houve depois.

De vez em quando, dava récitas em benefício sempre de colectividades pobres e a elas assistia a flor da sociedade elegante.

Numa dessas noites de gloriosas tradições, a minha amiguinha, a menina bonita dos Paula e Melo, conseguiu que

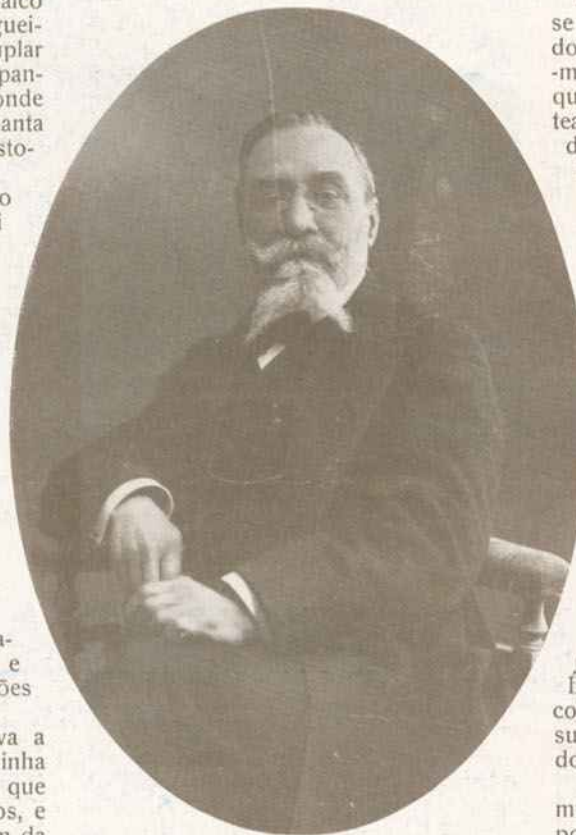
SOMBRAS...

MANUEL BENJAMIM

me deixassem ir com ela e os seus assistir á representação.

Não tenho presente na memória como foi feito êsse milagre, mas posso quási afirmar que meu pai não teve disso conhecimento, porque não era dado a divertimentos e criou-me sempre numa atmosfera de severidade, o que de nada lhe serviu, visto que fui parar ao palco, o lugar de perdição de que êle procurava desviar-me porfiadamente.

O saudoso velhinho tinha, como todos sabem, porque conservou essa feição pela



Manuel Benjamim

sua vida fora, uns ares de mosqueteiro, á Dumas.

O bigode petulante, encimando a barbeta em forma de pêra dos guardas do Cardeal Richelieu, tornava-o notado em toda a parte.

A sua figura elegante, apesar de mediana estatura, e a sua voz de barítono agradabilíssima e extensa casavam-se á maravilha com as exigências plásticas e musicais do papel de Marquês que anos depois tornei a ouvir cantado pelo nosso Raymundo Queiroz, a voz inculta mais disciplinada e brilhante da opereta portuguesa. O que Manuel Benjamim executou metódicamente, pelo seu grande conhecimento da arte de Caruso, fazia-o Queiroz

pelo seu extraordinário instinto musical, servido por um órgão que mestre algum modelára, a não ser a natureza que caprichosamente tinha colocado no lugar próprio todos os registros.

Quando chegámos ao recinto, salas privativas da Sociedade, com o seu palco muito bem montado e os seus cenários próprios, Manuel Benjamim, cirandava por ali, encadernado na sumptuosa fatiota do enamorado da loira «Germana», na peça desempenhada por sua mulher que era tudo quanto havia de mais moreno, e que cantava muito bem com uma lindíssima voz de soprano.

O papel de «Rosalina» cabia a uma senhora D. Branca, esposa do falecido actor Ernesto Portulez. Tudo isto eu vim a saber muito mais tarde, é claro.

A Adelaidinha — agora me lembro que se chamava Adelaide a primeira amiga dos meus anos de criança — apresentou-me ao Manuel Benjamim, dizendo-lhe que eu adorava tudo quanto cheirava a teatro e eu própria com uma grande desenvoltura lhe contei as minhas aspirações.

Manuel Benjamim era, e foi-o sempre mais ou menos, uma criatura expansiva, alegre, de um sugestivo bom humor, e como me achasse imensa graça pegou-me ao colo, se bem que eu já fôsse espigadota, e atravessou assim tôdas as salas apresentando-me á assistência como uma menina-prodígio, e foi instalar-me num dos melhores logares, em companhia da minha introdutora.

Depois de várias peripécias, que já fôram por mim contadas nas «Memórias duma actriz», vi realizados os meus devaneios infantis, á luz da Ribalta.

Encontrei então o Manuel Benjamim director de orquestra e compositor já de muitas peças que deram brado.

Êle ficou admiradíssimo, quando, escolhida para intérprete de uma opereta sua, soube que eu era a garota da noite dos *Sinos de Corneville*.

A última peça que Manuel Benjamim musicou, expressamente, para ser cantada por mim, foi o *Tirano da Bela Urraca* paródia de Marcelino de Mesquita ao *Cyrano de Bergerac*, representada no S. Luís, antes D. Amélia.

Marcelino e Benjamim estimavam-me muito e eu muito lhes queria.

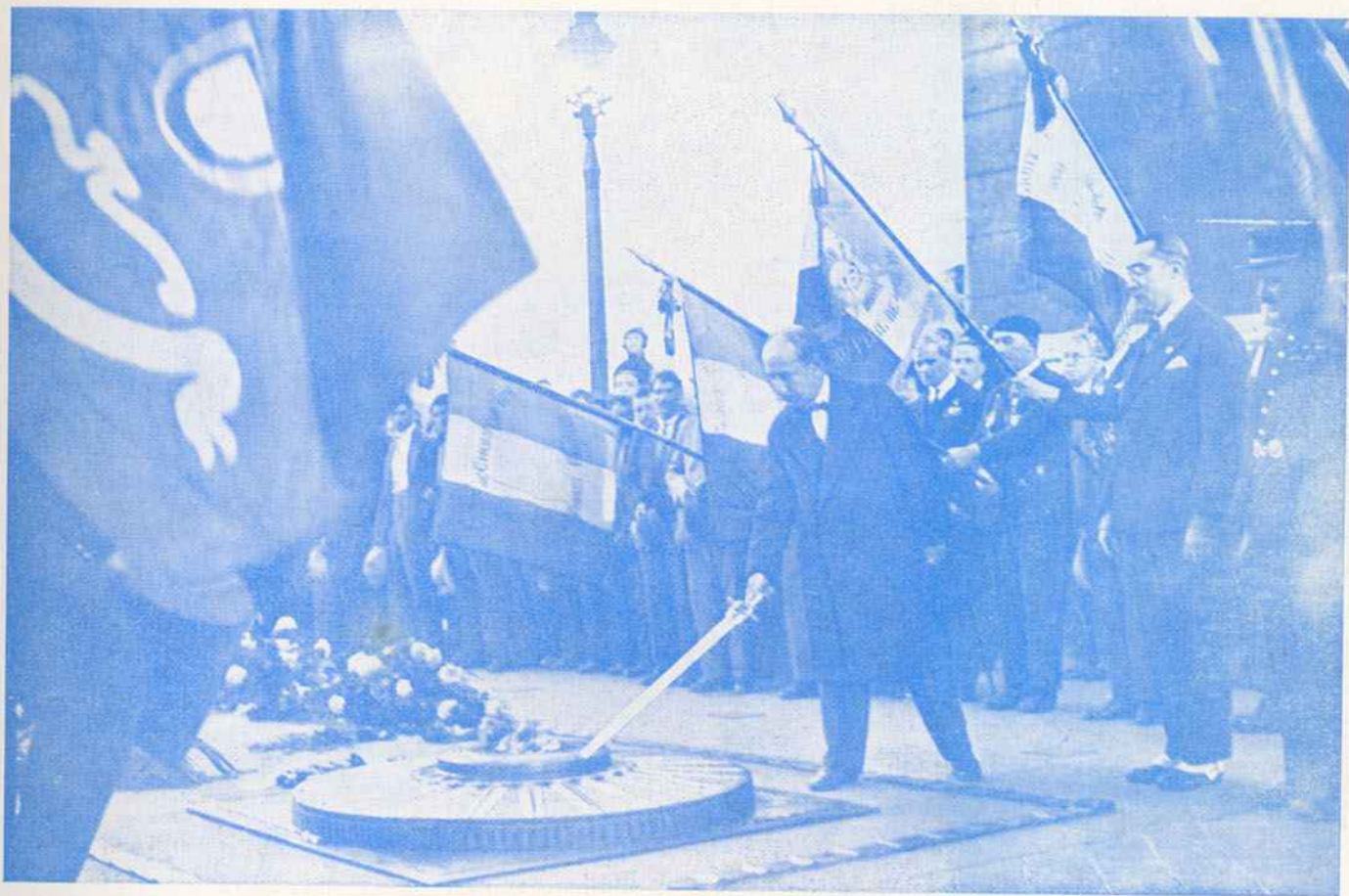
Os dois eram poetas, um baralhando rimas, outro baralhando tons, e os dois dominavam as almas com encanto igual.

No meu coração, não sei separá-los, nem qual escolher: se aquele que se foi, quando eu por longe andava nos roldões de um fado turbulento, se êste que mais de perto fez um rasgão na minha ternura.

Ambos se apreciavam, e para ambos, em partes iguais, sem receio de que suas almas se degladiem na partilha, vão as lágrimas que neste momento enchem meus olhos da névoa da saudade...

Mercedes Blasco.

A "ILUSTRAÇÃO," NA CAPITAL FRANCESA



Os combatentes portugueses residentes em Paris fazem todos os anos uma romagem ao túmulo do Soldado Desconhecido Francês. Este ano, a cerimónia revestiu um grande brilhantismo. A nossa gravura, mostra-nos o momento em que o sr. dr. Máximo Brou, presidente da Agência de Paris da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, reanima a "Chama do Souvenir", no Arco do Triunfo. À volta dos combatentes portugueses, encontram-se as delegações dos combatentes dos países filiados na Fidae, com os respectivos estandartes. Ao todo, juntaram-se à volta do "Túmulo do Soldado Desconhecido", cerca de quatro mil combatentes



Promovida por um comissão de senhoras efectuou-se, num dos teatros parisienses uma peça, a favor da Caixa de Socorros da Agência de Paris da Liga dos Combatentes da Grande Guerra. Subiu à cena a peça "A filha do Regedor", legenda lírica de Máximo Brou, médico português que de há muito reside na capital francesa, e música de Pierre Ruyssen. A interpretação, entregue só a nossos compatriotas, foi muito aplaudida e mereceu elogios da imprensa. A foto, representa uma das cenas do segundo acto, onde estão reunidos todos os intérpretes

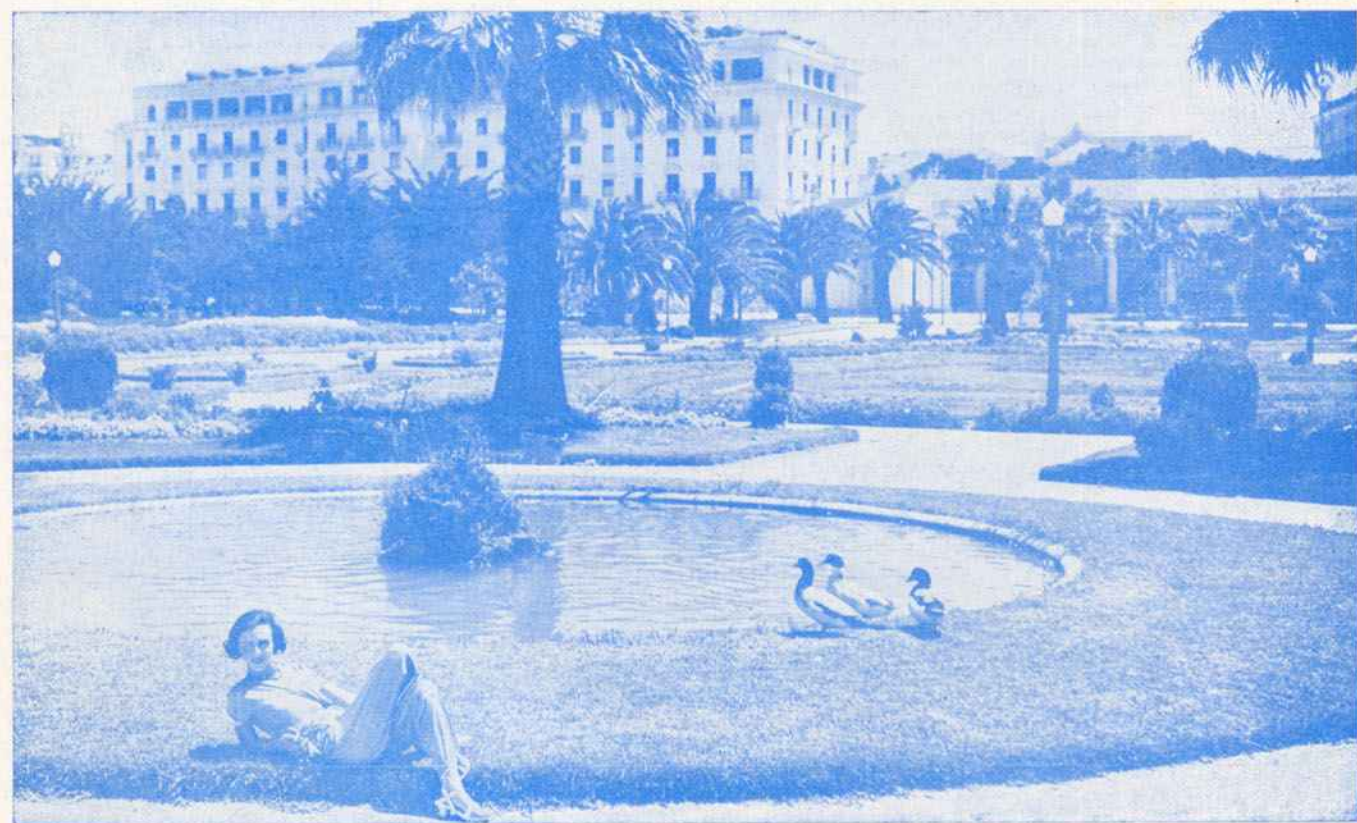
AS "RAINHAS DE BELEZA"



«Miss Rústa, eleita em Madrid «miss» Europa, no Palácio da Pena em Sintra



«Miss Europa e «miss» Roménia, na praia do Estoril



«Miss Hungria, descansando no Parque do Estoril. Ao fundo, vê-se o Estoril-Palácio, onde as «misses» estiveram hospedadas

NA PRAIA DO ESTORIL



As «missas» Hungria, Itália e Alemanha, ao tomar o «trem» na estação do Estoril



«Miss» Europa e o sr. Guilherme Cardim passeando na praia



As «missas» Hungria, Turquia, Alemanha, França, Europa, Escócia e Noruega, com o jornalista francês Maurice de Waleffe, no «bar» do Estoril-Palácio

A questão da Cidade Livre de Dantzig está sendo agora comentada, mais do que nunca, pelos diversos órgãos da imprensa internacional que publicam muitas vezes as informações inexactas e tendenciosas, fornecidas pelas agências alemãs.

Para poder dar a esta questão uma idéia justa e verdadeira, é necessário conhecer a história de Dantzig.

Dantzig, antiga capital da Pomerânia polaca até 1308, foi submetida ao domínio dos príncipes eslavos da Pomerânia. Nesec tempo a sua população era essencialmente eslava. Em 1308 a «Ordem Teutónica» ocupa ilegalmente Dantzig, massacra a população eslava e domina a situação. Em 1454, com a ajuda da Polónia, Dantzig liberta-se do jugo da Ordem e torna-se a Cidade Livre, ligada estreitamente com a Polónia, cujo soberano, concede a Dantzig, entre outros, o monopólio do comércio marítimo da Polónia. Esta situação dura 3 séculos e meio. Dantzig constitui durante este tempo um importante porto do Báltico, sendo a cidade maior da Europa Central. A sua riqueza aumentava sempre na razão dos importantes privilégios concedidos pela Polónia. A comunhão dos interesses polono-dantzigos foi evidente, dando a Dantzig a garantia de se enriquecer e assegurando ao mesmo tempo as liberdades políticas do regime polaco. Em 1772, quando Frederico II, de acordo com a Rússia e a Áustria, perpetró a primeira partilha da Polónia, recebeu só a Pomerânia polaca actual, sem Torun e Dantzig. Para conquistar Dantzig o rei da Prússia, Frederico II, não se poupou a esforços, chegando até a ameaçá-la com a ruína. No meio duma política aduaneira vexatória, Frederico II atingiu o fim em vista: a ruína económica de Dantzig, verificando-se que o número de navios que tocava no porto de Dantzig desceu, entre 1770-1782, de 1988 a 145. Após a segunda partilha da Polónia em 1793, as tropas prussianas ocuparam finalmente Dantzig, acabando assim com a sua independência. Embora a cidade se defendesse contra o regime prussiano e o seu Senado enviasse em 1813 ao representante de Dantzig em Paris as instruções, exigindo a união de Dantzig com a Polónia, não conseguiu ela tornar-se independente. Frederico II durante estes 100 anos fizera pouco a pouco, dos orgulhosos cidadãos de Dantzig, humildes súbditos prussianos, e o seu porto deixou de representar um papel importante no mar Báltico, inferior a Stettin.

Depois da Grande Guerra a situação económica de Dantzig mudou durante alguns



A cidade livre de Dantzig e a sua história

anos. De porto de terceira ordem passou a ser o segundo porto báltico com um tráfico de mais de 8 milhões de toneladas, batendo de longe Stettin.

A união económica com a Polónia iniciou o verdadeiro desenvolvimento de Dantzig. Mas este estado de coisas não era bem visto por aqueles que queriam a todo o preço demonstrar que o que ficara estabelecido pelo Tratado de Versailes, era artificial.

O presidente Wilson pelo 13.º ponto do Tratado, formulou o princípio da jus-

tiça internacional que exigia a restituição ao Estado polaco dos territórios etnográficamente polacos e o livre acesso ao mar, que é essencial para a vida de 32 milhões de habitantes polacos.

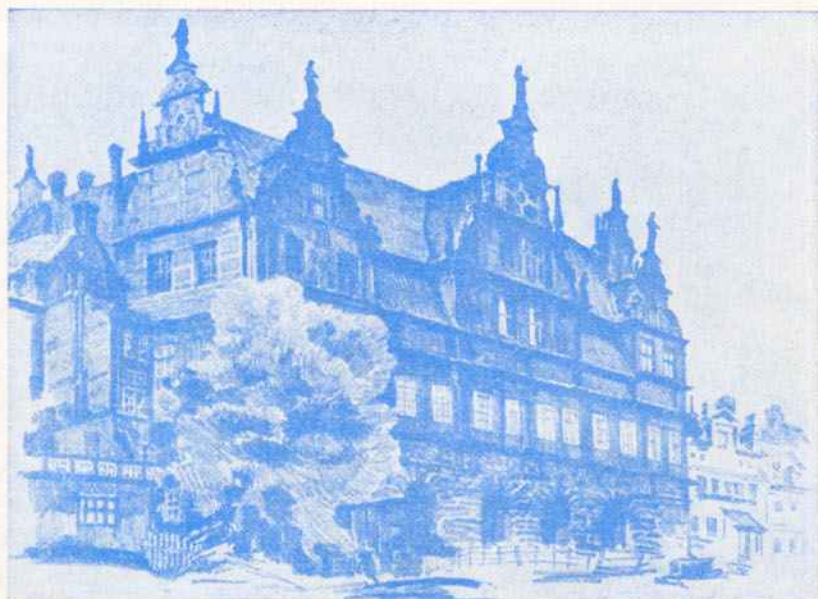
Dantzig queixa-se que a Polónia tem negligenciado o porto a favor de Gdynia. Mas primeiro é preciso saber o que deu motivo à rápida construção da Gdynia.

Em julho e agosto de 1920, quando as tropas bolchevistas se aproximaram de Varsóvia, a Polónia foi obrigada, para se defender, a mandar vir material de guerra do estrangeiro. No momento mais crítico os operários do porto de Dantzig recusaram-se a descarregar as armas destinadas à Polónia. Esse facto explica-se pela negligência das autoridades de Dantzig ou por não haverem actuado enérgicamente. O porto que assegurou à Polónia o acesso livre ao mar, não tinha cumprido com os seus deveres.

Portanto a Polónia resolveu crear seu próprio porto, de forma a não depender da boa vontade dos operários, submetidos à propaganda dos inimigos. Mas o desenvolvimento de Gdynia de maneira nenhuma pode prejudicar o porto de Dantzig. Os números abaixo são bastante elucidativos. Em 1928, no pleno desenvolvimento de Gdynia, o tráfico do porto de Dantzig atingiu mais de 8 milhões de toneladas. Em 1930, 8.313.000 toneladas e em 1931, aumentou ainda a 8.330.000 toneladas. Isto prova que o progresso de Gdynia faz-se sem prejuízo algum para Dantzig. Não existe nenhuma concorrência entre Gdynia e Dantzig. Se a Alemanha, país de 60 milhões de habitantes pode utilizar 17 grandes portos, a Polónia, com 32 milhões, pode muito bem pretender dois portos sem que um prejudique o outro.

O desenvolvimento verdadeiro e a existência de Dantzig só são possíveis pela sua união económica com a Polónia. Dantzig carece da Polónia sem a qual está condenada à ruína. Infelizmente política seguida por Dantzig, desde a propaganda hileriana tem um fim diametralmente oposto, isto é, a sua separação económica da Polónia.

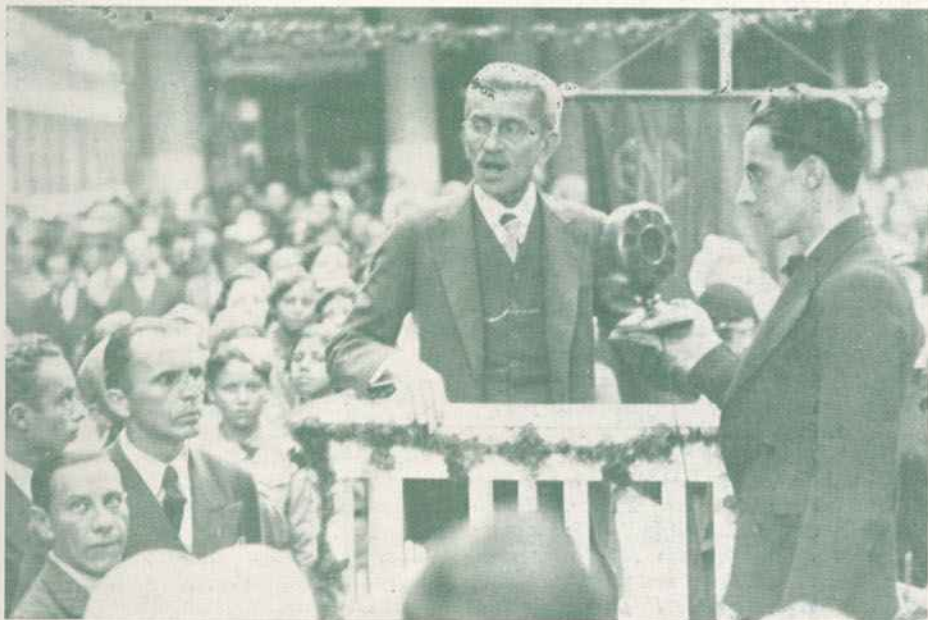
Esta política conduzida e propagada com terrorismo no território da Cidade Livre pelos hilerianos, pode dar um enorme prejuízo para Dantzig, pois que o desenvolvimento é unicamente possível pela sua inteira ligação com a Polónia. Uma vez compreendida esta política, acabar-se-á a agitação dos elementos destruidores e as relações entre Dantzig e a Polónia, retomarão o caminho da paz, factores da máxima importância e elemento vital da sua existência e do seu desenvolvimento.



EM CIMA: A torre da actual Camara Municipal de Dantzig. EM BAIXO: Residência dos reis da Polónia em Dantzig, construída em 1264

R. San.

O QUE VAI PELO BRASIL



O grande escritor sr. dr. Coelho Neto, discursando junto do «Monumento ao Vendedor de Jornais»



O garoto de jornais — Alvaro Moreira — que vai ser educado por uma senhora da alta sociedade carioca, tendo já dado entrada num dos melhores colégios do Rio de Janeiro. A fotografia, que acima publicamos, mostra-nos o pequeno vendedor, no último dia em que andou pelas ruas do Rio apregoando «A Noite»

NA Avenida Rio Branco, uma das principais artérias do Rio de Janeiro, foi inaugurado — por iniciativa do jornal «A Noite» — um «Monumento ao garoto de jornais». O bronze, que é do escultor Fritz, representa um vendedor de jornais. Segundo aquele vespertino carioca «o artista colheu o herói das ruas no momento em que abre a bôca no pregão vibrante de todos os dias, cheio daquela alegria sã que lhe inspira a inocência blindada».

No acto da inauguração discursou o dr. Coelho Neto, eminente homem de letras. Em nome do jornal «A Noite» entregou o monumento às autoridades. Proferiu uma notável oração, pondo em relêvo o papel do garoto de jornais e as iniciativas daquele periódico. À tarde, desfilaram perante o monumento centenas de vendedores de jornais, que estiveram nas salas da redacção de «A Noite» agradecendo as palavras dirigidas à laboriosa classe a que pertencem.

Uma senhora da alta sociedade carioca entusiasmada com a ideia do jornal «A Noite» ofereceu-se para educar um garoto de jornais.

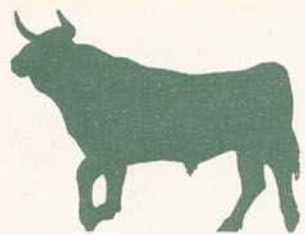
O jornal «A Noite» — a quem devemos a gentileza da publicação das fotografias que ornarn esta página, tem em Lisboa o seu representante — o nosso colega na imprensa sr. Gastão de Bettencourt.



O «Monumento ao Vendedor de Jornais» pouco depois da sua inauguração. A «maquette» é do escultor Fritz



A multidão na Avenida Rio Branco assistindo a inauguração do monumento e ouvindo pelos auto-falantes os discursos proferidos. A iniciativa da construção foi do jornal «A Noite», vespertino de grande circulação na capital brasileira.



Mestre Corrochano:

E não sei se o mestre sabe que também em Portugal há espetáculos taurinos, com empresários de carreira e de milícia, com entradas pagas, praças, toiros e até com críticos. Parece mentira, mas não é. Está claro que é tudo mau, a principiar pelos críticos, que somos piores do que a peste, pois não sabemos nada disto, o que de resto não admira visto que em Portugal nem os toiros entendem uma palavra de toiros.

No entanto, dentro do mau, somos talvez nós, os críticos, os menos maus, pois temos o culto da sinceridade e os outros nem sinceres são. Nós, os críticos taurinos portugueses, escrevemos sinceramente as nossas asneiras, ao passo que os outros, os mestres de café, se limitam a dizê-las. E como se limitam a dizê-las, nada impede que digam amanhã o contrário do que disseram ontem. E assim acertam mais do que nós, embora talvez ainda saibam menos do que nós.

Vem isto a propósito da sinceridade. Eu, pelo menos, não tenho outra pretensão além dessa. Mas essa tenho-a — e é exactamente por isso, porque me prezo de ser verdadeiro e de seguir somente os ditames da minha consciência, pronto sempre a sacrificar-lhe tudo, desde as próprias afeições particulares, e não hesitando nunca em ser irreverente, agressivo mesmo, quando tenha de ser agressivo ou irreverente — é por tudo isto que ando há vários dias com o "A B C" de Madrid do dia 24 metido no bolso do casaco, relendo a sua crítica a cada passo e quasi sabendo muitos períodos de cór. E é tal a impressão que ela me tem causado, que ando desde o primeiro dia a pensar na forma de felicita-lo, meu caro mestre, pela extraordinária lição de sinceridade que V. dá aos que escrevem de toiros e, inclusivamente, a todos aqueles que, por amizade, simpatia ou interesse, não querem dizer a verdade nem gostam de a ouvir dizer aos outros.

Essa sua crítica intitulada "Me gusta el torero de Ortega porque..." é a maior, a mais assombrosa, a mais sublime de todas as admiráveis críticas que constantemente saem da sua pena privilegiada e inconfundível.

Vou repetir algumas frases suas dessa crónica formidável, que veio confirmar, de uma maneira digna definitiva, coisas que eu tenho posto aqui, de há um ano para cá, sobre o toureiro de Ortega e sobre o toureiro em geral, mas evidentemente sem aquela autoridade e sem aquele brilho que só V. tem.

"...Me gusta el torero de Ortega por lo que no me gusta el torero de casi todos los demás. Me gusta el torero de Ortega porque tiene interés, tiene emoción y lleva siempre en los vuelos de la muleta un problema taurino por resolver. Me gusta el torero de Ortega porque no es premeditado, no va con el lance hecho ni la faena pensada, sino que se acopla al toro y desarrolla el toro adecuado. Me gusta porque eso es el torero. Torrear es salir a poder con el toro, a luchar con el toro, a dominar al toro. Y después lo que ustedes querían. Pero salir pensando dónde voy a juntar los pies, y dónde voy a dar el lance bonito — si se lo quiere dar el toro — y dónde voy a hacer esa cosa bonita que que se aplaude, eso no es torrear, aunque se aplaude, y eso tiene el inconveniente de que hay que esperar un toro y otro toro, y, cuando no sale ese toro, no se sabe qué hacer. Eso no es torrear, aunque se aplaude. No se puede torrear igual al toro bravo que al toro manso, al toro boyante que al toro difícil y de sentido; pero el torero que no sabe acoplarse, adaptarse al toro que tiene delante, no es torero, aunque lo parezca por el traje.

"... Por eso me gusta el torero de Ortega, porque siempre sale a acoplar-se al toro. Unas veces lo consigue a la perfección, como ayer; otras veces de manera más incompleta; a veces no lo logra, que no siempre se manda en el ánimo ni en las aptitudes; pero siempre tiene interés. Está valiente, está en su sitio, en el que debe estar; si hay que dar un paso más, lo da. Llegar hasta donde debe llegar. Y se le ve, poco a poco, con serenidad, con técnica, con estudio, ir apoderándose del toro. No queda nada por hacer ni deja nada a la casualidad. Todo ocurre porque debe de ocurrir. Es el torero científico, cuya ciencia no tiene más que un secreto: aguantar los toros.

"... Las cosas estudiadas, y los efectos empalagosos, y la línea fotogénica están bien para los que no se atreven de verdad con el toro. ¿Le parece a usted poca línea cuando, en una arrancada descompuesta, un torero se para y deja meter la cabeza en la muleta, y todavía le adelanta la pierna, y el cuerpo, y el corazón? No hay más línea que esa. Lo demás es tirar líneas.

"... ¡Qué bien le aguantó, qué bien le remató, qué cerca estuvo y cómo le consentió con la pierna contraria las malas arrancadas! Esto es lo único que tiene mérito en el torero. Esto es lo peligroso, y lo difícil, y lo interesante. Esto es torrear. Lo importante es pararse con los toros, y sacárselos con la muleta, y rematarlos con la muleta. Eso que hacen otros de brincar alrededor de los toros no es torrear, aunque ustedes lo crean muchas tardes.

"... Superarse como Ortega se superó ayer en sus toros no ha sido frecuente en la historia del torero. Y menos hoy, que son toreros de un toro, y, si me apuran ustedes, de un rato de toro. Y esto lo digo yo con la gran sinceridad con que siempre escribí; yo, que tengo en el toro hondos afectos, que no tiene ninguno de los que se sientan en el tendido. Pero el torero es así, y yo también soy como soy."

O mestre neste final atinge as raízas do sublime e do patético. É o sacrifício do seu orgulho de pai, é o sacrifício do seu próprio filho. Porque o mestre tem um filho toureiro, o Alfredo, e, rendido pela arte de certo toureiro estranho ao seu sangue e provavelmente às suas simpatias, não duvida, em homenagem à verdade, atirar com o seu próprio filho — na frase feliz de Vítor Ribeiro — para baixo das rodas do carro triunfal de Domingo Ortega.

Isso é enorme! Essa sinceridade sua, que o fere a si mais do que a ninguém, comove-me tanto, a mim, escrivinhador sincero de coisas taurinas, e tanto me impressiona desde o primeiro dia, que fui no domingo ao Campo Pequeno (que assim se chama a praça de Lisboa) com a sua crítica no bolso do casaco e com muitas frases suas quasi sabidas de cór. Agüentar os toiros... Meter-lhe a perna contrária... O perigoso... O difícil... O interessante... O único que tem mérito no toureiro...

E estive toda a tarde a vêr se via algum toureiro que agüentasse os toiros, que lhes adiantasse a perna contrária, que carregasse a sorte, que os levasse na muleta com um problema taurino a resolver. E não vi nada. Garanto-lhe, meu querido mestre, que não vi nada. O perigoso, o difícil, o interessante do toureiro, apesar de tourear aqui uma primeira figura como Manolito Bienvenida, não se viu no domingo.

E porquê? Porque os toiros eram *sosos*, sensibilidades? Não. Não vi nada, porque torrear é uma coisa séria, uma coisa que mete medo, uma coisa perigosa — mesmo com embolados. Se não fosse perigosa, também eu seria toureiro. Quem é toureiro tem que expor — e aquele que não expõe pode ter muito salsa sevilhana, mas fica-se em casa com ela, porque as praças não são mercados de hortaliça e a salsa não basta. Há que expor outros frutos, outros vegetais.



TOUREAR E FARPEAR

O toureiro entre nós e a sinceridade da crítica actual

No outro dia, quando meu automóvel atravessamos o paiz em direcção a Espanha, Marcial Landa, respondendo a sucessivas perguntas que lhe ia fazendo enquanto não vinha o sono, dizia-me a respeito do mais velho dos Bienvenidas: "*Manolito no quiere o no consigue darse el estiron definitivo. Pero es una figura del torero. Eso es indiscutible.*"

É exactamente por eu concordar com Marcial neste ponto — como aliás em muitos outros — que lhe digo, Don Gregório, que Manolito, figura indiscutível do toureiro, me fez no domingo recordar ainda mais a sua bela crítica sobre Ortega. Porque se Manolito, mais seu mano Pepe, fizessem aquilo que Ortega faz, se agüentassem um bocadito os toiros, eu não estaria a estas horas tão arrependido e tão envergonhado de ter aconselhado os meus leitores a não deixarem de assistir à festa de Simão da Veiga...

Aquilo no domingo, mestre, foi uma sensaboria! Sensaborões foram os toiros, não há dúvida — e mas os toureiros não teriam sido mais sensaborões ainda?

Os toiros mansos também se toureiam, sobretudo quando teem casta. Toda a gente atirou as culpas para cima dos toiros: que eram mansos, que eram *sosos*, e houve até um colega meu que lhes viu más intenções — eles, que não faziam má a uma mósca, que se ficavam a olhar para os picadores que se deitavam ao chão, e que, do primeiro ao último, não fizeram uma única coisa que justificasse o medo ou a desconfiança dos toureiros! Se nem tinham poder, nem pês, nem idade!

Os toiros foram mansos, *sosos*, sem aquele temperamento que a característica dos toiros de Alves do Rio — de acôrdo. Mas daí até deitar todas as culpas aos toiros, isso não.

Manolo e Pepe Bienvenida não os tourearam, porque não saíram a seu gósto — mas lá estamos caídos na sua frase, mes-



tre, dos tais toureiros de um toiro ou de um bocado de toiro... Não tourearam, repito: limitaram-se a bandarilhar e por vezes estupidamente, sobretudo Pepe, e sempre com domínio, com alegria e com graça, embora uma graça quasi sempre forçada. Manolito imitou até, em certas pirluetas, a *Jaca torera* de Simão.

Mas mais nada. Pepe já sabemos que é um toureiro manhoso, habilidoso, uma rata-sábua que não dá um lance de capote ou um passe de muleta sem vantagem, emendando-se sempre e arrimando-se quando a cabeça já está passada.

Manolito, que tanto me entusiasmou o ano passado, esteve pior que Pepe. Porque além de tudo esteve equivocado num toiro, no segundo, que não dobrava para o lado esquerdo e que o jovem maestro se empenhou em tourear por alto, quando é essa a forma menos indicada para os toiros que se vão. E isso não se desculpa nê.

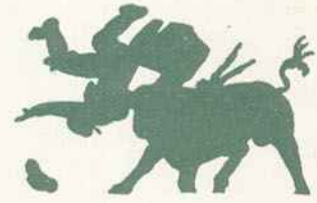
O meu querido amigo Carlos Vianna vai certamente zangar-se comigo porque é muito amigo de Manuel Bienvenida e quiere-lhe tanto como se fosse seu filho. Mas que hei de eu fazer, se isto é verdade? Talvez Carlos Vianna se lembre da forma por que o nosso "San Juan Belmonte, Patrón de Triana... faz dobrar os toiros que não queriam dobrar... Talvez êle se lembre que Belmonte dava um certo passe que até então era um simples adôrno e que nas suas mãos passou a ser um passe de castigo e de uma eficácia extrema — o molinete... Que diferença, Don Gregório!

Por isso me agrada também, a mim, o toureiro de Ortega...

Dos três toureiros que formavam a base do cartel, o que não esteve *soso* foi Simão, o grande Simãozinho, que reaparecia, depois dos seus êxitos por terras de Espanha e França. Mas também não esteve bem. Aplaudiu-se-lhe a boa vontade — e muito justamente, porque o homem vinha com o manifesto desejo de armar o escândalo — mas nada mais que a boa vontade, porque a verdade é que tudo lhe saiu mais ao menos ao contrário e êle próprio se equivocou com os dois toiros que lhe tocaram, quer no primeiro, teimando em citar para fóra um toiro que só investia para dentro e mandando depois Procópio dar-lhe umas verónicas, algumas verónicas, algumas excelentes, mas que acabaram ainda mais com êle a ponto de já não poder pôr as bandarilhas com a *Jaca torera*, quer no segundo, em que, depois de uma investida forte que o alcançou, perdeu o *controlé* dos seus nervos, preocupando-se mais em cravar ferros do que em tourear o toiro.

Já agora deixe-me dizer-lhe, meu querido mestre, para que lhe prove também a minha sinceridade e lhe mostre o cuidado que tenho em aproveitar o melhor que posso as suas lições, que nesta corrida não se respeitou devidamente a memória de José Martinho Alves do Rio. Amigos do falecido *ganadero* venderam para esta corrida uma novilhada defeituosa, desigual, com dois toiros excessivamente pequenos e *mogones*.

Eu nunca recebi um único favor de José Martinho e nunca êle gastou comigo



um vintém, a não ser em sêlos, pois mandava-me sempre os jornais espanhóis que traziam as resenhas das suas corridas. Por isso mesmo posso falar, como sempre, com sinceridade: José Martinho, se fosse vivo, e *aficionado* como era, não consentiria que a sua ganadería, a que devotava tanto carinho, se apresentasse na capital da sua terra, que êle muito honrou, da forma como a fizeram apresentar.

Protestaram-lhe os toiros, assobiaram-nos, todos se viraram contra êles, afiram-lhe as culpas do insucesso da corrida, e quasi todos os críticos (que não foram todos) os condenaram como se condena qualquer touro vulgar — e ninguém se lembrou que êses toiros se corriam ainda em nome de José Martinho Alves do Rio, que foi alguém no nosso paiz e que, com todos os seus defeitos de *ganadero* mais entusiasta que entendido, trouxe para Portugal, com o seu dinheiro, com muito dinheiro e com muita *afición*, a melhor semente de toiros lide.

Êses toiros de domingo foram mansos, *sosos*, sem temperamento — mas não quere dizer que sejam todos assim. E amanhã, quer, já em nome dos seus novos proprietários (dois dos quais são meus amigos), sair aquele toiro de génio e de casta que entusiasta o *aficionado*, e quando o público os faça baixar ao *ruedo* para os premiar como as suas ovações, eu não sei o que farão os amigos de Alves do Rio, mas sei que eu — firarel o meu chapêu à sua memória e farei aquilo que alguns dos meus colegas deviam ter feito: dois minutos de silêncio.

Aqui tem, mestre Corrochano, a minha carta, que já vai tão longa. Mestre: a nossa vida é dura! Escrever é relativamente fácil, mas escrever com sinceridade, é doloroso. Não é doloroso para quem lê, mas sim para nós, que escrevemos e sabemos de antemão os dissabores que essa sinceridade vem trazer-nos.

Veja as sensaborias que eu terei, se alguém puser os olhos nesta carta... Digo mal dos Bienvenidas, de quem um querido amigo meu é grande amigo; digo mal de Simãozinho, quando devo, particularmente, um grande, um enormíssimo favor ao pai; e digo mal dos amigos de Alves do Rio e dos organizadores desta corrida, poupando apenas Alves do Rio porque, cristão como sou, agrada-me mais defender os mortos do que desculpar os vivos, ainda quando os vivos sejam meus amigos e os mortos estejam dormindo.

A nossa vida é dura. Mas o toureiro é assim, o mestre é como ê, e eu, na minha inferioridade, na minha insignificância, também sou como sou.



em certos casos de acidente, como o fogu, por exemplo. E embora este gênero de desastres seja relativamente raro, a verdade é que a técnica de construção de aeronaves não está ainda em condições de se limitar totalmente aos céus.

Pilotos destemidos como Lindbergh e outros nunca vão sem pára-quadras.

Um piloto paracaidista do Exército Alemão a descer a um campo de aviação durante a 1ª guerra mundial.



Lola Beutcher, aviadora alemã, no momento de se preparar no campo de aviação de St. Maximien.

A ideia do pára-quadra não é recente. Já muito antes de qualquer experiência um sábio da velha Grécia afirmava que alguns metros de tecido frouxo, disposto de forma a aproveitar a resistência do ar, seriam suficientes para permitir sem risco os mais perigosos saltos.

Mas como todas as ideias simples, esta do pára-quadra tem lutado sempre contra obscuras resistências. Um grande número de aviadores duvidava da sua eficácia. Em Portugal sabemos nós como é raro os pilotos realizarem os seus vôos mundos desse precioso meio de salvacão. Ainda não há muito tempo, quando nós com um distinto aviador que se tem especializado em acrobacia aérea, tivemos ocasião de lhe ouvir manifestar o seu escepticismo acerca desse dispositivo e das suas vantagens.

Não tinha razão o nosso interlocutor. O pára-quadra representa a bordo do ardo o que boias e balizas são a bordo do mar. São meios de salvacão preciosos.



Um pára-quadra em plena actividade. Este tipo de aparelho desenvolve-se rapidamente.

O constante aperfeiçoamento destes aparelhos permitiu reduzir-lhes a um volume mínimo que em nada embarca a acção do piloto. O seu peso não excede quatro ou cinco quilos. São construídos em seda e a sua resistência e condições de funcionamento oferecem uma garantia quasi absoluta.

Muitas vidas se têm salvo com o emprego do pára-quadra. Muitas outras se poderiam ter salvo também se o seu uso fosse tornado obrigatório, revendendo-se assim a vida dos que viajam pelos ares contra os perigos dum acidente a grande altura.

Mas o que torna cada dia mais urgente em todo o Mundo o uso do pára-quadra é o progressivo desenvolvimento da aviação commercial. Milhares de passageiros cruzam hoje os ares, utilizando um meio de transporte que oferece numerosas vantagens de rapidez e comodidades. A vida destesapparelhosestá portanto de ser

O PERIGO DE VOAR

As vantagens do pára-quadra na aviação commercial e militar

protegida. Alguns desastres recentes como o "City of Liverpool", que se desentrou em mares, teriam, talvez, sido bem menos funestos e graves se os pára-quadras estivessem disponíveis nesses espaços, suspensos em cordões, os viajantes que os ocupavam.

Neste caso, porém, de aviação commercial, o problema reveste um caracter particular e delicado. Não se pode pretender que quem viaja a bordo dum avião possa a seriedade e coragem multiplicas para executar essa proeza difficil que vem ser um salto no vazio, confiada a vida ao funcionamento dum tafo. Entre os passageiros necessariamente velhos, mulheres e crianças que o sentimento do perigo arrastaria a um peo maior.

Surgiram por isso diversas soluções. Um ventor creou os pára-quadras eppimontes acuraria todo o avião. Mas este sistema não permitiu o avião de se deslocar ao tcar no ou — o que é mais grave — de ser consuetas chamam muito antes de atirar.

Um outro processo foi succedido a cabine e passageiros destacar-se da do avião imbrado e cair suspensa dum pára-quadra. Processo tanto pouco salustioso. O contacto da cabine com o solo seria violento pelo seu grande peso. Os passageiros ficariam pois mais ou menos feridos. E no caso do incendio ter tido origem na propria cabine dos passageiros o risco de combustão seria maior durante a queda.

Se o pára-quadra individual oferece portanto garantias e as soluções baseadas nãde principio são as que apresentam maior exequibilidade.

Como dissemos a desida em pára-quadras não pode ser da iniciativa do passageiro, que em regra não se encontra preparado para esse fim. E portanto ao piloto que compete preclinar no espaço, em caso de acidente, os viajantes que transporta.

Um inventor leonbrava para isso assumendo os movios que por

uma manobra do piloto eram colocados fóra do avião e soltavam o passageiro no espaço. Mas este processo offeria inconvenientes por ser complicado e por tornar demorada a operação.

O sistema que vem mais condições de successo, embora não tenha sido ainda a sua applicação definitiva, é o do capitão Frank. Segundo esse, o pára-quadra estaria oculto nas costas do assento. Em caso de acidente o piloto acciona o dispositivo que liberta o passageiro e o seu assento e os far sair pelo fundo da cabine, sendo automaticamente o pára-quadra a funcionar.

Apesar de todos os certificaes e dum incompreensível adiantamento da parte dos mais inteligentes deviam ser neste assunto, o pára-quadra está, portanto, destinado a constituir um importante elemento de segurança nas viagens aéreas que, deprimos os riscos, mais contribuiu para o desenvolvimento da aviação como meio de transporte rapido e comodo.

Uma outra applicação de alto valor do pára-quadra consiste no abastecimento de tropas isoladas em postos militares distantes. Durante a recolta de algumas tribus indianas na fronteira noroeste da Índia, os detachamentos ingleses utilizaram, pelos rebeldes puderam ser abastecidos por esta forma. Antes de voltar ao solo a região montanhosa onde se encontravam isolados soltavam soltas, e em poucos minutos suspensos de pára-quadra. Deste modo nunca faltaram as tropas inglesas mantimentos, munições, e bombas, correios, aparelhos do T. S. F., que lhes permitiam a resposta a um inimigo numeroso e manter com o centro de operações uma ex-

activa e ostensiva de que dependiam. Entretanto, em todo o Mundo, apud desastrosos pára-quadras, fascinados pelo perigo e pela emoção das grandes descidas continuam jogando a vida na conquista de "records".

Uma curiosa visão de congelar essa humanidade. Ferida a hecidade do tecido, a vida dura virá decantar-se no solo, arastando após a um pára-quadra rigidio.

Almas de Amador puseram, pela primeira

vez, em prática a ideia de se imbuir de milhares fotograficas, com avião das quais obtiveram aspectos chocantes de interesse da sua desida, um dos qual illustra esta pagina. Actualmente, o "record" do mundo de saltos em pára-quadra pertence a Lola Schürer. Possuindo uma longa experiencia, após haver realizado já 174 descidas, esta aviadora propõe-se bater o "record" mundial. Para esse fim subiu num hidro-avião perto de Kiel e sendo attingido a escantosa altura de 7.300 metros precipitou-se no espaço. A sua queda demonstrou que, em poucos minutos, — quasi meia hora, para realisar todo o assombroso salto a aviadora alemã permitiu a resposta a um inimigo numeroso e manter com o centro de operações uma ex-

activa e ostensiva de que dependiam. Entretanto, em todo o Mundo, apud desastrosos pára-quadras, fascinados pelo perigo e pela emoção das grandes descidas continuam jogando a vida na conquista de "records".

Uma curiosa visão de congelar essa humanidade. Ferida a hecidade do tecido, a vida dura virá decantar-se no solo, arastando após a um pára-quadra rigidio.

Almas de Amador puseram, pela primeira



Logo de partida para Schürer, aviadora alemã, e o primeiro, durante uma descida.

vez, em prática a ideia de se imbuir de milhares fotograficas, com avião das quais obtiveram aspectos chocantes de interesse da sua desida, um dos qual illustra esta pagina. Actualmente, o "record" do mundo de saltos em pára-quadra pertence a Lola Schürer. Possuindo uma longa experiencia, após haver realizado já 174 descidas, esta aviadora propõe-se bater o "record" mundial. Para esse fim subiu num hidro-avião perto de Kiel e sendo attingido a escantosa altura de 7.300 metros precipitou-se no espaço. A sua queda demonstrou que, em poucos minutos, — quasi meia hora, para realisar todo o assombroso salto a aviadora alemã permitiu a resposta a um inimigo numeroso e manter com o centro de operações uma ex-

activa e ostensiva de que dependiam. Entretanto, em todo o Mundo, apud desastrosos pára-quadras, fascinados pelo perigo e pela emoção das grandes descidas continuam jogando a vida na conquista de "records".

Uma curiosa visão de congelar essa humanidade. Ferida a hecidade do tecido, a vida dura virá decantar-se no solo, arastando após a um pára-quadra rigidio.

Almas de Amador puseram, pela primeira

vez, em prática a ideia de se imbuir de milhares fotograficas, com avião das quais obtiveram aspectos chocantes de interesse da sua desida, um dos qual illustra esta pagina. Actualmente, o "record" do mundo de saltos em pára-quadra pertence a Lola Schürer. Possuindo uma longa experiencia, após haver realizado já 174 descidas, esta aviadora propõe-se bater o "record" mundial. Para esse fim subiu num hidro-avião perto de Kiel e sendo attingido a escantosa altura de 7.300 metros precipitou-se no espaço. A sua queda demonstrou que, em poucos minutos, — quasi meia hora, para realisar todo o assombroso salto a aviadora alemã permitiu a resposta a um inimigo numeroso e manter com o centro de operações uma ex-



Uma descida em pára-quadra.

Os surdos-mudos



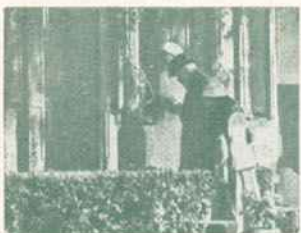
NUMA escola de surdos-mudos de Filadélfia, na América do Norte, ensina-se às crianças a diferença de articulação das letras, pelas pancadas dadas num grande tambor. Os pequenos surdos-mudos, com as mãos colocadas no tambor, articulam conforme a vibração que sentem nas cabeças dos dedos.

Contra Venizelos



VENIZELOS — o antigo chefe de Governo grego — foi alvejado a tiro, por um grupo de desconhecidos, quando viajava num automóvel, acompanhado de sua esposa e dum oficial às ordens. Os criminosos seguiam noutro carro.

Poincaré



POINCARÉ — o grande político francês — encontra-se melhor da grave doença que o ia vitimando. Está descansando em Carbondy.

A graça alheia



OS NOVOS PORRES ?
— MARQUESA !
— BARÃO !

PELO MUNDO FÓRA

A Conferencia Economica Internacional



No dia 12 de junho inaugurou-se em Londres a Conferencia Economica Internacional. Na sala nobre do Museu Geologico estavam cerca de mil cadeiras para os delegados, estenografos e jornalistas. Ao fundo armou-se um trono — como se vê na gravura — para Jorge V. A cerimonia assistiram só dois membros de cada delegação. O rei de Inglaterra proferiu o discurso de abertura. Começou nos seguintes termos:

«Senhores: Nestes tempos de crise economica, que por toda a parte, se faz sentir, é com o sentimento de profunda responsabilidade que vos desejo as boas-vindas a este país. Creio que é esta a primeira vez, na Historia, que um soberano preside á abertura duma conferencia de todas as nações do mundo. Sinto-me contente que uma tal reunião se tenha podido fazer. Este esforço comum levará a resultados beneficos. Desejo as boas vindas cordeais aos representantes dos Estados membros da S. D. N.»

E terminou, fazendo votos para que os trabalhos da conferencia reponham o mundo no caminho da prosperidade. Eis as suas palavras:

«Em presença da crise de que todos se dão conta e de que todos reconhecem a acuidade, peço-vos que unais os vossos esforços, para bem do mundo inteiro. Não posso crer que o homem seja incapaz de utilizar os vastos recursos do mundo, de maneira a assegurar o progresso material da civilização. Esses recursos não sofreram qualquer deminuição; pelo contrario, as descobertas, as invenções multiplicaram a utilização da abundancia de produção.»

A assinatura do «Pacto dos Quatro»



No dia 6 de junho foi assinado em Roma o «Pacto dos Quatro». É um documento de alta importancia politica e de grande valor diplomatico. Foi assignado por Mussolini e pelos embaixadores de França, Alemanha, e Inglaterra. O presidente do governo italiano expoz nessa tarde, no Senado, as circunstancias em que elle foi negociado. Traçou a sua história exacta e insistiu no facto do texto primitivo ter sido modificado e do Pacto ser o resultado da colaboração das potencias chamadas a assiná-lo. Afirmou tratar-se de um documento particularmente importante.

Mussolini mostrou como o texto primitivo por elle elaborado fôra adaptado ás exigencias legitimas dos diferentes Estados e comentou as passagens mais importantes do documento, explicando que a revisão dos tratados estava prevista pelo artigo 19.º do Pacto da Sociedade das Nações, e que o Pacto das Quatro Potencias chamará a si este artigo.

A graça alheia



NA EXPOSIÇÃO DOS HUMORISTAS:
— HÁ DESENHOS QUE NÃO DEVEM SER VISTOS POR MENINAS.
— QUAIS SÃO, MAMÃ ?
— JÁ T'OS MOSTREI !

Um rei que fez desporto



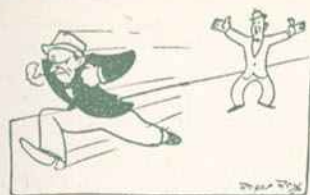
GUSTAVO V — rei da Suécia — apesar da sua idade, tem cerca de 70 anos, é um fervente desportista. A sua predilecção é o tennis. De passagem por Paris — a semana passada — esteve jogando algumas partidas no «Racing-Club de France». Bateu algumas das melhores raquettes parisienses e foi alvo das atenções dos tennistas e do público, que em grande número encheu o campo do conhecido clube francês. No seu país concorre aos campeonatos e fica sempre classificado.

A graça alheia



O HOMEM DE NEGÓCIOS PARA A ESPORA QUE VEM ESTUANDO:
— BOM DIA, SEU AMOR, BOM DIA. OLHA, JORNI, DÁ AÍ UM BEIJO A MINHA MULHER QUE EU NÃO TENHO TEMPO !

A graça alheia



— ESPERA! ESPERA! NÃO É DINHEIRO QUE TE QUERO PERDER... QUERIA SABER QUE HORAS SÃO...

A censura e a guerra



Com o título de «Images secrètes de la guerre» percorre o mundo o primeiro fascículo duma publicação onde se inserem 200 fotografias censuradas em França durante a guerra. Na gravura de cima, vê-se o canto duma trincheira alemã, onde varios soldados estão procurando apanhar pulgas nas camisas. Até isso era prohibido dizer-se. Na debaixo vêm-se duas pedras tumulares, uma dum soldado alemão e outra dum soldado francez. A foto foi prohibida de publicar porque: «dois soldados inimigos não devem estar lado a lado, nem mesmo na morte».

«Images secrètes de la guerre» tirou mais de quinhentos mil exemplares e encontra-se quasi completamente esgotada a tiragem. Na Livraria Bertrand os exemplares desaparecem logo que chegam.

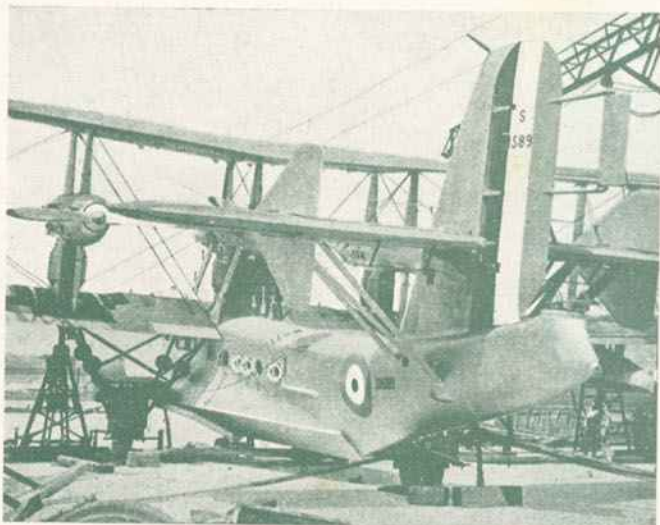
A graça alheia



NUMA ESQUADRA DE POLICIA:
— EM QUE SE OCCUPA?
— SOU EMPREGADO NUMA CASA FUNERARIA PARA O SERVIR...

PELO MUNDO FÓRA

O maior hidro-avião do mundo



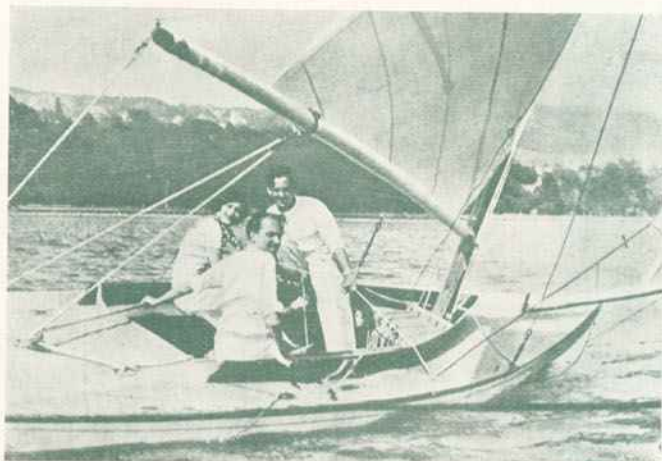
Em Rochester efectuou o seu primeiro vôo o maior e mais poderoso hidro-avião militar do mundo. Depois de ter sofrido algumas alterações, ficou apto a subir. Tem 20 motores, mas bastam 6 para se elevar.

Josephine é ainda o idolo de Paris



A bailarina negra Josephine Baker continua sendo o idolo dos parisienses. Na gravura, vê-se a celebre dançarina cortando a fita simbólica na cerimónia do baptismo da Comuna Livre da «Fol'Butte» do XIX bairro de Paris.

O casamento do ex-principe das Asturias



O casamento morganatico do ex-principe das Asturias foi o caso mundial desta quinzena. Casou contra vontade de Afonso XIII, embora oito dias depois lhe tivesse perdoado, com uma joven cubana Edelmira San Pedro. Ocoje, que conheceu no Sanatório suizo, onde esteve em tratamento.

Acrobacia aérea



Um pintor inglês, de nome W. E. Mackney subiu a um mastro de 40 metros de altura e no tópo fez verdadeira acrobacia aérea. O poder do mundo caiu no «Trafalgar Square». Para se avaliar da altura do mastro, este foi colocado ao lado da «Coluna Nelson» que mede cerca de trinta metros de altura.

Na India Inglesa



NUMA das praças públicas de Bombaim, exhibe-se um indio que introduziu na pele algumas dezenas de limões.

Ainda a guerra



O general Gouraud condecorou no pátio dos Inválidos de Paris, com a Legião de Honra, o abade Charles Gillet, grande mutilado de guerra. Não tem mãos nem um pé.

Festas de caridade

NO GRÉMIO LITERÁRIO

Por iniciativa do conselho director do Grémio Literário, e levado a efeito por uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade, de que faziam parte as sr.^{as} condessa das Galveas, D. Fernanda Malheiro Tavares de Sévres, D. Jane de Santana de Lança Cordeiro, D. Maria Adelaide de Castro Pereira Balsemão, D. Marta Emauz Leite Ribeiro, D. Rita de Somer Viveiros Pereira, D. Sofia Covacich de Sousa Lima e D. Sofia Roboredo de Oliveira Portela, realizou-se na noite de São Pedro, nos vastos salões do Grémio Literário, à rua Ivens, um grandioso baile de subscrição, com fins de beneficência, que decorreu sempre no meio da maior animação, dançando-se quasi que sem interrupção, ao som de duas exímias orquestras «jazz-band», que executaram um variado programa de músicas modernas.

Pela uma hora da manhã, foram servidos gelados e «cup», e pelas duas horas da madrugada, no salão de mesa dessa aristocrática agremiação uma finíssima ceia.

O baile do Grémio Literário, marcou não só pela sua selecta frequência, como também pela animação e brilhantismo em que decorreu.

O aspecto, tanto dos vastos salões como dos jardins, era verdadeiramente encantador, para o que muito concorreu o grande número de senhoras da nossa primeira sociedade com os seus vestidos de tons claros.

O conselho director, bem como a comissão de senhoras, devem ter ficado plenamente satisfeito com os resultados da festa, tanto financeiro, como mundano.

NO PARQUE FONTALVA

Organizado por uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade de que faziam parte as sr.^{as} D. Ana Foyus e Freitas, D. Beatriz de Lima Trindade Horta, D. Joana Teles da Silva (Tarouca), D. Maria Domingas de Sousa Coutinho Rebelo da Silva, D. Maria Inácia de Castelbranco, D. Maria da Paz Batalha, D. Maria Tereza de Lencastre Ferrão de Castelo Branco e D. Stela de Lencastre Laboreiro Fiuza, realizou-se, no Parque Fontalva, a S. Mamede, gentilmente cedido pelos seus proprietários, nas noites de 24, 25, 28 e 29 de junho último um grandioso festival popular de caridade, a favor de várias obras de beneficência, que foi sempre muito concorrido, tendo tódas as barracas, feito ótimo negócio.

NA QUINTA DAS CAMPAINHAS

Nas noites de 23, 24, 25, 28 e 29 de junho último, realizou-se na Quinta das Campainhas, em Calhariz de Benfica, gentilmente cedida pela sua proprietária, um «Arraial Popular» de caridade, levado a efeito por uma comissão de senhoras da nossa melhor sociedade e cujo produto se destinava a um fim verdadeiramente altruista.



VIDA ELEGANTE

O vasto recinto da Quinta das Campainhas, esteve tódas as noites repleto de tudo o que de melhor conta a nossa sociedade elegante, fazendo as barracas bom negócio, sobretudo a das «Isças».

Estas festas populares marcam sempre pela animação e elegância.

Casamentos

Na paróquia de S. Jorge, em Arroios, realizou-se com grande brilhantismo, o casamento do sr.^o D. Ema Gonçalves Figueira Vidal Cruz, gentil filha da sr.^a D. Adécilia Figueira Vidal Cruz e do sr. Henrique Gualberto Cruz, com o sr. Miguel Amaro, filho da sr.^a D. Maria Vitória de Oliveira Amaro e do sr. António Amaro.

Foram madrinhas a mãe da noiva e a sr.^a D. Aurora de Oliveira Amaro e padrinhos os srs. Dr. Manuel do Casal Ribeiro de Carvalho, director do Banco de Portugal e Wladimiro de Meneses.

Celebrou o acto o prior da freguesia cônego



EM CIMA: Em Gouveia. Casamento da sr.^a D. Maria da Assunção de Melo Machado de Albuquerque Corte Real, com o sr. Dr. João Gonçalves Dias. Os noivos, padrinhos e convidados. EM BAIXO: A sr.^a D. Ema Gonçalves Figueira Vidal Cruz e o sr. Miguel Amaro, por ocasião do seu casamento realizado na paróquia de S. Jorge, em Arroios

dr. Martins Pontes, que fez uma brilhante alocação, seguindo-se a missa resada pelo reverendo Lemos.

Finda a cerimónia religiosa, foi servido na elegante residência dos pais da noiva um finíssimo lanche, seguindo os noivos para Sintra, onde foram passar a lua de mel.

Aos noivos foi oferecido um grande número de artísticas prendas.

— Na Moita do Ribatejo, realizou-se o casamento da sr.^a D. Maria Emília Correia da Costa, gentil filha da sr.^a D. Maria Emília da Costa e do lavrador sr. João da Costa, já falecido, com o sr. José Francisco Ferreira, chefe da tesouraria da Câmara Municipal do

Barreiro, filho da sr.^a D. Maria Tomazia Lobo Ferreira e do importante industrial sr. Francisco Ferreira.

Serviram de madrinhas as sr.^{as} D. Maria Luíza Dias Costa de Almeida, tia da noiva e D. Carmen Pereira de Araújo Ferreira, cunhada do noivo e de padrinhos os srs. Joaquim Correia da Costa, antigo consul de Portugal em Nápoles e irmão da noiva e Francisco Ferreira Júnior, irmão do noivo.

Terminado o acto a que assistiram as principais famílias do Barreiro e da Moita do Ribatejo, foi servido na elegante residência da mãe da noiva um finíssimo lanche, seguindo os noivos depois para o Monte Estoril, onde foram passar a lua de mel.

Aos noivos foi oferecido um grande número de valiosas prendas.

— Realizou-se na capela do Senhor dos Navegantes, em Paço d'Arcos, o casamento da sr.^a D. Maria Gabriela da Silva Moreira Rato, interessante filha da sr.^a D. Amélia dos Anjos da Silva Moreira Rato e do sr. Duarte Moreira Rato, com o sr. José Cruzes da Costa Marques, filho da sr.^a D. Carolina Santos Cruzes Costa Marques, e do sr. Feliciano António da Costa Marques, já falecido.

Foram madrinhas a mãe da noiva e a sr.^a D. Leonor Marques Teixeira e padrinhos o pai da noiva e o sr. Ismael de Borja Reis Teixeira.

Celebrou o acto o reverendo Sabino Marques, que no fim da missa fez uma brilhante alocação.

Finda a cerimónia religiosa, foi servido na elegante residência dos pais da noiva, um finíssimo lanche, da pasteleria «Versailles», recebendo os noivos grande número de artísticas prendas.

— Na paróquia de S. Pedro, em Alcântara, realizou-se, com muita intimidade, o casamento da sr.^a D. Fernanda da Conceição Portas com o sr. Fernando António Silva, tendo servido de madrinhas as sr.^{as} D. Célia Horta e D. Rosa Maria Portas e de padrinhos os srs. D. António de Melo Breyner (Maíra) e João Portas.

Aos noivos foi oferecido um grande número de valiosas prendas.

D. Nuno.

Foi com íntima emoção que os jornalistas cinematográficos assistiram, no passado dia 14, a convite da Tóbis Portuguesa, à filmagem de algumas cenas destinadas ao primeiro fonofilme realizado em Portugal.

Tudo parecia, de resto, hábilmente disposto para provocar nos visitantes essa agradável emoção de contentamento e entusiasmo. O vasto recinto onde os cenários haviam sido montados lembra nos mais miúdos pormenores uma cena de grande estúdio americano ou francês, tal como eles nos são revelados pelas fotografias que os serviços de propaganda das grandes empresas fazem circular pelo Mundo.

Espalhados um pouco por toda a parte, vêm-se numerosos projectores, cujos feixes de claridade intensa vão desenhar sombras, acurar relêvos. Debruçada sobre o local onde se vai passar a cena, está a câmara cinematográfica, montada sobre rodas e ligada por misteriosos cabos aos camiões que estacionam mais adiante. Tudo aquilo tem um ar de «coisa a sério» que intimida e prende a atenção.

Vai filmar-se a primeira cena, Vasco Santana, o grande cómico do nosso teatro, e Ana Maria, pseudónimo duma senhora da primeira sociedade, tomam os seus lugares, frente à objectiva, e escutam as últimas recomendações de Cottineli Telmo.

Madame Tonka, que desempenha a função de montadora deste filme, troca pelo telefone algumas frases breves com o operador de sons, instalado no camião. Está tudo em ordem. Um toque estridente de *klaxon*, logo seguido duma ordem gritada com voz forte, fazem a fatal imposição: Silêncio!

E no silêncio que se segue, recorta-se nítido o diálogo de Vasco Santana e Ana Maria.

«Corta!» — A ordem seca e forte vem interromper a cena que não satisfaz o realizador. Três vezes ela se repete num enervante desejo de perfeição.

No intervalo vamos admirando o cenário. Prédios pequenos com todas as características das moradias modestas de Lisboa. Estabelecimentos de bairro populoso e pobre, com seus letreiros pitorescos. Pelas paredes, restos de cartazes ou manchas simulando a acção do tempo. Tudo tão real que ao ali entrar e vendo só as fachadas, tem-se a impressão bem nítida de penetrar num bairro desconhecido mas inconfundivelmente lisboeta.

Terminou a filmagem. Mostram-nos o cenário quase completamente montado duma oficina de alfaiate, cuidado nos seus mais pequenos pormenores. Cottineli vai-nos explicando que as experiências de luz deram o melhor resultado. A cena, que está instalada dentro duma das dependências da Quinta, foi já fotografada com instantâneos de um milésimo de segundo, o que prova que a luz empregada é suficiente para a filmagem.

Beatriz Costa que já chegou e assistiu à última parte da filmagem, escreve dedicatórias nas suas fotografias com trepidante exuberância de gestos e palavras.



CINEMA

Primeiros passos da indústria portuguesa

Oferece-se a oportunidade de abordarmos Madame Tonka, a distinta artista a quem foi confiada a direcção técnica do filme.

Madame Tonka é uma artista reputada no estrangeiro. Colaborou, na delicada operação da montagem, em numerosos filmes. Tomou parte, como assistente de René Clair, nesse admirável filme que é «Sob os telhados de Paris». A sua longa experiência é, sem dúvida, uma das melhores garantias com que conta a «Tobis Portuguesa».

Na conversa que segue à nossa apresentação,

M.^{me} Tonka fala-nos, em termos entusiásticos, de Portugal. E confia-nos um projecto:

— Penso em realizar alguns documentários sobre o seu país. Há aqui assunto abundante, susceptível de provocar considerável interesse lá fora. Não falo de documentários tais como eles se realizam em Portugal — séries de fotografias, francamente expressivas, sem movimento nem ritmo.

E vindo ao encontro duma ideia que poderia estar no nosso espírito:

— Entendo que são os estrangeiros quem melhor se encontra habilitado a realizar documentários portugueses. Vocês, à força de verem a todo o momento as mesmas cenas perderam a noção do pitoresco. É preciso vêr isto com olhos novos...

A conversa interrompe-se para começar o «Porto de Honra» com que a empresa quiz obsequiar os visitantes.

Há discursos breves, singelos, que respiram confiança e entusiasmo. No ambiente que se estabelece, cheio duma agradável intimidade, o fonocinema português não aparece já como uma miragem distante e illusória. Mas sim como uma bela realidade, representada ali perto por essa paisagem de verdadeiro estúdio, com seus projectores, suas câmaras e seus microfones.

Exalta-se o esforço dos que à difícil empresa meteram ombros, corajosamente. E salienta-se a cooperação preciosa dos técnicos estrangeiros atraídos a Portugal pela indústria nascente e que garantem, pelos seus sólidos conhecimentos do «metier», a perfeição técnica dos filmes que aqui vão ser realizados.

Como é natural, vai para os artistas que colaboram no filme uma grande parte dos aplausos dispensados. Vasco Santana, Beatriz Costa e Tereza Gomes, em especial, são alvo de significativas homenagens.

No meio da maior cordialidade terminou esta tarde que marca, para todos que se interessam por cinema em Portugal, o início da filmagem sonora entre nós, em bases sólidas e estáveis.

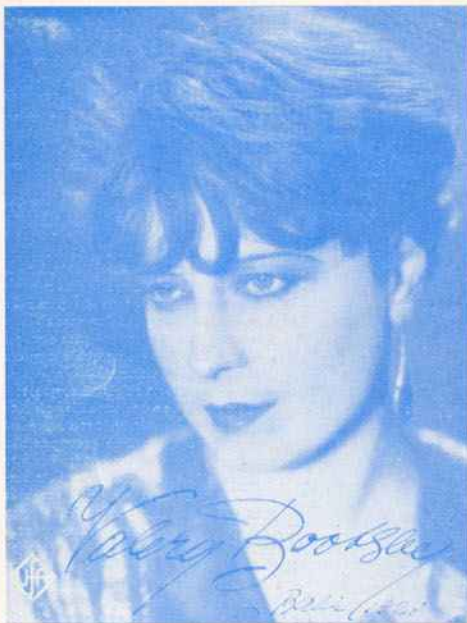
Resta desejar que o esforço dispendido não resulte estéril. Que desta excepcional conjugação de vontades e energias resulte continuidade, para que a indústria cinematográfica seja um facto útil ao prestígio da nação e proveitoso para as suas finanças.

Resta salientar este facto: «Canção de Lisboa», que será dentro de pouco tempo a materialização de todo este esforço, é um filme quase exclusivamente interpretado por artistas teatrais. Concordamos com esse facto porque ele representa a única solução possível no momento presente. Mas que no futuro não se fecha a porta aos novos, aos valores que possivelmente se revelem, para que estes encontrem oportunidade de trazer ao cinema o influxo vivificante do que ele não deve prescindir.



EM CIMA: Beatriz Costa, a popular «vedeta» do teatro, que vai interpretar «A Canção de Lisboa»
EM BAIXO: Aspecto da filmagem dum diálogo entre Ana Maria e Vasco Santana

Luiz Rodrigues.]



Valery Boozhik, cuja trágica história relatamos neste número

Não quero isto dizer que não acreditemos nas possíveis revelações dos novos. Mas a estes será indispensável uma longa aprendizagem.

Representar não é trabalho de pura intuição embora esteja sempre ao lado de um lugar importante. É antes resultado duma longa prática. E essa só os nossos artistas teatrais estão hoje em condições de a aplicar ao cinema.

«O Testamento do Doutor Mabuse» teve um acolhimento entusiástico da crítica e do público. Apesar nos registar este facto que vem confirmar as referências que no nosso último número lhe havíamos feito.

Douglas Fairbanks Júnior veio de passeio até à Europa, depois do seu sensacional divórcio de Joan Craw-

ford, e, no generoso desejo de lhe evitar um isolamento que lhe seria penoso, seu pai, o velho Douglas Fairbanks, acompanhou-o.

De passagem em Londres, os dois grandes artistas revelaram aos jornalistas um surpreendente projecto: Douglas Sénior aparecerá pela primeira vez no *Leitão* ao lado de Douglas Júnior numa versão falada de «O Filho do Zorro», em que os dois artistas interpretarão os papéis de pai e filho.

Como se sabe, Eisenstein, não tendo chegado a acordo com os produtores americanos, partiu de Hollywood para o México e financiado por alguns amigos realizou nesse país um extenso filme representado por sessenta mil metros de película.

Restava fazer a montagem do filme, reduzindo-o à proporções mais modestas. Mas Eisenstein foi forçado a regressar à Rússia e o encargo de tratar o assunto coube a Upton Sinclair, célebre romancista norte-americano.

Ao cabo de numerosas dificuldades, Upton Sinclair conseguiu encontrar um produtor disposto a tentar a difícil tarefa. Foi demorado o trabalho. Dos sessenta mil metros foram aproveitados, em primeira análise, desse mil. E estes foram mais tarde reduzidos a dois mil. Ao filme resultante foi dado o nome de «Trovoada no México».

A primeira apresentação teve cará-

cter muito particular. As impressões dos que a ela assistiram são contraditórias. Uns manifestam-se entusiasmados com a obra do artista russo, ao passo que outros não escondem uma profunda decepção. Todos são, porém, unânimes em afirmar que a fotografia é admirável.

Supõe-se que o filme será apresentado brevemente ao público. Entretanto, uma importante questão ocorre: Corresponderá «Trovoada no México», às intenções do seu autor? É duvidoso. Porque a verdade é que dos 60.000 metros de película deixados por Eisenstein apenas 2.000 foram utilizados e que, para fazer tão profundo trabalho, o técnico americano nada mais teve do que algumas sucintas notas deixadas pelo realizador.

O célebre realizador alemão E. A. Dupont, autor de *esse* filme inesquecível que é «Variadas», está na América onde vai trabalhar para a «Universal».

O seu primeiro filme será uma comédia musical intitulada «A Dama das Orquídeas», extraída da peça «Lírios de Broadway».

June Knight, que se celebrou no teatro, fará com este filme, a sua estreia no cinema. E por uma curiosa circunstância irá trabalhar para um estúdio, junto do qual nasceu e onde, apesar de todas as diligências, nunca conseguiu entrar.

Greta Garbo, ao renovar o seu contrato com a «Metro», impôs uma condição que foi facilmente



Herbert Marshall, eminente artista americano

CINEMA ACTUALIDADES

accita. Pretendia a famosa *vedeta* sueca que nos seus próximos filmes trabalhassem os operadores, técnicos e electricistas que já haviam tomado parte na realização das suas produções anteriores. É conhecida esta simpatia de Greta Garbo pelos colaboradores obscuros do estúdio — simpatia que nada tem de espectacular. No último Natal, um dos raros telegramas que ela enviou da Suécia para Hollywood era dirigido a esses modestos companheiros do seu trabalho.

Um telegrama lacónico fornecido pelas agências telegráficas informa-nos que Douglas Fairbanks está gravemente enfermo em Nova York. Logo após o seu regresso da Europa o célebre actor contraiu uma pneumonia, inspirando o seu estado sérios cuidados.

Douglas é dentro do cinema alguma coisa mais do que um grande actor. É a recriação viva duma idade heroica em que o cinema não falava mas ia buscar ao movimento intenso um poder de expressão não inferior. O seu nome tem brilhado sem interrupções durante quasi vinte anos, num Mundo que e quece alguns ídolos em vinte dias. Fazemos, portanto, votos para que o seu organismo, ainda invejavelmente robusto, triunfe do mal e que o seu largo sorriso volte a brilhar no *Leitão* em novas criações.

Colecionar autógrafos está em moda na América. E, como todas as modas, tem os seus fanáticos.

Pagam-se somas importantes pelos autógrafos



Charles Starrett, notável gául do cinema americano

de determinadas personalidades em evidência. E, como é natural, os artistas de cinema ocupam, neste caso, lugar de destaque.

Um manuscrito de Greta Garbo paga-se por 25 dólares, ou sejam cerca de oitocentos escudos da nossa moeda. Cartas de Charlot ou de Marlene Dietrich valem dez dólares.

Quanto aos homens políticos têm bem menos cotação. Os autógrafos de Roosevelt são pagos a três dólares e os de Hoover a dólar e meio. É também isto o preço que se paga pelos de Jackie Coogan, o que servirá talvez de consolidação ao ex-presidente dos Estados Unidos.

Parece averiguado que Charlot, o cómico inimitável, contraiu novo casamento. Apesar da sua dolorosa experiência do matrimónio, que ainda da última vez lhe valeu um ruído divórcio, o coração de Charlot não perdeu ainda, portanto, as ilusões ardentes da mocidade. Charlot repete, uma vez mais, a sua tentativa para alcançar a felicidade.

A verdade, porém, é que tanto ele como Paulette Goddard, indicada como sua noiva, desmentem a notícia do casamento, reconhecendo embora que se encontram noivos. Foi contudo possível obter dos seus íntimos a confirmação do boato.

Sobre o local onde o casamento se efectuou nada se sabe ao certo. Há quem diga que foi num hoteleiro fazendo cruzeiro no Pacífico. Mas isso não passa duma simples presunção.

Por este casamento, Paulette Goddard — uma beladade que tem fascinado Hollywood — prepara-se, implicitamente para ascender à categoria de «estrela». De facto, Charlot confiar-lhe-á o principal papel feminino no seu próximo filme. Não se conhece ainda o título que esta nova produção de Charlot terá, mas sabe-se que nela tomarão parte apenas três personagens: Charlot, Paulette Goddard e um velho. Dada a grande simplicidade do entredo, espera-se que esta venha a ser uma das obras mais significativas na carreira do célebre cómico.



Marlene Dietrich, a emocionante interprete de «O expresso de Xingua»

Goddard. E Adolphe Menjou reaparecerá no papel que o estabilizou.

Além disto, Charlot pensa mais do que nunca em encarnar no *Leitão* a figura de Napoleão. Sabe-se que nos últimos tempos tem procedido a pacientes investigações históricas e recolhido numerosos materiais para tão difícil empreendimento. A hipótese de vermos um dia Charlot interpretando o grande imperador toma, pois, dia a dia, maior vulto.

A exposição internacional de Chicago vai ser o cenário dum filme que a «Columbia» tem em preparação e que, revelando-nos as maravilhas da exposição «Um século de progresso», servirá ao mesmo tempo à sua propaganda.

«Cyrano de Bergerac» vai ser adaptado ao cinema, pela «Rialto». A acção será modernizada, decorrendo no período da Grande Guerra. É o grande actor John Barrimore quem interpreta o difícil personagem que dá o nome à obra.

A próxima *partenaire* de Chevalier será Sylvia Sydney. O filme intitular-se-á «O caninho do amor».

Estamos certos que os dois artistas formarão na tela um par encantador que deixará, talvez, na sombra a famosa aliança Chevalier-Jeanette Mac Donald.

VENERÁVEL-HOOLBY, a simpática loira de sorriso inclinado que o cinema alemão nos revelou, é sem dúvida uma das artistas queridas em Portugal, não tanto pelas suas filmes como pela intensa camaradagem que durante algum tempo a precedeu ao novo compositora Artur Duarte.

Nos últimos tempos, o nome de Valery Boozhik desapareceu do noticiário das revistas de cinema. Conhecida a natureza, como tantos outros, que brilham durante um momento sob a luz da publicidade para logo se sumirem.

O que foi a sua vida durante este espaço de tempo não o sabemos. Mas sabemos a realidade, tornada por muitos desalentos e muitas amarguras.

Foi por isso com emoção que se nos deparou há dias, perdida no noticiário dum jornal francês, a informação de que atendida contra a existência num momento de desolção.

Cansada talvez de lutar contra um destino ingrato, Valery quis pôr termo à vida. E para não deixar ao abandono e que muito sofria, mandou primeiro matar um pequeno cão, companheiro inconsciente da sua desventura.

Depois, alguns tubos de estofamento serviram-lhe à execução do seu trágico destino.

Atualmente, encontra-se em Beaulieu, sendo grata ao seu estado. — M. R.

A realização de «A Canção de Lisboa», a que noutro lugar nos referimos, vem demonstrar, dum modo evidente, que o cinema não pode dispensar o concurso dos artistas teatrais.

De facto, na distribuição deste filme figuram quasi exclusivamente nomes conhecidos do teatro português, com uma única excepção que a seu tempo teremos ocasião de apreciar.

EM vão se procuram hoje vestígios da cidade de Messina que foi Zancle e mais tarde Messana. Tudo desapareceu naquele solo arenoso e inconsistente: vestígios da sua terrível história de tirania, cercos, invasões e terremotos.

Só de quando em quando, uma brisa ligeira traz, até nós, uma leve aragem dos seus tempos de outrora.

Messina, essa cidade, que se mira constantemente no espelho das águas do estreito, nas águas cobalto do Mediterrâneo, essa cidade cujas colinas são altares verde-esmeralda, dá-nos a impressão de que procura constantemente renovar-se, fazendo esquecer a sua longa história de lutas e atrocidades.

O seu emblema, o braço da cidade — uma cruz dourada em campo vermelho — é o testemunho flagrante da sua enorme prosperidade quando da dominação bizantina e a recordação constante da heroica empreza de Metrodoro realizada em 407 para libertar o imperador Arcádio, cercado pelos búlgaros, em Tessalónica.

Messina principia a surgir-nos grandiosa quando, junto a uma infinidade de grandes edifícios, avistamos a catedral, o «Duomo».

Transformada com o decorrer dos séculos, a catedral, conserva, entretanto, detalhes da sua construção primitiva, demonstrações claras da influência bizantina.

Conta a lenda, que Messina foi fundada por uma colónia de Naxos, tendo-lhe sido imposto, segundo uns, o nome de Zancle, oriundo do rei Zancleo, segundo outros, pela configuração da sua costa.

Mais tarde e seguidamente foi colonizada por gente vinda da Euboea e da Ásia Menor, até que Amassilla, auxiliado pelos messenos fugitivos, derrotou os invasores e substituiu o nome de Zancle pelo de Messana.

Messina, tem três épocas de grandes contrastes: lutas, grandeza e arte.

A primeira, no ano 400, é intensa de guerras, de lutas com as outras cidades para a primazia de residência do vice-rei e por causa das divisões territoriais. Mais temíveis, entretanto, do que estas lutas, foram as guerras internas, entre a nobreza e a burguesia, pela concorrência daqueles aos lugares públicos.

A história assinala o ódio enorme que predominava entre as poderosas famílias Moleti e Siscara que, de sangue, tanto tingiram as ruas da cidade e teriam levado Messina para uma guerra civil se não fôsse a oportuna intervenção do arcebispo António de Alignedine que levou a concórdia àquelas duas casas tão desavindas.

A segunda época, no século xv é o período áureo dos habitantes de Messina. As artes animadas por um grande ressurgimento económico, voltam à sua primitiva grandeza e os génios privilegiados de Rafael e Miguel Angelo marcam o estado florescente da cidade.



IMPRESSÕES DE VIAGEM

MESSINA

O ano 600 é, para Messina, o período do máximo esplendor artístico, a época em que surgem as mais belas instituições culturais.

Finalizaremos esta fugida resenha histórica da cidade que tão galhardamente acolheu os jornalistas da imprensa mundial, recordando os mais célebres acontecimentos do período heróico do Resurgimento: o do 1.º de setembro de 1847 e o de 1860.

Na memória de todos perdura ainda o horroroso cataclismo de dezembro de 1908 que destruiu quasi por completo a cidade, derrubando edifícios, transformando os monumentos em montões de pedra.

A guerra da Líbia primeiro e depois a Grande Guerra têm atrasado a sua reconstrução. Dentro em breve porém, Messina, será tal como dantes, uma grande, uma formosa cidade.

* * *

Estamos em Messina, cidade onde as ruas estão peçadas de operários, onde se trabalha com afincamento no natural desejo de fazer esquecer o cataclismo que a assolou.

Procura-se fazer com que ela adquira o mesmo aspecto grandioso de outrora, construindo filas de enormes edifícios, interrompidas aqui e acolá por lindas igrejas, já reedificadas.

Quando sejam terminados os trabalhos do porto, da estação do caminho de ferro e restaurado o teatro Victor Manuel, Messina poderá anunciar o final da sua reconstrução.

A cidade está sendo reedificada dentro das necessidades modernas e do progresso da civilização. As ruas estreitas e acanhadas foram substituídas por largas e compridas avenidas, como a de «Garibaldi», o «Corso Cavour» e «Via Tommaso Cannizzaro», e as casas são construídas segundo as mais modernas bases anti-sísmicas.

Entre outros, dos edifícios recentemente construídos, poderemos citar os Palácios do Governo, do Conselho Provençal de

Economia, dos Correios e o magestoso Palácio da Justiça, obra do arquitecto Marcello Piacentini, que procurou fazer reviver nesta sua grande obra a solenidade e a magnificência dos tempos áureos da formosa ilha da Sicília.

Na «via» Garibaldi, além do belo monumento «L'Annunziata dei Catalani», que recorda a época da dominação romana, está o Museu Nacional que, neste momento em que a cidade toma uma nova característica, assume o aspecto de um santuário onde todas as relíquias e expressões de fé dos messineses, estão encerradas.

Entre as maravilhosas obras de arte expostas, de Antonello, Miguel Angelo, Alonso Rodriguez — pintor natural de Messina — de Montoreoli, merece especial relevo a magnífica farmácia do antigo hospital que contém ainda exemplares de Majolica, de Castel Durante, da segunda metade do século xvi.

Seguindo a estrada Príncipe Amedeo que se bifurca em Granatari, abandonando a que vai para uma povoação que se denomina Barcellona, e continuando na outra entramos em Faro, uma outra aldeia de pescadores no extremo do Cabo Peloro.

E do farol que se ergue no limite máximo do promontório temos a impressão de que a Sicília se ergue no meio do mar e estende um braço hercúleo para a Itália continental.

São cinco da tarde. O sr. Paternostro, amável cicerone e membro da «A. S. T. I. S.» dá o sinal da partida.

Os quinze automóveis da caravana tomam a direcção de Taormina.

À saída de Messina ainda há mais qualquer coisa a visitar: a fábrica destiladora «Di Pasquali». Entramos, caminhando por entre extensas plantações de jasmim, cravos e roseiras.

O ambiente anda impregnado de um intenso aroma de flores e éter. Com uma insistência terrorífica, taboetas negras com uma caveira e letras pintadas a branco com a inscrição: «rigorosamente proibido fumar».

Não era, talvez, necessário tanto rigor. A fragância das flores e o aroma do éter quasi nos embriagam e nos fazem esquecer o cigarro, o companheiro predilecto nas horas em que a tristeza ou a melancolia nos invade.

Espalhadas pelos canteiros, nos campos floridos, andam ranchos de raparigas colhendo aquelas flores que horas depois serão transformadas em extractos e essências caras. Um dia, mais tarde, essas lindas flores virão perfume as mulheres chiques das cidades, entontecer os homens com o seu aroma e então sim, então o perfume voluptuoso do cravo ou do jasmim não teria a alterá-lo o éter embriagador: evolar-se-há no ambiente junto com as pirâmides de fumo de um «boud d'ore» e o olhar terno e sensual de uma mulher...

Tôrres de Carvalho.

António Eça de Queiroz



É velha a frase: «filho de peixe sabe nadar». No caso de António Eça de Queiroz, pode ser aplicada. No entanto, justo é dizê-lo, o filho de Eça de Queiroz — já o havia demonstrado em obras anteriores e agora no volume «Crueldade» que há dias saiu do prelo, melhor o mostra — tem uma personalidade diferente da que tinha o autor dos «Maias». A crítica literária assim o tem dito. «Crueldade» é um bom livro, que se lê com agrado e com interesse. Nisto, julgamos, está o seu maior elogio.

Mercedes Blasco



A incansável escritora Mercedes Blasco lançou no mercado mais um livro: «Como se conquista um homem...». Como todos os que saem da sua pena nervosa, salitante e observadora, a sua última obra recomenda-se pela sinceridade com que está escrita, pelo elevado dos seus conceitos e pela sua factura perfeita. Não tem — como tanto hoje se usa — uma prosa doentia. Pelo contrário, é sábia e crescente de interesse.

Julião Quintinha



O último livro de Julião Quintinha — nosso prezado colega e escritor de grandes faculdades de observação — intitula-se «Novela Africana». É uma obra cheia de descrições das paisagens ultramarinas e onde se relatam alguns costumes desconhecidos dos que nunca passaram pelas colónias. Os problemas africanos são postos nas suas páginas com mão firme, com personalidade literária e com grande elevação.

NOTÍCIAS DA QUINZENA

A exposição do escultor João da Silva



João da Silva — incontestavelmente o nosso primeiro medalhista — expõe actualmente na Rua Nova de Santo António, 75 (a S. Mamede) alguns dos seus trabalhos. Do que é esse conjunto de obras de arte fala Reynaldo dos Santos desta arte:

«Nesta pequena exposição, que um ambiente de intimidade prepara para a emoção envolvendo as formas em doçuras de luz, João da Silva dá-nos a feliz oportunidade de surpreendermos aspectos menos conhecidos das suas qualidades de escultor, medalhista e criador duma pequena fauna artística que é um dos encantos e uma das facetas menos conhecidas e mais interessantes do seu talento plástico. Esta exposição revela-o decisivamente como um animalista encantador pela graça das atitudes ou ritmo de movimentos que soube surpreender, pela elegância e pelo estilo, pela solidez da factura e domínio perfeito do «metier».

Reynaldo dos Santos — uma autoridade como crítico de arte — acaba o seu estudo sobre o grande escultor João da Silva, com este período:

«Alguns dos seus bronzes — como os campinos — evocam toda uma região; o perfil de certas medalhas vinculam fortemente a personalidade dos modelos; nos bustos das crianças sente-se o carinho com que olha a infância; e nas atitudes das suas Tanagra's tão finamente modeladas, reconhece-se a paixão do subtil e o gosto de uma sensibilidade requintada».

«Devemos-lhe algumas das obras mais originais e delicadas da sua geração».

Uma conferência



No Palácio da Exposição Industrial, no parque Eduardo VII, realizou uma interessante conferência sobre «Patronização-Nomeação dos tipos de exportação de produtos portugueses para o Brasil — Vantagens da simplificação geral de todos os tipos de embalagens» o engenheiro brasileiro sr. dr. Firmo Dutra, figura de relevo no Brasil. Presidiu o sr. José Maria Alvares, presidente da Associação Industrial, secretariado pelos srs. Ernesto Ferreira da Costa, director da Associação Comercial e Vasco Bramão, da Sociedade de Propaganda de Portugal. Leu um brilhante trabalho, dando a conhecer que é uma verdadeira autoridade em assuntos económicos e industriais. A assistência dispensou-lhe grandes aplausos no final da conferência, finda a qual o sr. José Maria Alvares felicitou o orador e pôs em relevo as sugestões e os alvites que foram apresentados.

Dr. Ferreira da Costa



EM Tomar, na Escola Comercial e Industrial — Jacome Ratton, effectou, há dias, uma notável conferência o ilustre professor do Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras de Lisboa, sr. dr. João Augusto Ferreira da Costa. O tema foi: «A Indústria em Portugal». Presidiu o professor dr. Moisés Amzalak, vice-reitor da Universidade Técnica. O sr. dr. Ferreira da Costa proferiu uma brilhantíssima lição cheia de ensinamentos valiosos, tendo abordado, com grande conhecimento, a política económica, sob o aspecto internacional e referiu-se ao renascimento das nossas indústrias e aos vários inquéritos e reformas por que ela tem passado. Foi, no final da sua exposição, calorosamente aplaudido pela assistência.

D. Bernardo da Costa



QUEM percha de touros há muita gente, mas quem escreva — e escreva bem — sobre eles, é uma raridade. Surgiu, no entanto, agora um crítico: D. Bernardo da Costa (Mesquita). Percha e sabe dizer com sinceridade o que vê. Tem sido um pugador incansável pelos touros de morte. O seu último livro — «Tourar e farpear», do qual transcrevemos um capítulo noutra local — merece leitura, não só dos aficionados como dos leigos.

Tôrres de Carvalho



PARTIU para a Alemanha o nosso distinto colaborador sr. João Torrões de Carvalho, que em missão especial de alguns jornais, ali vai buscar elementos para uma série de artigos sobre a vida actual do povo daquele país. A Ilustração publicará, oportunamente, alguns deles.

O "DIA DO BOMBEIRO"



O chefe do Estado, acompanhado do comandante dos Bombeiros, sr. major Frederico Viar, no Quartel dos Municipais

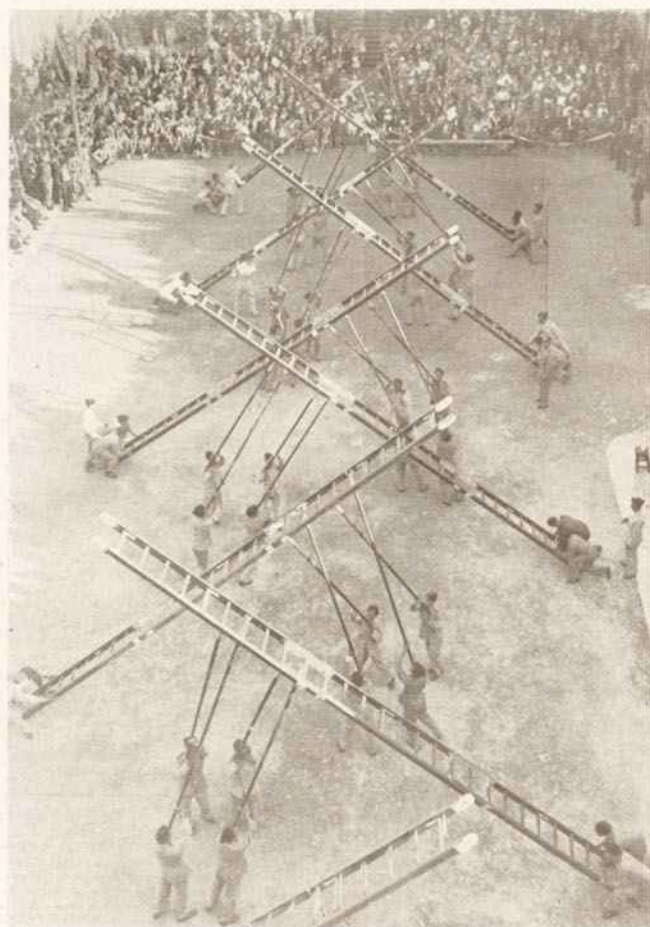
No quartel da Avenida Presidente Wilson, realizou-se o «Dia do Bombeiro», tendo prestado as suas provas finais os novos recrutas. Eram em número de 79. O programa foi rigorosamente cumprido. De manhã, houve uma romagem de saúde e gratidão aos que se sacrificaram as suas vidas para salvarem outras em perigo. O jazigo-monumento do cemitério dos Prazeres ficou juncado de flores. Pelas 11 horas, na parada do Comando Geral dos Bombeiros Municipais, houve a distribuição de capacetes, machados e distintivos aos 79 novos recrutas, e à tarde, na presença do Chefe do Estado e de alguns ministros, efectuaram-se as provas de ginástica e as manobras de especialidade: simulacro de incêndio, exercícios com as «escadas italianas» e distribuição dos prémios. Terminou com a «continência final» ao sr. general Carmona. A um sinal, os novos bombeiros encheram as janelas e o alto da casa-escola. No cimo — quarto andar — dois bombeiros desfraldaram a bandeira nacional e a da cidade.



O simulacro de incêndio constituiu um dos melhores números do programa e foi muito apreciado pela assistência



Os recrutas fazendo exercicio de ginástica sueca, sob o comando do instrutor-chefe, sr. capitão Reis



A assistência aplaudiu vivamente os executores da chamada manobra das «escadas italianas»

A época nacional de atletismo concluiu o seu primeiro período de actividade, reservado aos praticantes das categorias inferiores. O número de concursos disputados foi particularmente abundante e a sua análise permite-nos estabelecer conclusões precisas sobre o valor dos novos atletas e, por confronto, sobre os progressos presumíveis da especialidade.

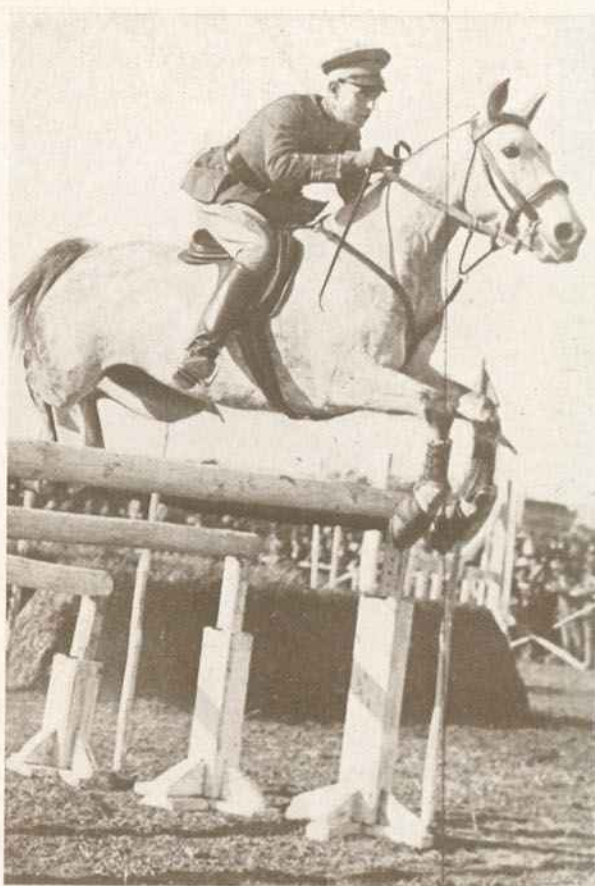
Tanto em Lisboa como no Pôrto o número de praticantes parece haver aumentado, registando-se a colaboração de clubes que haviam até á data desconhecido o atletismo. Fizeram-se resultados interessantes, fôram batidos numerosos r cords, tudo por gente nova, susceptível de aperfeiçoamento e melhoria de forma.

Na capital, Francisco Carvalho, um corredor de fundo que já se distinguira durante a época de cross, o saltador em altura Costa Macedo, o sprinter António Rendas, o lançador Henrique Fino f ram as figuras de maior relevo; no norte, o saltador negro Tavares Júnior, cheio de qualidades naturais e de defeitos técnicos, o corredor de velocidade prolongada Manuel Marau, o sprinter Portal Jorge, pareceram-nos aqueles a quem está reservado melhor futuro. No entanto, em todos estes, não encontramos o est fo de um único grande campeão, sendo Tavares o que possui melhor classe. Poderão vir a ser, na mediocridade do atletismo portuguez, figuras de futuro marcante, mas não nos parece que sejam factores de um progresso apreciável no capítulo da comparação internacional.

A conclusão mais segura que se extrai d estes torneios escolares e de juniors é a evidência da subida de valor dos norte-nhos em relação aos seus adversários do sul. Apesar de todos os esforços da Associação Regional, o atletismo lisboeta tem melhorado em superfície, mas não tem avançado em profundidade; os novos valores não valem o daga-ração precedente, que começam falhando e deixam os seus lugares por ocupar.

O encontro Pôrto-Lisbôa disputa-se êste ano na cidade do Douro e deve ser encarado pelos dirigentes de Lisboa com a maior ponderação, pois os factos indicam mais possível do que nunca, talvez mesmo provável, a primeira vitória da equipe portuense.

Poucos dias depois de publicada esta cr -



A QUINZENA DESPORTIVA

nica disputar-se-  a final do campeonato de Portugal de foot-ball, sendo adversários: Sporting e Belenenses.

A prova d este ano foi excepcionalmente animada, cheia de surpresas, esmaltada de alguns incidentes lamentáveis

nascidos num excesso de paixão que os dirigentes agora reprovam, mas da qual são os directos culpados porque a incitam nas ocasiões em que ela pode servir os seus interesses clubistas.

  lamentável que as competições desportivas alastrem as suas rivalidades para f ra dos recintos de jôgo e das leis da correcta lealdade, criando verdadeiras psicoses das multidões, que perdem t da a noção de civilidade e justiça.

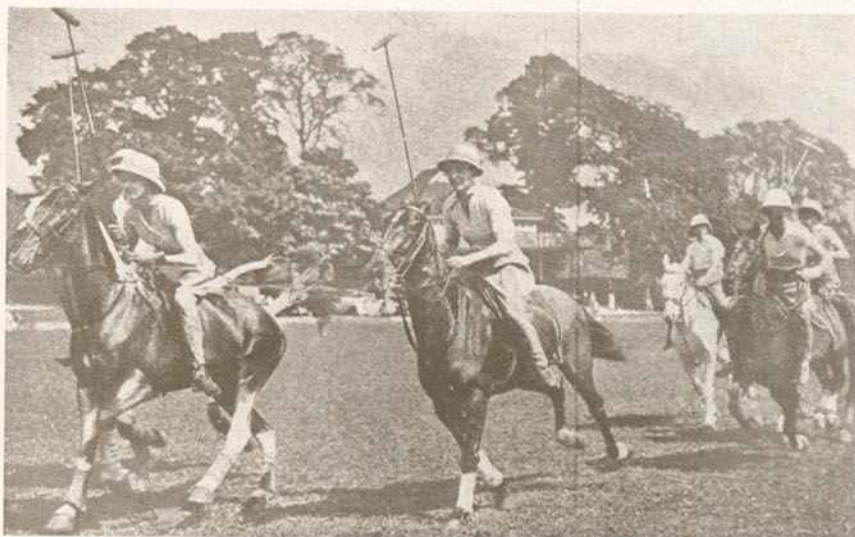
O espirito de represália, agravando-se de incidente em incidente, cria uma atmosfera irrespirável de desconfiança e deturpa t da a finalidade moral das competições desportivas.

  indispensável que a exaltação desapareça, os factos reprováveis sejam severamente verberados e unidos por dirigentes com pres-t gio e autoridade moral para o fazerem. Mas não vamos recommenar a guerra do alecrim e da mangrona!

Uma atitude repreensível nunca pode justificar uma outra pior ainda, e se   prudente acautelar a situação para que não possam repetir-se cenas vergonhosas atestando a mais cabal ausência de educação desportiva, nada justifica que se generalize a culpa, envolvendo nas mesmas acusações uma população clubista onde a maioria reprova os excessos de alguns d sculos sem responsabilidades e a pedir polícia. São com uma vaga generalizada de bom senso se conseguirá rep r o desporto na sua posição educativa.

Sob o patronato das várias Federações Su ssas, um jornal de Zurich organizou no passado mês de junho uma corrida omnidesportiva atlética e mecânica, designada Estafeta da Jungfrau e cujo pormenor   extraordinariamente original e interessante.

Da redacção do jornal parte um corredor a p , portador de uma mensagem que entrega junto ao limite da cidade a um ciclista. Êste parte a   à entrada do campo de aviação de Dubendorf, onde entrega a carta a um outro corredor pedestre, encarregado de a depositar nas mãos de um aviador, já pronto a seguir viagem na pista de descolagem. O avião transpõe dum v o a distância até ao cimo do Jungfrau (3.457m), onde aterra, confiando a missiva a um grupo de *skyadores* que, substituindo-se



EM CIMA: O marquês de Funchal, saltando no seu cavalo Altivo, vencedor do Grande Pr mio de Lisboa.
EM BAIXO: As senhoras inglesas dedicam-se agora com entusiasmo ao jôgo do polo

sucessivamente descem a montanha até à vila de Fiesch.

Aí cabe a vez a um motociclista que segue para Sion, onde confia a mensagem a um automobilista, o qual, por sua vez, a transporta ao aerodromo de Lausanne; um segundo aeroplano percorre o caminho de regresso, voltando a Dubendorf, onde novamente o corredor pedestre a confia ao ciclista e este ao outro pedestrianista que regressa ao ponto de partida.

Esta prova fôra já organizada em 1931, mas não concluiu porque o mau tempo impediu o aviador de descer no cimo do Jungfrau.

Finalmente, a prova é reservada apenas aos amadores e dotada de um trofeu que ficará na posse da equipe vencedora até que o seu tempo total venha a ser batido por uma outra equipe. Individualmente recebem os componentes do grupo, medalhas comemorativas.

O método de Muller é o sistema de educação física mais divulgado no mundo e dos mais praticados em Portugal pelas muitas pessoas que cultivam seu corpo sem professor a guiar-lhes os exercícios.

Para muita gente este Muller que deu nome ao método, é uma espécie de entidade misteriosa, eternamente jovem como a figura que ilustra a capa do seu livro, ou desaparecido já do número dos vivos. Afinal nem uns nem outros tem razão, é Muller ainda um robusto velhote que continua pondo em prática os princípios do sistema que criou há quarenta anos.

Graças à amabilidade de um amigo *mulleriano*, Alexandre Folgado Queiroz, podemos apresentar aos nossos leitores uma preciosa fotografia do mestre, no



Muller, o criador do célebre método de cultura física naturista. Pratica-o ainda aos 66 anos

meio das neves da Suíça, dedicada e assinada por ele que a autenticou ainda escrevendo em português, a sua bonita idade: 66 anos.

Recomendamos a sua análise às muitas mães que abafam seus filhos com imensas camisolas à minima descida do termómetro, e conseguem com tantas precauções acumular sobre eles constipações e defluxos.

Muller, nu no meio da neve, arriscava-se talvez em Portugal a ser preso por ultraje à moral pública, mas com certeza não se constipa.

O concurso hípico de Lisboa afirmou uma vez mais a grande classe dos cavaleiros portugueses, apesar da rija competição travada com os melhores ginetes espanhóis que a eles concorreram. Depois da vitória alcançada em Madrid na Taça de Ouro da Península, os resultados do nosso concurso confirmam o valor dos especialistas lusitanos, pois conquistaram a maioria das primeiras classificações.

A prova do Grande Prémio, a mais importante de todas as disputadas, terminou pelo triunfo brilhante do marquês do Funchal, hoje um dos nossos concursistas mais bem apetrechados.

No Coliseu dos Recreios apresentou-se durante as semanas últimas um grupo de profissionais da nova modalidade de luta de combate, o pancrácio. Renovado das mais remotas tradições da Grécia e adaptado ao sabor das preferências americanas, o «pancrácio» é uma forma de combate singular em que são permitidos todos os meios de ataque, excepto a dentada.

Mixto de luta livre e de pugilismo, os seus praticantes sofrem-lhe com frequência as conseqüências, apesar das prévias combinações que transformam

tôdas as lutas em simples espectáculos sem o mínimo valor como seriedade desportiva.

No nosso critério este torneio de pancrácio merece tão pouca simpatia como as touradas de morte, um e outro explorando nas multidões a curiosidade malévola que provocam no espírito das gentes os espectáculos sanguinários ou brutais.

As mulheres têm pouco a pouco invadido todos os terrenos do desporto masculino, competindo com eles no entusiasmo, no ardor que põem nas suas competi-

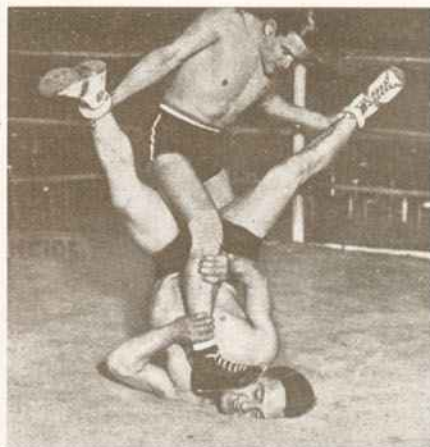
ções. O polo, desporto equestre essencialmente aristocrático, servira, até à pouco, à população elegante feminina apenas de optimo pretexto para exibirem na assistência, os últimos modelos dos seus trajes garridos; mas de tanto verem as evoluções rápidas dos cavaleiros, perseguindo no terreno a minúscula bola branca, chegaram a tentação de os imitar, trocando o seu papel passivo de espectadoras, pela situação activa de principais intérpretes no espectáculo.

Os primeiros grupos constituídos disputaram agora em Londres alguns encontros, com absoluto êxito e nos quais as raparigas demonstraram uma autoridade de consumadas amazonas.

A mulher portuguesa conserva-se ainda afastada de todas estas manifestações de actividade física, nas quais encontraria mais um pretexto para cultivar a sua beleza, dando-lhe a harmonia de linhas que caracteriza a moderna estética feminina.

As raparigas da nossa terra desconhecem a cultura física que lhes é indispensável, e à qual as suas irmãs estrangeiras rasgam cada vez mais largos horizontes.

Salazar Carreira.



O «Pancrácio»: luta renovada das tradições gregas, permite todas as «amabilidades»...



Algumas formosas desportistas inglesas, cultivadoras do jogo do «polo» a cavalo

VIDA FEMININA

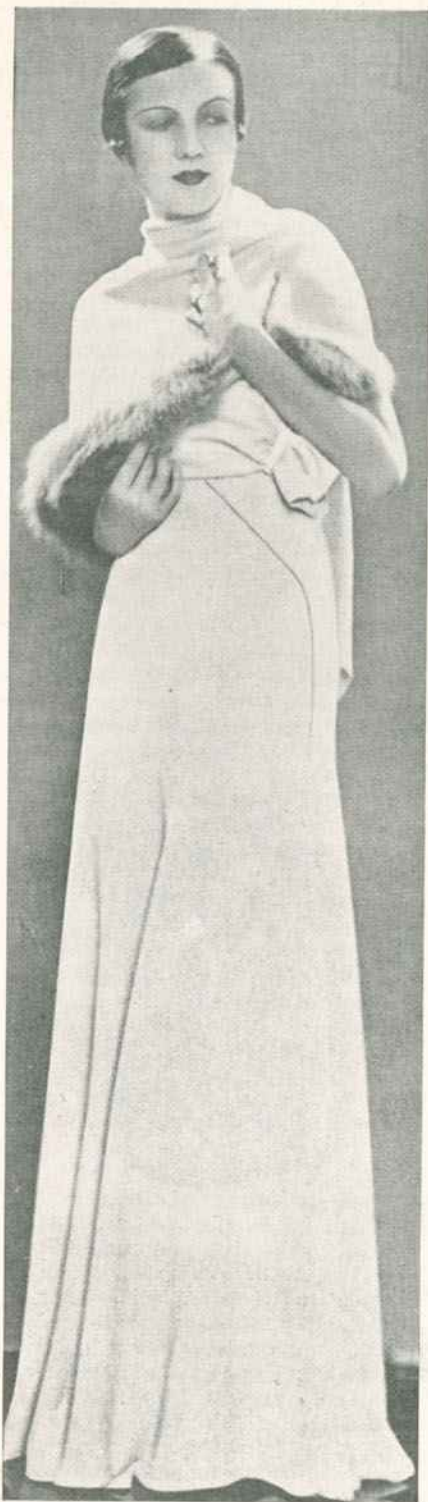
É muito triste dizê-lo, mas a falta de educação colectiva, em Portugal, fez-se sempre sentir. Individualmente há pessoas de esmeradíssima educação, requintada mesmo, no próprio povo cada um de per si, não é mal educado. Encontramos mesmo gente muito servicial, o que nem sempre acontece noutros povos, que têm fama de muito civilizados, mas a massa, ressentido-se, e, duma maneira notável da falta de educação cívica. E, é nas massas, que nós encontramos nos países onde a civilização não é um mito, a ordem a disciplina, o acatamento às ordens, que fazem dos povos educados, instrumentos de civilização. Sempre que em Portugal há uma festa ou um acontecimento, que motive a aglomeração de povo, a falta de educação cívica salta aos olhos, afligindo aqueles que desejam ver o país avançar, não apenas no progresso material mas também no progresso moral, esse progresso que torna grandes os povos que o possuem. Um dos exemplos frizantes da falta de educação do nosso povo foi a festa da aviação.

Um campo daquele tamanho não pode ser completamente policiado, em parte nenhuma do mundo onde essas festas se realizam, se faz o policiamento por tropa ou polícia, e, como aqui se fez, taboetas com letreiros fazem ver ao povo o risco em que se colocam e em que colocam os aviadores, que por dever de officio, arriscam as suas preciosas vidas, em provas de muito perigo. Mas a nada se atendeu, o povo não fazia caso dos avisos, deitava-os ao chão, a verdade é que infelizmente a maioria era de analfabetos, para quem esses avisos nada representavam. Fumavam, atirando para o chão fósforos acesos e pontas de cigarros, fazendo com que a erva seca, se incendiasse e pondo em risco os aviões, que são de grande valor e património de todos porque pertencem ao Estado. Mas isto ainda não foi o bastante, para melhor ver, sem respeito pela fragilidade dos aparelhos trepavam por eles, deteriorando-os, para verem bem as evoluções dos que no ar andavam, e, se alguns deles conservam os sinais de botas cardadas de algum ignorante filho do povo que a eles trepou, noutros, senhoras que tinham obrigação de saber o que fazem, procediam de igual maneira, empoleirando-se nos aparelhos que estragavam, para egoistamente verem melhor do que os outros. O resultado da invasão da pista por populares poderia ter tido resultados penosíssimos, porque a esta hora poderíamos ter que chorar a perda de arrojados aviadores, que ao Estado prestam valiosos serviços o que equivale a dizer que a todos os prestam.

O mal deste estado de coisas provém da falta de educação, que as mãis dão aos seus filhos. A mulher portuguesa incumbe nma grande responsabilidade na falta de educação geral. Quem de pequeno não recebeu uma educação perfeita, não pode ser verdadeiramente educado. Há dois males com que é preciso lutar e nessa luta, as mulheres têm de representar um importante papel. O analfabetismo que tem um povo a ignorar o que está escrito, para segurança própria e a falta de educação cívica.

O primeiro mal compete à mãi remediar mandando os seus filhos à escola obrigando-os a ter uma frequência regular. E não há pobreza que desculpe essa falta, porque já há muitas escolas de caridade em Lisboa e os alunos nem sempre têm a regularidade de frequência, que deveriam ter, preferindo muitas vezes as mãis, que elles andem pedindo esmola a que frequentem as escolas. Segundo é a mãi que compete incutir no espírito da criança o respeito pelas ordens e a disciplina geral que faz a educação cívica dum

povo. Não é enchendo os filhos de mimo e ensinando-os a fazer só a sua vontade, que se educa. E não é só às mãis do povo, que me dirijo é as de tódas as camadas sociais, porque em Portugal, pobres e ricos todos têm o mesmo lamentável sistema de educar, sendo consideradas más mãis as que não fazem aos filhos tódas as vontades. Mas que tódas as mulheres pensem



bem, e, que deste triste exemplo de má educação colectiva tirem o estímulo para dar aos seus filhos a educação que elles necessitam, e, que para que ao menos, mais tarde, se não dêem faltas destes, que são muito tristes para um povo inteiro pelo sintoma que representam.

Maria de Eça.

A moda

A moda este ano não é tirana, vê-se de tudo, vestidos esguios, estreitos, que moldam a figura numa gentil cinta, que deixa ver a graça do corpo e vestidos amplos rodados em que essa graça se advinha, mais do que se vê. Tecidos variados, desde os lisos aos desenhos mais floreados, triunfando através de tudo os de xadrez, e os quadradinhos pretos e brancos. De tudo se vê, tudo se usa, e tudo é elegante e bonito, do momento que seja usado com graça, com elegância e com «chic».

A mulher faz a «toilette», é ela que a impõe, que a torna encantadora ou banal. É preciso saber «porter la toilette» como dizem as francesas e é aí que está o triunfo inexplicável de algumas mulheres, que sem beleza rial, se impõem como rainhas de elegância. A orbe de escolher é tudo com a intenção que lhe é própria, a mulher advinha o que a favorece e sente o que a prejudica, fazendo notar os seus defeitos. Damos hoje um elegantíssimo modelo de vestido.

É em «ribouldingue» branco tem a sua elegância no corte de uma enorme simplicidade, que cinge o corpo, moldando-lhe as formas elegantes e perfeitas. Completa-o a graciosa «charpe» que forma capa e que na maneira de envolver os ombros, parece marcar bem, a sua forma grácil.

A mulher no desporto

É chegada a época do calor a verdadeira época do desporto e de vida ao ar livre. Hoje a mulher não se contenta em presenciar a actividade desportiva do homem. Toma ela a iniciativa e entrega-se com ardor à prática de todos os desportos. Damos hoje a gravura duma graciosa rapariga a quem o pijama dá o aspecto dum verdadeiro marinheiro governando ela só, o seu pequeno barco de vela, com a destreza dum velho lobo do mar e a graça duma sereia. Na outra gravura temos uma das mais activas «golfistas» de França, madame Albert Wattinne, que é uma das figuras marcantes do «golf» de «le Touquet» a elegante praia francesa. «Golf» que é muito especial, porque o seu campo é nas areias movediças das dunas, o que dá ao jogo um aspecto muito particular. É um belo e saudável sítio e uma sugestão para os amadores de «golf», que têm entre nós tão belas dnnas onde praticar o seu desporto favorito.

A mulher e o calçado

POR muito bem vestida que uma mulher esteja, se estiver mal calçada a sua elegância resente-se e não é completa. A mulher «chic» preocupa-se com a «toilette» dos pés à cabeça, dos sapatos ao chapéu, às luvas. É preciso vermos que nos mais pequenos detalhes se conhece a elegância duma mulher.

Damos hoje a gravura duma linda mulher a quem a sua elegância preocupa e que contempla os seus sapatos, meditando o que lhe falta. Todos os tecidos ali estão incluídos. Começa por fixar as suas chinelinhas em setim cor de rosa, guarnecidas a prata e ouro. Ao seu lado tem sapatos em suède vermelho e polimento preto. Em camurça castanha e polimento para o vestido «tailleur». Sapatos em setim e prata e todos em prata acompanharão os vestidos de noite e a sua

elegância bem marcada será ajudada pelo calçado sempre adequado aos vestidos, que ela usará por toda a parte.

Higiene e beleza

CONTINUAM as senhoras a fazer guerra à gordura e a querer emmagrecer. Muitas senhoras perguntam como emmagrecer, sem ficar anémicas, o exemplo de certos tratamentos cujas penosas conseqüências, têm visto, assustam-nas. Eis um método que dá sempre resultado, sem causar perturbações. Andar a pé regularmente, depressa e bastante tempo, pelo menos uma hora por dia, até provocar a transpiração, no regresso a casa tomar uma bebida quente, com muito açúcar, esse calor acelera a transpiração e o açúcar tem o papel de reconstituinte. Ele contém com efeito num volume restrito, uma porção de calorías completamente assimiladas pelo organismo, sem detritos, que se transformem em gordura. Substitue durante a cura todos os alimentos gordos que têm de ser postos de parte, e deve ser usada da maneira mais variada sobremesas, doces e compotas. A pastelaria deve ser abandonada porque as farinhas e a gordura de que estão cheios os folhados, engordam imenso, prejudicando assim o efeito da cura.

De mulher para mulher

Indecisa: Acho inútil a sua pergunta, do momento, que o seu marido se desgosta de a ver em «maillot» e tão delicadamente lho fez sentir, acho que não deve consultar mais ninguém e aceder à sua insinuação feita com tanta gentileza. Faça um vestidinho em «taffetas» com saíinha à «godet» ficam engraçados e enverga-o sobre o «maillot».

Marieta: Impossíveis não se exigem, do momento que toma banhos de mar e de sol, há de ficar com a pele queimada. Se prefere como diz, a sua brancura de lírio, não tome banhos. Há óleos para evitar as queimaduras dolorosas, mas não há nada para evitar que se escureça.

Julinha: Nada há mais engraçado para esse fim do que os vestidos de «piqué» branco, e chapéus do mesmo «piqué» pespontados. Para

campo e praia usam-se as abas grandes. Como calçado, sapatos brancos, de camurça ou de cotim. Usam-se também os sapatos brancos guarnecidos a preto e branco. No Estoril vêem-se muitos «pijamas». Nas outras praias não sei.

O açúcar

NAS famílias são as crianças muitas vezes ralhadas, porque se apoderam do açúcar e o devastam certamente, que a goloseima necessita ser reprimida pelos pais. No entanto é interessante saber porque é que as crianças correm para os doces. Como acontece com todos os fenómenos, a irresistibilidade de alguns dêles encontra a sua razão de ser e a sua explicação numa base biológica. O doce não é para a criança um superfluo, é, e deve ser essencial na sua dieta. A criança apeete o doce e rouba o açúcar porque tem necessidade para a sua economia fisiológica desta substância. Passado o período da amamentação a criança gasta-se em movimentos, conforme vai tomando posse do seu próprio corpo. Não se pode dizer quanta energia depende o bebê, mesmo o de 16 a 24 meses, durante o dia com as suas brincadeiras que começam a fazê-lo ter tanto movimento.

Compreende-se portanto que o esforço e a fadiga muscular consumam muito açúcar, o que já não acontece com os adultos. O consumo de açúcar cresce nos indivíduos adultos, que fazem desporto, por exemplo, os alpinistas. Além disso o crescimento da criança requer substâncias que sejam rapidamente absorvidas e transmitidas ao sangue e nenhuma há melhor nesse sentido do que o açúcar. Um especialista de crianças vienense escreveu que: «a criança deve sempre ter fome». É necessário ter presente que os farinaceos são rapidamente assimilados pelas crianças, o que ótimo para a sua saúde, sobretudo se o açúcar se associa às farinhas. E com esta observação está explicado porque é que as crianças gostam instintivamente dos bolos e dos pasteis. Não é preciso portanto exagerar. A criança necessita da refeição que a sua mãe lhe prepara, somente se deve entremear entre as refeições durante o dia qualquer doce higienicamente preparado.

Uma preciosidade

ENTRE os antiquários de Londres, fez-se uma aposta em quem apresentava ao público uma peça mais bela e mais característica. A escolha caiu no trono da rainha Elisabeth. Trata-se dum móvel de requintado relêvo, não somente pela perfeição com que foi executado, pelas delicadas entalhadas que são riquíssimas, mas também, pela Opaca histórica, da qual conserva a recordação. O trono foi feito em 1578. Consta dum baldaquino de quatro panos. O fundo é vermelho escarlate muito bem conservado, bordados a prata e ouro constituem um natural efeito de cores. Motivos fló-



reas como a rosa dos Tudor, leopardos e outros emblemas reais, correm na parte de baixo do baldaquino. No canto na parte superior tem bordado o braço nobiliário da família inglesa Woodhouse de Kimbeslay (Norfolk). O trono foi mandado construir por um membro desta família «sir» Roger, pela ocasião em que a rainha Elisabeth, fez uma viagem a Kimberlay, em 22 de Agosto de 1578. E a rainha ficou admirada da suntuosidade com que foi recebida. E em lembrança da sua visita, deixou à senhora da casa Woodhouse a vestia, que usava na ocasião da recepção, vestido que é todo um bordado a ouro, de finíssima execução. O trajo rial foi considerado um acessório do trono em que se sentou a rainha de Inglaterra.

Fantasia da moda

AS pessoas que gostam de saber com antecedência o que será a futura moda têm um artigo do *Journal* uma predição completa, que dizem vir dos círculos mais bem informados, sobre os meios onde se cria a moda. Os penteados farão da mulher actual, uma heroína romântica. Os vestidos parecer-se-ão com os do directório sobre as quais o busto encurtado, faz sobressair a redondeza das formas. Massé, o novo astro da cabeleireira parisiense, levanta um véu nos penteados suaves, aos caracóis, que cobrem toda a cabeça e que se enrolam na nuca. Acabaram-se os cabelos lisos e repuxados nas fontes, que davam uma expressão rígida ao rosto feminino. O triunfo do cabelo negro também viu o seu fim todas as mulheres deverão ter o cabelo loiro, platina, que se obtém com uma pintura especial. Mas como poderá a mulher moderna em meio das conferências, das sessões do parlamento, dos teatros, dos chás, dos jantares, das festas desportivas, ter tempo para os frizados e para as pinturas. Isso era bom para as nossas avós, que mandavam vir o cabeleireiro às cinco horas quando iam à noite à Ópera. Também aquele aparelho de tortura para a ondulação permanente passou de moda. Massé inventou um pequeno saco no qual se envolvem os cabelos, furado com mil buracos, que deitam sobre os cabelos baforadas de vapor tépido, que moldam harmoniosamente cabeleiras mais graciosas do que aquela com que Botticelli adornou a sua «Vénus que sai das ondas». De resto afirma-se que as meninas de quinze a dezóito anos recusam-se a cortar os cabelos, portanto isso indica a volta aos cabelos compridos num futuro muito próximo. Nos elegantes salões parisienses já têm apare-





cido as novas modas, vestidos de cintura curta e boleros em veludo. Uma elegante e espirituosa senhora ao vê tantas cabeças encaracoladas e tantos vestidos Directório, dizia: «procuro em volta o novo Napoleão e não o vejo». A moda percorre sempre o mesmo círculo. A invenção acaba e as modas repetem-se como afinal tudo no mundo se repete. Já não há novidades.

Opiniões várias

UM grande golpe sofreu, uma das teorias pseudo-científicas, cuja prática é uma ideia fixa dos americanos. O hábito de dormir com a janela aberta no quarto, seja qual for o tempo que faça lá fóra, a temperatura, a estação. Este golpe numa teoria tão querida ao coração da maioria dos americanos, foi-lhe dado pela Associação Médica do estado de Indiana, a qual publicou nestes últimos dias, no seu boletim periódico de informação, as conclusões dum inquérito científico sobre o costume de dormir com as janelas do quarto completamente abertas, e sobre as vantagens que apresenta em confronto, com o costume de dormir com elas fechadas. Para as pessoas duma especial natureza, jovens e de robustez física e superior à normal, o hábito de dormir com a janela aberta com todo o tempo pode ser salutar e pode não ter nenhum perigo, mas para a grande maioria, este hábito é mais perigoso do que benéfico. As indagações feitas pela medicina e pelos sábios de vários países demonstraram claramente e conclusivamente que os efeitos nocivos devidos ao facto de se dormir num quarto mal arejado durante a noite, isto é, o sentir dores de cabeça e um certo mal estar geral e de indisposição, que nos prova que dormimos mal, quando os sentimos, não são de facto devidos a presença de qualquer hipotética substância, no ar do quarto que a torna pouco adaptada à respiração e quasi maléfica, mas simplesmente a um excesso de calor e de humidade no quarto em que se dorme, ou mesmo a um só destes factores. «Dormi pois, com a janela aberta, quando o tempo e a estação o permitirem, mas não deveis fazer disso um fetiche ou uma mania. As correntes de ar directas, são sempre perigosas, mas quando se dorme, causam facilmente constipações e geralmente tendem a aumentar e não a diminuir, o perigo dos ataques de influenza, e, o aumento das doenças do aparelho respiratório». É isto o que diz o boletim da Associação de Indiana para nos precavermos contra o excesso da higiene. Está portanto de-

cretado, com bom tempo janela aberta, com o tempo húmido e frio, janela fechada.

Influências da mulher

ESTÁ-SE indagando a influência que tiveram as mulheres na vida dos grandes homens, e, soube-se que Napoleão era muito parecido com sua mãe Leticia Bonaparte. Pode dizer-se o mesmo no que diz respeito ao

Cardeal Richelieu. Pelas leis misteriosas do atavismo, ele é verdadeiramente o filho de sua mãe. Observando os retratos do grande Cardeal descobriu-se a grande parecença que tinha com ela, nem pela cara nem pela estatura, lembra seu pai François Duplessis.

Virtuosa numa época de costumes fáceis, inteligente, pertencia a uma antiga família de advogados; Suzanne de la Corte, representava o elemento intelectual da casa, em contraste com seu marido, nobreza de espada irrequieta e combativa. O futuro cardeal era o preferido da mãe, também porque era fraco e adoentado. Desde criança que tinha aquela falta de coragem, que foi satirizada pelos poetas humorísticos da época. Tendo perdido seu pai quando tinha seis anos, o pequeno Armando viveu entre sua mãe, sua avó, e, um perceptor eclesiástico, que não pensava em o incitar às brincadeiras de guerra que tanto encantam as crianças. Estudioso, dócil, observador, ele viu sua mãe defender os restos da fortuna paterna. Foi a sua primeira escola de diplomacia. Adolescente, em Paris, longe da influência materna, Richelieu procurava os ambientes femininos, sempre porém, entre pessoas amigas e parentes. Duas mulheres depois de sua mãe tiveram uma grande influência na sua vida. Madame Bouthlier, a primeira sincera amiga que o jovem estudante encontrou em Paris quando chegou da província e a duquesa d'Aiguillon, sua sobrinha dilecta, confidente e consoladora do grande homem de estado. Ficou viúva muito nova, e consagrou-se a governar a casa do cardinal. Enquanto às outras mulheres cujo nome foi unido ao seu, rainhas, grandes senhoras e aventureiras, foram apenas instrumentos nas hábeis mãos do grande homem político cuja simpatia não discutimos, mas cujo valor era incontestável.

Mulheres geógrafas

O «Giornale delle Donne» de Milão, escreve o seguinte: «O almirante Peary, como é sabido por todos, foi um dos mais importantes exploradores árticos. Era sempre acompanhado por sua mulher, que foi a primeira mulher branca, que participou numa exploração ártica. Durante uma hibernação no norte da Groenlandia, nasceu Maria Peary, o indivíduo da raça branca, nascido na latitude mais septentrional. Maria Peary, hoje já mãe de dois filhos grandes, organizou agora uma expedição ao norte da Groenlandia, onde

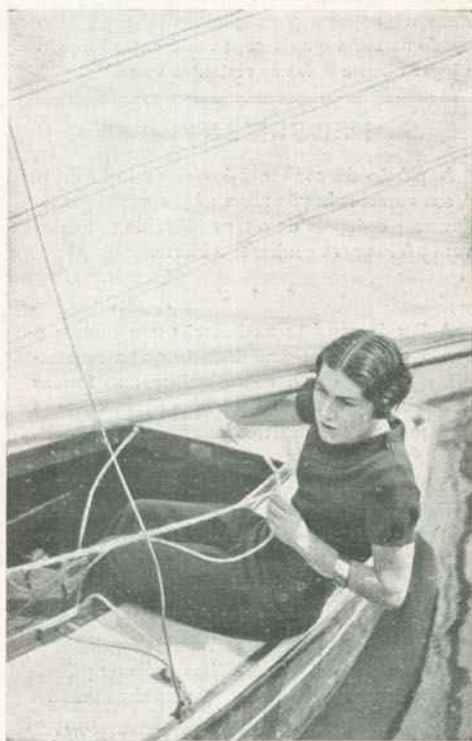
será inaugurado um monumento ao almirante Peary. A expedição de Maria Peary no barco «Marissey», leva a bandeira da Sociedade das Mulheres Geógrafas.

Fundada em 1925, a sociedade tem por fim constituir uma ligação entre as numerosas mulheres, que se ocupam de explorações geográficas.

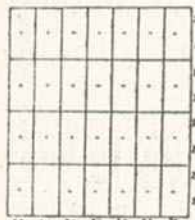
Pertencem a esta sociedade, senhoras de trinta e seis nações, e as sócias devem ter merecimentos científicos notáveis. É uma instituição muito interessante a que é bem natural que pertença a filha de Peary.

A vida sentimental

LUCIE Paul Margueritte continua a publicar no «Figaro» as suas reflexões sobre a vida sentimental e precisamente sobre o casamento e sobre a amizade. «O casamento é um seguro contra a solidão, que muitas vezes faz bancarrota». «É preciso ter sido mal casado para encontrar ligeiro o peso da liberdade». «As mulheres sensatas encontram loucos. As loucas atraem os homens sérios e assim a virtude tem ocasião de se exercitar». «Um marido não deve confessar tudo a sua mulher, depressa sentiria nos seus lábios o desprezo que lhe causa». «O melhor marido é aquele que melhor sabe mentir». «O casamento, de que se comete o erro de falar mal, faz mais felizes do que o amor». «Muitas mulheres, não procuram no marido, senão um defensor, a quem entregar a chave da casa, guarda que deve vigiar dia e noite». «Se o homem tem trabalho em mentir, é porque a mulher não aceita nunca uma verdade que a ofende». «Sem as amigas e sem os animais a vida perderia grande parte da sua doçura». «Temos amigos na felicidade e temos amigos na adversidade, mas não são os mesmos». «Nós queremos que as nossas amigas, é a imagem inversa, que projectamos de nós, nos seus corações». «Nós queremos que os nossos amigos, nos compreendam melhor do que nós mesmas, e que se alegrem e se desespere com-nosco, é pedir muito à amizade». «Como se não força o amor, não se força a amizade, merece-se sabendo-a esperar».



O RECTANGULO DE DOMINÓ



Trata-se de dispôr as vinte e oito pedras de dominó, exactamente como se vê na gravura, onde os pontos não estão indicados, de forma que estes, em cada uma das sete colunas, somem 24 e em cada uma das oito filas somem 21.

BRIDGE

Espadas. — Az.
Copas. — — —
Ouros. — Az, 7, 4, 3.
Paus. — Rei.

- 2, 7, 8, 9, Valete. **A** Espadas. — — —
 - Espadas. Copas. — Rei, Va-
 - Copas. **C D** Ouros. — Rei, Da-
 - Ouros. ma, 8.
 - Dama. — Paus. **B** Paus. — 9.
- Espadas. — Dama, 10.
Copas. — Az, Dama.
Ouros. — 6.
Paus. — 2.

Sem trunfo. B é mão e faz cinco vasas.

(Solução do número 12)

Pode jogar-se de duas maneiras. Ou B faz a passagem, ou pega com Az de espadas. Na primeira hipótese, C faz uma vasa em espadas e, voltando ao mesmo naipe, passa a mão a B, que faz a seguir cinco vasas de paus, baldando-se A às cartas baixas de ouros: joga depois o Az de espadas e a seguir uma carta baixa de copas, passando a mão a A, que faz então as suas copas e o Az de ouros. Na segunda hipótese, B entra, na primeira vasa, com o Az de espadas e, jogando os quatro paus altos, dá ocasião a que A se balde às suas copas: em seguida B faz três vasas de copas e por fim obriga D a ser mão pondo na mesa o 2 de copas. D é então forçado a jogar ouros e A faz as restantes vasas.

PENSAMENTOS

A paixão de conhecer é o Tema do Espírito A sua voracidade põe-nos a nú o coração para o devorar; e depois de o ter conhecido todo, devora a Vida para conhecer a Morte.

• • •

A Poesia consiste na Emoção que contem e que a suscita no animo daquele que a contempla e a escuta .. o contagio lirico; as formas schematicas do Verso, privadas dessa Emoção podem ser a Arte Poetica mas não são a Poesia.

• • •

Uma grande alma é um sublime espectáculo e devemos agradecer aquele que nol-o sabe revelar.

• • •

Viver sem analisar a Vida é a unica maneira de a gozar; porque conhecer a vida é principiar a temel-a se se tem uma alma fraca ou principiar a desprezal-a se se tem uma alma grande.

Vargas Villa.



DISCUSSÃO INFANTIL

- Os filhos de Noé foram três: Sem, Cham e Jafet, que povoaram a Europa, a Ásia e a África.
- E, também, povoaram a América?
- Cala-te, estúpido. A América povoou-a Cristóvam Colombo.

O APARELHO AUTOMÁTICO



O seu grande visor universal mostra no vidro despolido a fotografia que se pretende obter e o seu uso dá o maximo em

rapidez
precisão
simplicidade
segurança.

A Rolleiflex colocará V. Ex.^a na guarda avançada dos fotografos bons.

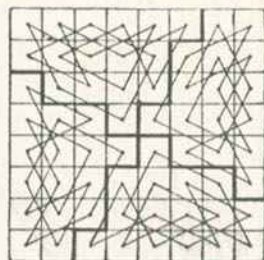


Vende-se nas casas de artigos fotograficos
Peça o catálogo B 140 da fábrica
FRANKE & HEIDECKE
BRAUNSCHWEIG - ALEMANHA

OS GIROS DOS 4 CAVALOS

(Solução)

O diagrama indica como pode ser dividido, em quatro partes iguais, com o mesmo tamanho e mesma forma, um taboleiro de xadrez, de maneira que, dentro de cada uma dessas partes, possa ser executado um giro reintrante, completo, de cavalo, isto é, sem invasão de nenhuma das divisões contiguas.



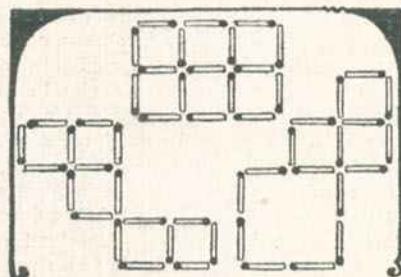
PALAVRAS CRUZADAS

(Solução)

| | | | | | | | | | | |
|------|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| I | D | C | A | D | A | V | E | R | E | |
| II | A | R | E | N | A | A | D | A | I | L |
| III | R | E | L | A | A | E | S | M | O | |
| IV | F | I | L | A | M | E | N | T | O | |
| V | L | O | A | M | A | N | O | D | E | |
| VI | I | R | S | O | R | T | E | E | R | |
| VII | A | M | A | R | I | R | A | R | A | |
| VIII | A | B | R | A | Ç | A | R | I | A | |
| IX | O | D | I | O | O | I | N | D | O | |
| X | R | O | C | A | R | N | A | D | A | R |
| XI | A | A | Z | E | M | U | L | A | A | |

O QUE HÁ DE MAIS FÁCIL

(Solução)



Eis a maneira de dispôr os dezassete fósforos, para formarem os diversos grupos, ora de seis, ora de cinco, ora de quatro quadrados.

PROVÉRBIOS

Quem compra o supérfluo vem a vender o necessário.

A beleza foi e pode ser sempre rainha.

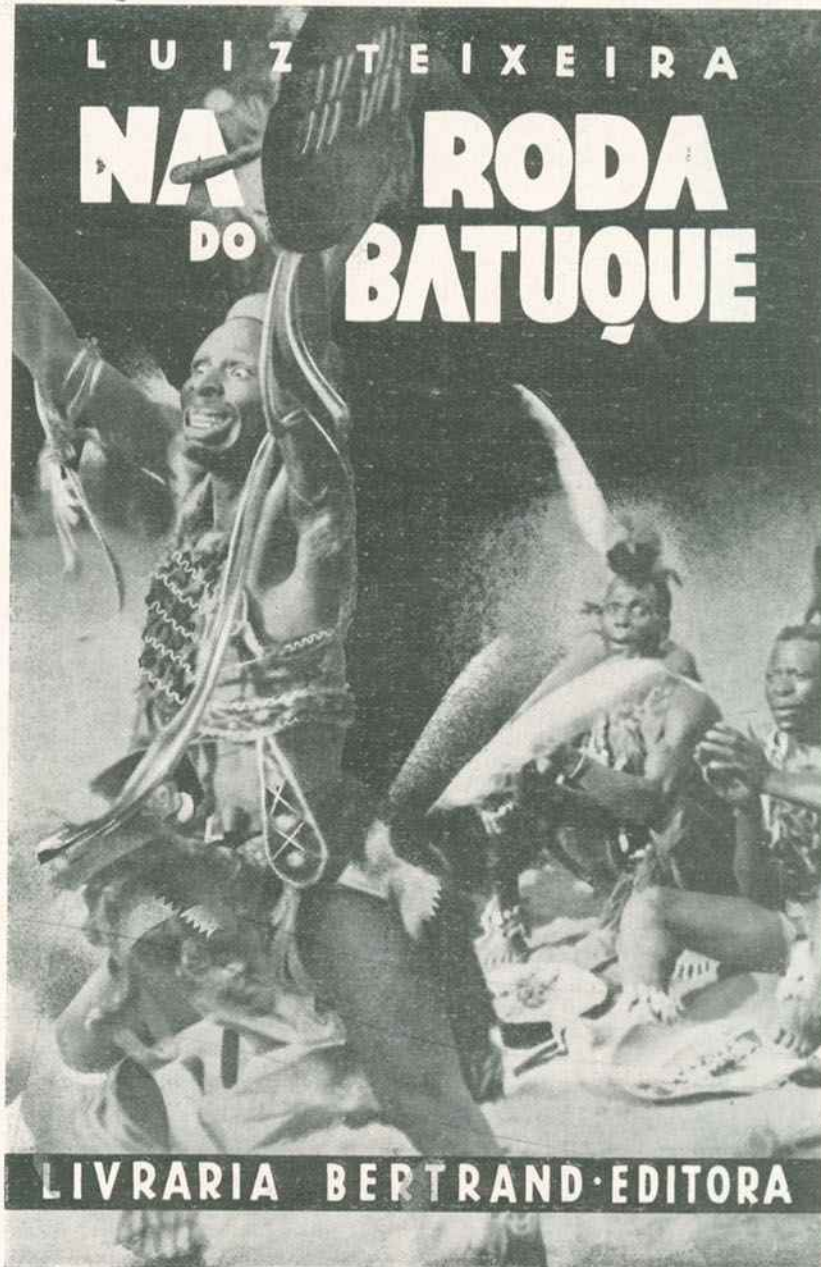
Os benefícios mal colocados são os maleficios mal legados.

Honra é dos amos o que se faz aos creados.

Não há homem sem nome, nem nome sem sobrenome.

A calúnia poupa o vicio e persegue a virtude.

UMA OBRA PRIMA DE LITERATURA COLONIAL



VINTE MIL QUILOMETROS NO CONTINENTE NEGRO

S. Tomé e Príncipe, Angola, Congo belga, Rhodesia, União Sul Africana, Moçambique

CIDADES — PAISAGENS — COSTUMES — ATRACÇÕES DESCONHECIDAS

1 vol. de 230 págs. com 18 gravuras e capa ilustrada . . . *Esc. 10\$00*

À VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS

Pedidos á LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

A' VENDA A 3.^a EDIÇÃO

DO
TOLEDO

IMPRESSÕES
E EVOCAÇÕES

por ANTERO DE FIGUEIREDO

«TOLEDO é um livro que se lê depressa e se relê de-vagar.»

AUBREY BELL.

1 vol. de 262 pag., brochado 10\$00
encadernado 14\$00



Pedidos á **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

**O MESTRE POPULAR
OU
O INGLÊS SEM MESTRE**

Pronúncia, gramática, conversação, correspondência, literatura,
ao alcance de todas as inteligências e de todas as fortunas

Adequado ao uso dos portugueses e dos brasileiros
por JOAQUIM GONÇALVES PEREIRA

S.^a EDIÇÃO

1 gr. vol. 560 pág. En. Esc. 30\$00

PEDIDOS Á

S. E. PORTUGAL-BRASIL
Rua da Condessa, 80 — LISBOA

A' venda em todas
as boas livrarias

A 7.^a EDIÇÃO, REVISTA

O último olhar de Jesus

por ANTERO DE FIGUEIREDO

1 volume de 375 páginas { brochado 12\$00
encadernado. 16\$00

Pedidos á **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

A' venda a 3.^a edição

A BATALHA SEM FIM

ROMANCE

POR

AQUILINO RIBEIRO

1 volume de 308 páginas, brochado 12\$00
Encadernado 16\$00

Pedidos á **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

À venda a 3.^a edição

PÁGINAS DE SANGUE

por **SOUSA COSTA**

Brandões, Marçais & C.^{ia}

Com uma carta zincografada de JOÃO BRANDÃO

SUMARIO

O Terror Negro. — A Beira miguelista. — A queima da pólvora. — O Terror Vermelho. — Manuel Brandão-o-Velho. — Convénio de Gavinhos. — A Guerrilha dos «Garranos». — O «Boi de Coja». — Figos coroados. — As murças dos senhores cônegos. — O «Russo». — O forte de S. Palo. — Montaria aos «Garranos». — O cura de Fajão. — O abade de Guardão. — Na feira dos Carvalhais. — Os lobos no fojo. — O Espadagão. — Terror cabralista. — João Brandão. — O juiz de Midões. — Batalhão de S. João das Areias em Viseu. — A guerrilha dos Marçais. — Assalto à Pesqueira. — Tragedia ao sol do Senhor. — A sentença de Apocalipse. — O Ferreiro da Várzea. — Morra Spartaco. — Peregrinação a Vizeu. — As feiras de Pinhel. — Odio velho. — As endoenças de Avô. — Padre Portugal. — A cabeça do Holofernes. — A Beira de hoje. — Carta de João Brandão. — R'predição da carta anterior. — Nota final.

1 volume de 266 págs., brochado 10\$00

À venda em todas as livrarias
Pedidos á **S. E. PORTUGAL-BRASIL**
Rua da Condessa, 80 — LISBOA

PAULINO FERREIRA

:: ENCADERNADOR - DOURADOR ::

AS MAIORES OFICINAS DO PAIZ,
MOVIDAS A ELECTRICIDADE

CASA FUNDADA EM 1874

Premiada com medalha de ouro em todas as exposições a que tem concorrido. — *DIPLOMAS DE HONRA* na exposição da Caixa Económica Operária e na Exposição de Imprensa

TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS OS GENEROS simples e de luxo

Orçamentos Grátis

Rua Nova da Trindade, 80 a 92 — LISBOA

Telefone 2 2074

LIVRO DE OURO DAS FAMILIAS



Verdadeira Enciclopédia da Vida Prática

COLEÇÃO METÓDICA DE **6.380** RECEITAS
 OBRA ILUSTRADA COM **198** GRAVURAS
 A MAIS COMPLETA DE QUANTAS EXISTEM PUBLICADAS

LIVRO DE OURO DAS FAMILIAS

é uma obra indispensável em todos os lares. Guia das boas donas de casa, satisfaz também plenamente quantos sobre **todos os ramos profissionais e artísticos** a queiram compulsar, podendo afirmar-se que nela encontrarão incluídos conhecimentos de valia

Obra de incontestável utilidade para toda a gente

No LIVRO DE OURO DAS FAMILIAS

são tratados assuntos que muito interessam à vida prática, como os referentes a: ORNAMENTAÇÃO DO LAR — MEDICINA PRÁTICA — SOCORROS DE URGENCIA — MOBILIÁRIO — LAVANDERIA — FARMÁCIA DOMÉSTICA — JARDINAGEM — PRODUTOS ALIMENTARES — COLAS, GOMAS, VERNIZES E TINTAS — PERFUMARIA — ILUMINAÇÃO E CALEFAÇÃO — SEGREDOS DO TOUCADOR — CONSERVAS — ANIMAIS DOMÉSTICOS — MANUAL DO LICOREIRO — METAIS — LIGAS E CIMENTOS — COURO E PELES — ANIMAIS DANINHOS — COPA E DOÇARIA — LAVORES FEMININOS — HIGIENE DA BELEZA — PASSATEMPOS — LAVAGEM DE NÓDOAS — TECIDOS E VESTUÁRIO — VIDRARIA — ADUBOS — HORTICULTURA — VETERINÁRIA — VINICULTURA E VITICULTURA, ETC.

LIVRO DE OURO DAS FAMILIAS

abrange tudo quanto importa conhecer, especializando-se pelo desenvolvimento, nunca atingido em obras similares, das secções em que o dividimos

A UTILIDADE DE UMA SO RECEITA PAGA O LIVRO!

1 grosso volume de 1.152 páginas lindamente encadernado em percalina a côres e ouro, custa apenas 30\$00

Pedidos às boas livrarias

Pedidos à S. E. PORTUGAL-BRASIL — Rua da Condessa, 80 — LISBOA

Biblioteca de Instrução Profissional

UMA OBRA DE ALTO VALOR

VOCABULÁRIO

DE

TERMOS TÉCNICOS

EM

Português, francês e inglês

COM **6.318** VOCABULOS

Pelo engenheiro-maquinista

RAUL BOAVENTURA REAL

1 vol. de 557 pags., encadernado

30\$00

PEDIDOS A

LIVRARIA BERTRAND

73, RUA GARRETT, 75

LISBOA

Grande sucesso literário

2.ª EDIÇÃO

As três mulheres de Sansão

NOVELAS

POR

AQUILINO RIBEIRO

1 vol. de 268 pags., brochado 10\$00

encadernado 14\$00

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75

LISBOA

Como se faz fortuna

POR

SILVAIN ROUDÉS

Um livro oportuníssimo, na época presente, em que a febre de enriquecer se faz sentir mais do que nunca

1 vol. de 264 pags., br. 8\$00

PEDIDOS À

Livraria BERTRAND
73, RUA GARRETT, 75 — LISBOA

Formidável éxito livreiro!

A novela anti-clerical

A Amante do Cardeal

por **BENITO MUSSOLINI**

Chefe do fascismo italiano e signatário do TRATADO DO LATRAO — Uma pintura empolgante da decadência moral da Igreja Católica no Renascimento

1 vol. de 222 págs., broch. 10\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, R. Garrett, 75 — LISBOA

Saiu a nova edição

ESTUDOS SOBRE O CASAMENTO CIVIL

POR

ALEXANDRE HERCULANO

1 volume de 284 páginas { brochado. 10\$00
encadernado 14\$00

PEDIDOS À

LIVRARIA BERTRAND
73, RUA GARRETT, 75 — LISBOA

O genial romance de guerra

Os Grilhetas do Kasier

por **THEODORE PLIVIER**

marinheiro alemão durante a Grande Guerra no Mar

Um brutal quadro realista que é a mais bela obra da literatura alemã dos nossos dias. **A batalha da Jutlandia** e os seus horrores, visto por um marujo russo

1 vol. broc. com 260 págs. 10\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, RUA GARRETT, 75 — LISBOA

Livros da Biblioteca de Instrução Profissional

PARA AS ESCOLAS INDUSTRIAIS

| | |
|--|--------|
| Algebra Elementar, 1 vol. enc. | 15\$00 |
| Aritmética Prática, 1 vol. enc. | 15\$00 |
| Desenho Linear Geométrico, 1 vol. enc. | 12\$00 |
| Elementos de Química, 1 vol. enc. | 14\$00 |
| Elementos de Mecânica, 1 vol. enc. | 12\$00 |
| Elementos da História da Arte, 1 vol. enc. | 25\$00 |
| Física Elementar, 1 vol. enc. | 14\$00 |
| Geometria Plana e no Espaço, 1 vol. enc. | 14\$00 |
| O Livro de Português, 1 vol. enc. | 12\$00 |

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garret, 75 — LISBOA

Mil e um Segredos de Oficinas

Seguidos das tabelas de M. Exupère

para a

Conversão de quilates em milésimos

por

MARCEL BOURDAIS

Tradução de

CARLOS CALHEIROS

Obra indispensável a todos os que se ocupam de reparações nas oficinas e a quem interessa conhecer as diferentes receitas e segredos para a douradura, prateadura, niquelagem, bronzagem, envernizamento, ligas, limpeza das joias, objectos de arte, e para qualquer operação de joalheria, ourivesaria, relojoaria, instrumentos de óptica, aparelhos de electricidade, armas, velocipedes, etc., e também para quem pretender organizar uma pequena indústria fácil e barata

1 volume de 300 páginas, brochado 10\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Saiu a nova edição

CARTAS

de

ALEXANDRE HERCULANO

2 volumes de 594 páginas, brochado 20\$00
Encadernado 28\$00

PEDIDOS À

LIVRARIA BERTRAND
73, RUA GARRETT, 75 — LISBOA

As melhores obras de JULIO VERNE

Colecção de viagens maravilhosas aos mundos conhecidos e desconhecidos

Trabalhos premiados pela Academia das Ciências de França. Versão portuguesa autorizada pelo autor e editores, feita pelos mais notáveis escritores e tradutores portugueses. Edição popular

Cada volume, ilustrado com 2 gravuras, encadernado 10\$00

- 1—**DA TERRA À LUA**, viagem directa em 97 horas e 20 minutos. 1 vol.
2—**A RODA DA LUA**, 1 vol.
3—**A VOLTA DO MUNDO EM OITENTA DIAS**, 1 vol.
AVENTURAS DO CAPITÃO HAT-TERAS:
4—1.ª parte—*Os ingleses no Polo Norte*. 1 vol.
5—2.ª parte—*O deserto de gelo*. 1 vol.
6—**CINCO SEMANAS EM BALÃO**, 1 vol.
7—**AVENTURAS DE TRES RUSSOS E TRES INGLESES**, 1 vol.
8—**VIAGEM AO CENTRO DA TERRA**, 1 vol.
OS FILHOS DO CAPITÃO GRANT:
9—1.ª parte—*América do Sul*. 1 vol.
10—2.ª parte—*Austrália Meridional*. 1 vol.
11—3.ª parte—*Oceano Pacífico*. 1 vol.
VINTE MIL LÉGUAS SUBMARI- NAS:
12—1.ª parte—*O homem das águas*. 1 vol.
13—2.ª parte—*O fundo do mar*. 1 vol.
A ILHA MISTERIOSA:
14—1.ª parte—*Os naufragos do ar*. 1 vol.
15—2.ª parte—*O abandonado*. 1 vol.
16—3.ª parte—*O segrêdo da ilha*. 1 vol.
MIGUEL STROGOFF:
17—1.ª parte—*O correio do Czar*. 1 vol.
18—2.ª parte—*A invasão*. 1 vol.
O PAÍS DAS PELES:
19—1.ª parte—*O eclipse de 1860*. 1 vol.
20—2.ª parte—*A ilha errante*. 1 vol.
21—**UMA CIDADE FLUTUANTE**, 1 vol.
22—**AS INDIAS NEGRAS**, 1 vol.
HEITOR SERVADAC:
23—1.ª parte—*O cataclismo cósmico*. 1 vol.
24—2.ª parte—*Os habitantes do cometa*. 1 vol.
25—**O DOUTOR OX**, 1 vol.
UM HERÓI DE QUINZE ANOS:
26—1.ª parte—*A viagem fatal*. 1 vol.
27—2.ª parte—*Na África*. 1 vol.
28—**A GALERA CHANCELLOR**, 1 vol.
29—**OS QUINHENTOS MILHÕES DE BEGUN**, 1 vol.
30—**ATRIBUIÇÕES DE UM CHINÊS NA CHINA**, 1 vol.
A CASA A VAPOR:
31—1.ª parte—*A chama errante*. 1 vol.
32—2.ª parte—*A ressuscitada*. 1 vol.
A JANGADA:
33—1.ª parte—*O segrêdo terrível*. 1 vol.
34—2.ª parte—*A justificação*. 1 vol.
AS GRANDES VIAGENS E OS GRANDES VIAJANTES:
35—1.ª parte—*A descoberta da terra*. 1.º vol.
36—1.ª parte—*A descoberta da terra*. 2.º vol.
37—2.ª parte—*Os navegadores do século XVIII*. 1.º vol.
38—2.ª parte—*Os navegadores do século XVIII*. 2.º vol.
39—3.ª parte—*Os exploradores do século XIX*. 1.º vol.
40—3.ª parte—*Os exploradores do século XIX*. 2.º vol.
41—**A ESCOLA DOS ROBINSONS**, 1 vol.
42—**O RAIOS VERDE**, 1 vol.
KERABAN, O CABEÇUDO:
43—1.ª parte—*De Constantinopla a Scutari*.
44—2.ª parte—*O regresso*. 1 vol.
45—**A ESTRELA DO SUL**, 1 vol.
46—**OS PIRATAS DO ARQUIPÉLAGO**, 1 vol.
MATIAS SANDORFF:
47—1.ª parte—*O pombo correio*. 1 vol.
48—2.ª parte—*Cabo Matifoux*. 1 vol.
49—3.ª parte—*O passado e o presente*. 1 vol.
50—**O NAUFRAGO DO «CYNTHIA»**, 1 vol.
51—**O BILHETE DE LOTERIA N.º 9:672**, 1 vol.
52—**ROBUR, O CONQUISTADOR**, 1 vol.
NORTE CONTRA SUL:
53—1.ª parte—*O ódio de Texar*. 1 vol.
54—2.ª parte—*Justiça*. 1 vol.
55—**O CAMINHO DA FRANÇA**, 1 vol.
DOIS ANOS DE FERIAS:
56—1.ª parte—*A escuna perdida*. 1 vol.
57—2.ª parte—*A colónia infantil*. 1 vol.
FAMILIA SEM NOME:
58—1.ª parte—*Os filhos do traidor*. 1 vol.
59—2.ª parte—*O padre Joan*. 1 vol.
60—**FORA DOS EIXOS**, 1 vol.
CESAR CASCABEL:
61—1.ª parte—*A despedida do novo conti- nente*. 1 vol.
62—2.ª parte—*A chegada ao velho mundo*. 1 vol.
A MULHER DO CAPITÃO BRA- NIKAN:
63—1.ª parte—*A procura dos naufragos*. 1 vol.
64—2.ª parte—*Deus dispõe*. 1 vol.
65—**O CASTELO DOS CARPATHOS**, 1 vol.
66—**EM FRENTE DA BANDEIRA**
A ILHA DE HELICE:
67—1.ª parte—*A cidade dos biliões*. 1 vol.
68—2.ª parte—*Distúrbios no Pacífico*. 1 vol.
69—**CLOVIS DARDENTOR**, 1 vol.
A ESFINGE DOS GELOS:
70—1.ª parte—*Viagens aos mares austrais*. 1 vol.
71—2.ª parte—*Lutas de marinheiro*. 1 vol.
72—**A CARTEIRA DO REPÓRTER**, 1 vol.
O SOBERBO ORENOCO:
73—1.ª parte—*O filho do coronel*. 1 vol.
74—2.ª parte—*O coronel de Kermor*. 1 vol.
75—**UM DRAMA NA LIVÓNIA**, 1 vol.
76—**OS NAUFRAGOS DO JONATHAN**, 1.º vol.
77—**OS NAUFRAGOS DO JONATHAN**, 2.º vol.
78—**A INVASÃO DO MAR**, 1 vol.
79—**O FAROL DO CABO DO MUNDO**, 1 vol.

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND—R. Garrett, 73-75—LISBOA



MATERNIDADE

O mais grato dever de uma mãe é ter a certeza de poder assegurar á criança um alimento natural. Nada ha que substitua com vantagem o leite materno, que dá á criança um forte impulso, fazendo-a triunfar na vida e protegendo a contra todas as doenças infantis.

A "Ovomaltine" tomada antes e depois do nascimento da criança, é inapreciavel para a mãe, produzindo-lhe uma quantidade de leite rico e abundante. Mantem tambem a sua energia e ajuda-a a recuperar a saude normal.

A "Ovomaltine" contem elementos concentrados extraídos dos alimentos naturais mais nutritivos e tónicos — leite fresco, malte seco e ovos. E' de todos os produtos o mais rico em alimentos nutritivos e de uso mais economico.

OVOMALTINE

é a saude

DR. A. WANDER. S. A. — BERNE

A' venda em latas de 110, 250 e 500 gr., respectivamente aos preços de 8\$50, 16\$00 e 30\$00

Unicos concessionarios para Portugal
ALVES & C.ª (IRMAOS)
Rua dos Correios, 41, 2.ª — LISBOA

P 756